

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
PÓS-DOUTORAMENTO EM MUSEOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO
LINHA DE INVESTIGAÇÃO - SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS

INVENTÁRIO E GESTÃO DE COLEÇÕES:
INSTRUMENTOS DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO RESPONSÁVEL
DO PATRIMÔNIO NO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA/
ILHA DE COTIJUBA-PA-BR

Orientanda: Maria Terezinha Resende Martins

Porto-Portugal
2017

MARIA TEREZINHA RESENDE MARTINS

**INVENTÁRIO E GESTÃO DE COLEÇÕES:
INSTRUMENTOS DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO RESPONSÁVEL
DO PATRIMÔNIO NO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA/
ILHA DE COTIJUBA-PA-BR**

Trabalho apresentado para o Curso de Pós-Doutoramento em *Museologia e Documentação*, Linha de investigação- Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa.

Orientador: Prof Dr Álvaro Campelo

Porto-Portugal
2017

Dedico este trabalho às minhas
irmãs Corina e Estela, pelo apoio
dispensado em momentos tão
importantes ao longo de minha
vida, não somente no que concerne
ao lado pessoal, quanto ao
profissional.

Agradeço:

Ao Professor Álvaro Campelo, com seu jeito simples e ao mesmo tempo tão profissional,
me deixou à vontade para criar;
Universidade Fernando Pessoa, pelo apoio dispensado;

A minha família Corina, Estela, Jaime, Ernesto, Eduardo, Dan, Vitória, Sereno, Terezinha
e Lázaro, obrigada pelo apoio, carinho e compreensão.

Aos meus especiais amigos: Therezinha Gueiros, Raimunda, Aurelinda, Selma e Hélio
pelo inapreciável apoio e contribuição a mim dispensado para esta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho: Durval, João, Vinícius, Clélia, José Guilherme e Gerson
pela amizade e significativa contribuição.

Às comunidades das áreas de atuação do Projeto Ecomuseu da Amazônia, especialmente
da ilha de Cotijuba, pelo apoio recebido e por novos amigos conquistados.

À Secretaria Municipal de Educação de Belém, Estado do Pará por ter me concedido à
oportunidade de realização deste pós-doutoramento.

A Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor
Eidorfe Moreira – FUNBOSQUE pelo incentivo à pesquisa.

Ao Projeto Ecomuseu da Amazônia muita gratidão pelos conhecimentos adquiridos;

In memoriam Aos meus pais Olinto e Malvina, e a professora Laís Aderne, que partiram
sem poder viver este momento tão importante de minha vida.

A evolução humana progride através dos mundos interno e externo dos indivíduos, das sociedades, da natureza e da cultura...

Todos esses domínios são sistemas vivos em interação, apresentando modelos semelhantes de auto-organização.

A humanidade surgiu através do próprio processo de criar cultura e necessita dessa cultura para sua sobrevivência e evolução.

Fritjof Capra

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	xii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Metodologia.....	2
1.1.1 Descrições do lugar de estudo.....	3
1.1.2 Tipo e método de estudo.....	3
1.1.3 População e amostra de estudo.....	4
1.1.4 Técnicas de coleta de dados e envolvimento da população.....	5
1.1.5 Técnicas de análise de dados.....	6
1.2 Objetivos.....	7
1.2.1 Objetivo Geral.....	7
1.2.2 Objetivos específicos.....	7
1.3 Justificativa.....	7
2. ASPECTOS TEÓRICOS.....	8
2.1 Ecomuseu da Amazônia: teoria e prática de inventário e gestão de patrimônio na ilha de Cotijuba.....	8
2.1.1 Ilha de Cotijuba: contexto físico, histórico-cultural e socioeconômico.....	8
2.1.1.1 Contexto físico concernente à ilha: hidrografia, vegetação, clima, geologia e solo... ..	9
2.1.1.2 Ilha de Cotijuba: contexto histórico-cultural.....	10
2.1.1.3 Ilha de Cotijuba: contexto socioeconômico.....	12
2.1.2 Ecomuseu da Amazônia: origem e implantação.....	15
2.1.2.1 Os primeiros contatos para a criação do Ecomuseu da Amazônia.....	16
2.1.3 Ecomuseu da Amazônia: processo de consolidação e produção.....	20
2.1.4 Ecomuseu da Amazônia e suas relações com os demais museus brasileiros, especialmente, os ecomuseus, museus comunitários e afins.....	24
2.1.4.1 O Ecomuseu da Amazônia e o estabelecimento das primeiras parcerias.....	24
2.1.4.2 O Ecomuseu da Amazônia e a ABREMC - relações institucionais.....	25
2.1.4.3 O Ecomuseu da Amazônia e o Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM/Ministério da Cultura-MinC-estabelecimento de parcerias.....	26
2.1.5 Ecomuseu da Amazônia: A experiência da organização do IV EIEMC.....	27
3. A PESQUISA.....	30
3.1 A importância do inventário nos museus e ecomuseus.....	30
3.2 Inventário Participativo: antecedentes do inventário participativo, conceitos e métodos usados na ilha de Cotijuba.....	33
3.2.1 Os biomapas e as oficinas como vetores de ações educativas na comunidade.....	41
3.2.2 Bens patrimoniais da Ilha de Cotijuba e ações do Ecomuseu da Amazônia para a sua preservação e uso responsável.....	43
3.3 Gestões de Coleções - Que coleções num ecomuseu? Que acervo? O que preservar no Ecomuseu da Amazônia?.....	48
3.4 Como tornar a comunidade gestora de seu patrimônio?.....	54

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	4
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICES.....	85
Apêndice A - (10) Questionários da Pesquisa de Campo, 2014.....	86
Apêndice B - (05) Entrevistas Semiestruturadas, 2015	87
ANEXOS	93
Anexo A - Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia: Carta de Belém, 2007..	94
Anexo B – IV EIEMC: Carta de Caratateua, 2012.....	96

RESUMO

Este estudo retratou a identificação patrimonial com o protagonismo dos comunitários para fins de inventário, seguido de uma proposta de gestão de coleções para a ilha de Cotijuba localizada no Estado do Pará/Brasil. O trabalho aprofundou esta reflexão e elucidou para a área selecionada, questões relativas ao tema proposto, buscando subsidiar por meio de pesquisa teórica e visita de campo, estratégias que possibilitaram o acesso a informações e pressupostos teóricos aos interessados, bem como à realização de estudos e melhoria de vida dos habitantes locais a partir da valorização, uso e apropriação responsável dos recursos patrimoniais em prol do desenvolvimento das comunidades. Aconteceu por meio de pesquisas descritivas, bibliográficas e documentais do acervo do Programa Ecomuseu da Amazônia, e demais dados de pesquisa concernentes à região estudada, complementada pela realização de visitas técnicas, palestras, oficinas, desenvolvimento de experiências e pesquisas, especialmente na área de patrimônio. Inicialmente a recolha de informações aconteceu por meio da aplicação de Diagnósticos Rápidos Participativos e Biomapas, posteriormente foram realizadas oficina de produções, roda de memória, formação de organizações sociais, exposições, feiras, narrativas/histórias de vida dos comunitários. E ainda, pela ocorrência de entrevistas e aplicação de questionários. A multiplicidade de métodos utilizados para a inventariação do patrimônio com as comunidades foram delineados de forma participativa e dialética desde o ano de (2007) com a oficialização do Ecomuseu da Amazônia, sempre com o aporte da comunidade, voluntários, parceiros e colaboradores e a mediação da equipe do Ecomuseu. A partir do entendimento deste estudo foram construídos objetivos específicos, tais como: Verificar a situação sócio-econômica dos habitantes da ilha de Cotijuba; Descrever o estado da arte dos objetos a serem pesquisados no inventário e gestão de coleções, nos museus e ecomuseus; Identificar e inventariar os elementos patrimoniais que permanecem na posse e uso da comunidade; Incentivar a participação da comunidade na inventariação dos bens culturais da Ilha de Cotijuba; Avaliar de forma qualitativa o impacto da intervenção/ações do Ecomuseu da Amazônia no redirecionamento dos modos de vida das comunidades e Possibilitar através do inventário e gestão de coleções, instrumentos que viabilizem a sustentabilidade e gestão dos bens culturais pelas comunidades locais. Estes foram construídos em complemento ao objetivo geral “Estabelecer, a partir do sistema de informação em museus, um inventário e gestão de coleções – onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo – através de instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Estado do Pará-BR”. Para encaminhar a análise destes questionamentos foi estabelecida uma pergunta: Qual o conhecimento que tem a comunidade da área pesquisada, no que tange ao inventário e gestão de coleções, como instrumentos facilitadores de valorização e apropriação responsável do patrimônio, para o estabelecimento de implantação de um projeto sustentável para ilha de Cotijuba? Observam-se por este método que a unidade das comunidades, encontra-se na diversidade de identidades, patrimônios, memória e valores do Território, assim como, no delineamento de estruturação das coleções ecomuseais. Fatores indispensáveis para uma possível implantação de um projeto sustentável com ênfase na valorização do patrimônio cultural local, para as comunidades da ilha de Cotijuba.

PALAVRAS-CHAVE: Ilha de Cotijuba; Ecomuseu da Amazônia; protagonismo das comunidades; Inventário; gestão de coleções.

ABSTRACT

This study portrayed the patrimonial identification with the protagonism of the communities for purposes of inventory, followed by a proposal of management of collections of Cotijuba Island which is located in Pará state/Brazil. The work deepened this reflection and clarified to the selected area, the questions which are related to the proposed theme, trying subsidize through the theoretical search, strategies that gave possibilities of access to information and theoretical assumptions for the ones who are interested in them, as well as the realization of studies and life improvement of the local population from the valorization, use and responsible appropriation of the patrimonial resources in favor of communities development. It happened by means of descriptive, bibliographical and documentary searches, which belong to the collection of Ecomuseu da Amazônia Program, and also some other search data concerning to the studied region, it also was complemented by some technical visits, speeches, workshops, development of experiences and searches, especially in the area of heritage. Initially, the collection of information happened through the application of the Participatory Quick Diagnosis and Biomaps, after we made production workshops, memory talks, building of social organizations, exhibitions, markets, narratives/histories of community population lives. And also, by some interviews and the application of some questionnaires. The multiplicity of the used methods to the inventory of the heritage with the communities has drawn in a participatory and dialectic way since (2007) with the officialization of Ecomuseu da Amazônia, it always happened with the support of the community, volunteers, partners and collaborators and the Ecomuseu group intervention. From the understanding of this study the specific objectives were built, like: to verify the socio-economic situation of Cotijuba Island inhabitant; To describe the condition of the art of the objects which would be searched in the inventory and the management of the collections in the museums and in the ecomuseums; To identify and to inventory the patrimonial elements that still belong to the communities and are used by them; To encourage the participation of the community in the inventory of the cultural goods at Cotijuba Island; To evaluate in a quantitative way the impact of Ecomuseu da Amazônia intervention/actions in the redirection of the communities ways of life and To enable through the inventory and the management of collections, instruments that make feasible the sustainability and manage of the cultural goods by the local communities. These were built to complete the general objective which is “ To establish, from the information system in museums, an inventory and manage of collections – where the community is one of the actors that is part of the process – through the instruments that enable the valorization and the responsible appropriation of the heritage in Ecomuseu da Amazônia/Cotijuba Island, Pará State -BR”. To forwards the analysis of these questionings we established a question: What is the community knowledge of the searched area, about the inventory and the manage of collections, as facilitator instruments of valorizations and responsible appropriation of the heritage, for the establishment of the implantation of a sustainable project at Cotijuba Island? We can observe by this method that the unit of these communities, is found in the identity diversity, heritages, memories and values of the Territory, as, in the design of the structuring of ecomuseums collections. Indispensable factors for a possible implantation of a sustainable Project with emphasis in the valorization of the cultural local heritage for Cotijuba Island communities.

Key words: Cotijuba Island; Ecomuseu da Amazônia; Communities protagonism; Inventory; Manage of collections.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa dos bairros do Município de Belém - Divisão Político-Administrativa, onde se encontram sinalizadas as áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR.....	15
Figura 2 - Matéria de Jornal sobre a criação/oficialização do Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR, com a Dra em Memória Social, Odalice Priosti.	18
Figura 3 - Matéria de Jornal sobre a criação/oficialização do Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR, pelo Jornalista Hélio da Motta Gueiros	19
Figura 4 - Matéria de Jornal com o Consultor Internacional, Hugues de Varine-Bohan sobre a pré-divulgação do IV EIEMC, sediado pelo Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR	28
Figura 5 - Exposição Estivas – Retrata amostra de acervo do Território Ecomuseu da Amazônia, por meio de imagens, objetos, histórias, lendas, crenças... Belém-PA/BR.....	34
Figura 6 - Projeto Artesania Naval – Elaboração de Cartilha/Manual de Canoas, Território Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA/BR.....	36
Figura 7 - Biomapa Comunitário - Roteiro Patrimonial de Visitação-Comunidades da Fazendinha e Poção/ilha de Cotijuba, Belém-PA/BR.....	38
Figura 8 - Diagnóstico Rápido Participativo – DRP - Identificação de espécies medicinais e do patrimônio cultural, Território Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA/BR.....	42
Figura 9 - Biomapa Comunitário da Ilha de Cotijuba, Belém - PA/BR.....	43
Figura 10 - PMB - Plano Diretor da ilha de Cotijuba: mapa de zoneamento.....	50
Figura 11 - PMB - Plano Diretor da Ilha de Cotijuba: mapa de equipamentos urbanos....	51
Figura 12 - Cenário de fotos enfatizando a Sede e ações do Ecomuseu da Amazônia..	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese: Ações do Ecomuseu da Amazônia	22
Tabela 2 - Síntese representativa de constituição dos participantes do IV EIEMC	29
Tabela 3 - Patrimônios identificados pelos entrevistados (respostas múltiplas).....	44
Tabela 4 – Quantidade de cobertura vegetal nas ilhas de Belém, em porcentagem.....	46
Tabela 5 - O Patrimônio, segundo os questionados na ilha de Cotijuba.....	60
Tabela 6 - Ecomuseu da Amazônia: Coleções Ecomuseais da ilha de Cotijuba.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários
 BR - Brasil
 CE - Ceará
 CEPE - Casa Escola de Pesca
 CF - Constituição Federal
 CG - Comitê Gestor
 CNC - Conferência Nacional de Cultura
 CNPC - Conselho Nacional de Políticas Culturais
 COARTE - Cooperativa dos Artesãos
 COSAPA - Conselho Superior de Artesãos do Pará
 CRC - Colônia Reformatória de Cotijuba
 DF - Distrito federal
 Diagnósticos Rápidos Participativos-DRP
 DL - Decreto Lei
 EIEMC - Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários
 Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
 FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz
 FITA - Feira Internacional de Turismo na Amazônia
 FNC – Fundo Nacional da Cultura
 FNS - Fundação Nacional da Saúde
 FNM - Fórum Nacional de Museus
 FUMBEL - Fundação Municipal de Belém
 Funbosque - Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira
 GO - Estado de Goiás
 GTs - Grupos de Trabalhos
 IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
 IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
 IESAM - Instituto de Educação Superior da Amazônia
 IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
 MABE - Museu de Arte de Belém
 MG – Minas Gerais
 MinC – Ministério da Cultura
 MMA - Ministério do Meio Ambiente
 MMIB - Movimento de Mulheres das ilhas de Belém
 MS - Mestre
 NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica
 PA – Pará
 PMB - Prefeitura Municipal de Belém
 PNMA - Política Nacional de Meio Ambiente
 PNRH - Política Nacional de Recursos Hídricos
 PNSM - Plano Nacional Setorial de Museus
 PR - Paraná
 REM - Rede de Educadores em Museus
 RJ – Rio de Janeiro
 RMB - Região Metropolitana de Belém

RS - Rio Grande do Sul
SBM - Sistema Brasileiro de Museus
SEDUC - Secretaria Estadual de Educação
SEMEC – Secretaria Municipal de Educação
SIM - Sistema Integrado de Museus do Estado do Pará
SOAMI - Sociedade de Amigos de Icoaraci
SP - São Paulo
TBC - Turismo de Base Comunitária
UE – Unidade Educacional
UEPA - Universidade do Estado do Pará
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia
UNAMA - Universidade da Amazônia
UnB - Universidade de Brasília
UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
US – Unidade de Saúde
ZAN - Zona do Ambiente Natural
ZEIP - Zonas Especiais de Interesse do Patrimônio Histórico e Cultural

1. INTRODUÇÃO

A importância do bioma amazônico como patrimônio natural brasileiro é sobejamente importante para a vida do planeta. Neste sentido, especialmente, trata-se de parte deste bioma, a ilha de *Cotijuba*, localizada na Região Metropolitana de Belém-RMB, Estado do Pará. A ilha é o espaço territorial que abriga este estudo “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos de valorização e apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba-Pará-PA/Brasil-BR”. O trabalho tenciona aprofundar esta reflexão e elucidar para a área selecionada, questões relativas ao tema proposto, buscando subsidiar, por meio de pesquisa teórica e visita de campo, estratégias que possibilitem à realização de estudos e melhoria de vida dos habitantes locais, a partir da valorização, uso e apropriação responsável dos recursos, saberes e fazeres, em prol do desenvolvimento das comunidades, tendo por base o ‘inventário participativo’.

Para Thiollent (2000, p.63), “é uma pesquisa social de base empírica, concebida e realizada em estreita associação com as ações ou soluções de problemas coletivos com envolvimento dos participantes representativos da situação de modo cooperativo ou participativo”. Trata-se, portanto, de um estudo social que buscará respaldos na revisão bibliográfica e na participação popular, assim como procurará superar a lacuna existente entre teoria e prática, uma vez que se trata de uma pesquisa-ação.

É relevante neste estudo citar a legislação brasileira pertinente à área de estudo, dentre as quais, a Constituição Federal-CF/1988, Art. 225. Este artigo orienta as questões ambientais no que concerne os direitos e deveres do cidadão e ao poder público. Outro tema a ser considerado neste trabalho será o fator água. A água que circunda a ilha de Cotijuba, além de contribuir para a formação dessa microrregião, tornando-a um território estratégico, representa também um elemento constitutivo do patrimônio da cultura local, pela sua relevância nas áreas sócio-econômicas, ambientais, ecoturísticas e patrimoniais. Referimos, também, a importância que exerce no comportamento das populações ribeirinhas no que concerne a sustentação, seus hábitos, tradições e o caráter místico que adquire, uma vez que as águas simbolizam a vida e estão relacionadas à idéia de fertilidade. Para evidenciar o fator água, foi evocado o pesquisador Pedro Arrojo Agudo (2007) acerca de uma nova cultura da água, tema que enriquece debates por meio de questionamentos e desafios, a requerer mudanças de atitudes dos diversos segmentos da sociedade, incluindo ainda a nova cultura de sustentabilidade. O Encontro por uma ‘nova cultura da água’ na América Latina, conforme Oliveira (2005) foi, na realidade, um divisor de águas, ou seja, um novo marco de pensamento e determinação para os novos caminhos que precisam ser tomados para que a vida continue a ser preservada. Tendo em vista os conteúdos a inventariar, sua especificidade e seu contexto sociocultural, assumimos que esta inventariação só poderia ser realizada através de um ‘inventário participativo’, onde a colecta, preservação e divulgação dos elementos a ‘inventariar’ teriam de estar centrados na comunidade local e nas suas vivências, que teriam de assumir este papel, para sua sustentabilidade e sua auto-estima. Os elementos mais ‘tradicionais’ para esta museologia ecológica utilizariam todos os instrumentos técnicos de recolha e guarda disponíveis, desde os mais clássicos aos mais inovadores, desde que fosse a comunidade a conhecer e dominar os mesmos instrumentos.

1.1 Metodologia

A pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos de valorização e apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba-PA-BR”, foi realizada por meio de pesquisas descritivas, bibliográficas e documentais do acervo do Programa Ecomuseu da Amazônia, e demais dados de pesquisa concernentes à região estudada. A pesquisa e o trabalho também foi realizados por meio de visitas técnicas, palestras, desenvolvimento de experiências e pesquisas, especialmente na área de patrimônio, inicialmente pela realização de pesquisa socioeconômica, para obtenção do perfil dos comunitários; e ainda, oficina de produções, roda de memória, formação de organizações sociais, exposições, feiras, narrativas/histórias de vida dos comunitários, etc.; e também, pela realização de entrevistas e aplicação de questionários. Alguns elementos da comunidade foram capacitados para utilizar os instrumentos de inventariação e guarda dos conteúdos levantados.

A partir do entendimento deste estudo, foram construídos objetivos específicos, tais como: i. verificar a situação socioeconômica dos habitantes da ilha de Cotijuba; ii. Descrever o estado da arte dos objetos a serem pesquisados no inventário e gestão de coleções, nos museus e ecomuseus; iii. Identificar e inventariar os elementos patrimoniais que permanecem na posse e uso da comunidade; iv. Incentivar a participação da comunidade na inventariação dos bens culturais da Ilha de Cotijuba; v. avaliar de forma qualitativa o impacto da intervenção/ações do Ecomuseu da Amazônia no redirecionamento dos modos de vida das comunidades; vi. E possibilitar, através do inventário e gestão de coleções cooperativas, instrumentos que viabilizem a sustentabilidade e gestão dos bens culturais pelas comunidades locais. E ainda foram complementados pelo objetivo geral: estabelecer, a partir do sistema de informação em museus, um inventário e gestão de coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Estado do Pará-BR.

Para encaminhar a análise desses questionamentos foi estabelecida uma pergunta: que conhecimento tem a comunidade da área pesquisada, no que tange ao inventário e gestão de coleções, como instrumentos facilitadores de valorização e apropriação responsável do patrimônio, para o estabelecimento de implantação de um projeto sustentável para ilha de Cotijuba?

A possibilidade desta investigação se torna viável porque trata de uma comunidade em consonância com os problemas de sua região, que vem sendo acompanhada e capacitada nos seus fazeres e saberes através da execução de projetos realizados na ilha, dentre eles o Ecomuseu da Amazônia. Assim, a proposta da pesquisa-ação é oriunda de uma modalidade de pesquisa social, uma vez que existe um diálogo entre a pesquisadora, a equipe do Ecomuseu da Amazônia e os pesquisados, os quais estão envolvidos na busca de solução para a implantação de um projeto que tenha como base a valorização e apropriação responsável do patrimônio da ilha pelos comunitários. Neste sentido a metodologia em destaque relaciona a pesquisa à ação ou prática, isto é, vai de encontro aos anseios da comunidade da ilha de Cotijuba. E ainda, motiva-os a protagonizar sua história, valorizar e reafirmar sua cultura, conhecer os processos de inventariação, conservação e transmissão do seu patrimônio, elementos essenciais à melhoria de vida e a obtenção de conhecimentos por parte dos envolvidos.

Desta forma a organização da metodologia de trabalho será assim desenvolvida: descrições do lugar de estudo; tipo e método de estudo; população e amostra de estudo; técnicas de coleta de dados e envolvimento da população; e, por fim, técnicas de análise de dados.

1.1.1 Descrições do lugar de estudo

O Brasil, segundo IBGE (2010) conta com uma população de 190.732.694 habitantes, para uma área de 8.514.876,599 km². É constituído de (26) vinte e seis estados e um distrito federal. O Pará é composto por uma população de 7.588.078 habitantes, distribuídos em (143) cento e quarenta e três municípios; destes, 2.043.537 habitam na RMB. É o segundo maior Estado do Brasil em extensão territorial, formado por uma área de 1.253.164,5 km², IBGE (2010). Santa Maria de Belém do Grão-Pará, mais conhecida como Belém, a capital paraense, conta com 1.392,031 habitantes.

O Município de Belém foi fundado em 1616, está localizado na região Norte do Brasil, sua população é oriunda da miscigenação do povo português com os índios Tupinambás, etnia que habitava a região à época de sua criação. Em decorrência da grande quantidade de mangueiras nas ruas, recebeu também a denominação de “Cidade das Mangueiras”. Sua área de abrangência, além da parte continental, integra rios, igarapés, furos, canais e baías, sendo dois terços de seu território formado por ilhas, conforme Silva (2007, p. 9) em número de (39) trinta e nove, ou seja, a porção continental corresponde a 17.378,63 ha ou 34,36% da área total; e a porção insular 33.203,67 ha ou 65,64%. Dentre as ilhas citadas se encontra Cotijuba, a terceira ilha em dimensão territorial da RMB, ficando após as ilhas de Mosqueiro e Caratateua. O Município de Belém é o principal acesso de entrada da Região Norte-BR. Devido a sua privilegiada posição geográfica, é banhado pela baía do Guajará, que recebe águas dos rios Guamá, Acará e Moju. Está localizada em um dos braços do Rio Amazonas, que possui em sua foz a ilha do Marajó, integrante do arquipélago do Marajó.

A ilha está localizada no estuário do Rio Pará, as proximidades da baía do Guajará, limita-se ao Norte, pela baía do Marajó; ao Sul, pelo furo do Mamão, que a separa das ilhas de Jutuba e Paquetá; a Leste, pela ilha de Tatuóca e, a Oeste, pelo canal de Cotijuba, que serve de ligação entre a baía do Guajará e o rio Pará. Segundo o Anuário Estatístico de Belém (2008), Cotijuba dispõe de uma área de 15,95 km² de extensão, sendo 20 km de praias, belas paisagens e significativa riqueza de fauna e flora amazônica. Em linha reta, encontra-se a 22 km da capital paraense. Sem confirmação de data, para Santana (2002, p. 29) “os primeiros habitantes da Ilha foram os índios Tupinambás, que a batizaram com o nome de Cotijuba, originado do tupi-guarani, que significa caminho dourado (coti= trilha, caminho; e juba= amarelo, dourado), em alusão aos reflexos produzidos pela lua nos caminhos arenosos de coloração amarela”. A ilha é, por conseguinte, o objeto deste estudo “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos de valorização e apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba-PA-BR”.

1.1.2 Tipo e método de estudo

Trata-se de um estudo pautado em revisão documental e bibliográfica, permeada pela investigação-ação, possibilitando o estabelecimento da relação pesquisador *versus* pesquisados. Trata-se portanto de uma investigação-ação. Para Engel (2000, p.182) “é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é

considerada como ‘independente’, ‘não-reativa’ e ‘objetiva’. Neste contexto a pesquisa procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolve o conhecimento e a compreensão como parte da prática, torna possível uma maior integração dos envolvidos na aquisição de um conhecimento mais profundo acerca da situação vivenciada, já que o participante neste estudo é produtor da sua própria história, portanto sujeito dessa produção.

Desta forma, o estudo integra dois modelos, o denominado misto; um deles, o qualitativo que “utiliza coleta de dados sem medição numérica, neste caso não enfatizará hipóteses. O outro modelo, estudo quantitativo, será utilizado para identificar e quantificar os patrimônios e as coleções pesquisadas na ilha. Neste modelo o estudo também não considera a hipótese, mas apenas os dados quantitativos. Para Hernández-Sampieri *et al* (2006, p.15) uma pesquisa é realizada a partir da “perspectiva de um dos dois enfoques, o qual prevalece, e o estudo conserva componentes do outro enfoque”. Reporta-se, neste sentido a um estudo com relevância qualitativa, uma vez que retrata o conhecimento, a importância das comunidades, e ainda identifica e descreve os patrimônios e coleções inventariados de acordo com relatos das comunidades e documentação bibliográfica concernente ao tema estudado. Para concluir, metodologicamente, este estudo, será desenvolvido com base no modelo misto (quali-quantitativo), a partir de dados patrimoniais coletados na ilha de Cotijuba, com o aporte da equipe do Ecomuseu da Amazônia e comunidade da área pesquisada, bem como buscará respaldos em acervos documentais e bibliográficos pertinentes ao tema, “Inventário Participativo e Gestão de Coleções”.

1.1.2 População e amostra de estudo

A população está pautada nas comunidades do Território da ilha de Cotijuba, uma das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia. Dentre as diversas formas de participação dos comunitários, destaque para o trabalho de identificação do patrimônio, executado entre os anos de 2007 a 2016, por meio dos diversos instrumentos de pesquisa de campo. E ainda, pela realização de *entrevistas e aplicação de questionários junto aos comunitários*. A população integra (15) quinze líderes comunitários, dos quais (05) cinco foram entrevistados por via semiestruturada e (10) dez, pela aplicação de questionários fechados, que foram arguidos entre os anos de 2014 e 2015. O objetivo foi estabelecer uma relação entre o material coletado anteriormente, através de acervos já existentes, e o atual estado da arte da ilha de Cotijuba, integrando a comunidade nesta discussão e inventariação. A amostra deste estudo, além do material recolhido pelos comunitários, está pautada também na tese de doutorado “Proposta de Turismo Sustentável para a comunidade da ilha de Cotijuba, município de Belém, a partir da valorização do Patrimônio Cultural”, da autora deste estudo, que incluiu a aplicação de (316) trezentos e dezesseis instrumentos de pesquisas, entre questionários e entrevistas (Martins, 2010 e 2011).

Para estes instrumentos os principais inquiridos foram estudantes, profissionais de educação, profissionais de serviço (funcionário público, operador de caldeiras); e, a categoria “Outros”, representada por líderes comunitários, costureira, carpinteiro, comerciante, pescador, agricultor, dona de casa, caseiro, vendedor autônomo, artesão, pintor, micro-empresário, cozinheira, motoqueiro, aposentado, barqueiro, operador de bondinho e charreteiro. O número de questionários aplicados foi decorrente da pesquisa bibliográfica, visitas de estudo e vivências ocorridas entre a, na altura, doutoranda, colaboradores e alguns núcleos representantes das quatorze comunidades existentes na ilha. A quantidade de instrumentos postos em prática, cerca de (20) vinte em cada

comunidade, foi estabelecida em acordo com os atores envolvidos, considerando para esse fim os comunitários que apresentavam relação direta ou indireta com o tema proposto, identificação do patrimônio cultural local.

Em conformidade com o exposto, acrescentou-se à amostra deste estudo, informações obtidas por meio do acervo documental e bibliográfico do Ecomuseu da Amazônia e demais referenciais pertinentes à área pesquisada.

1.1.4 Técnicas de coleta de dados e envolvimento da população

1.1.3 A coleta de dados foi fundamental, em quaisquer dos enfoques, e iniciou com a seleção do modelo da pesquisa. Nesta investigação a predominância é qualitativa, já que a pesquisa não objetivava medir variáveis, tirar conclusões e fazer análise estatística, mas “obter informações de indivíduos, comunidades, contextos, variáveis ou situações em profundidade, nas próprias ‘palavras’, ‘definições’ ou ‘termos’ dos indivíduos em seu contexto” (Hernández-Sampieri et al 2006, p.375). Neste sentido, a coleta está pautada na revisão documental e bibliográfica e demais instrumentos citados no item anterior (População e amostra de estudo), e foi realizada em duas etapas:

Primeira etapa

Nesta etapa, pesquisadora e colaboradores visitaram a ilha de Cotijuba, uma das quatro áreas de atuação do Programa Ecomuseu da Amazônia, que abrange o Distrito de Icoaraci, Ilhas de Caratateua, Mosqueiro e Cotijuba. Este foi o local selecionado para o desenvolvimento da pesquisa. O motivo é decorrente do trabalho que vem sendo executado pela autora deste estudo, como coordenadora e pesquisadora do Ecomuseu da Amazônia.

Segunda etapa

Os dados desta investigação foram coletados por meio do auxílio da comunidade local, pesquisas descritiva, documental e bibliográfica, complementadas pelos seguintes instrumentos: conversas informais, observação participante, diário de campo, entrevistas. A finalidade desses instrumentos foi conhecer, por meio dos diversos posicionamentos, a valorização e apropriação responsável do patrimônio pelas comunidades da ilha de Cotijuba, Belém-PA-BR. Os passos propostos pelo estudo foram assim dispostos:

A Comunidade Local - Tomou parte em uma etapa, por meio das diversas ações desenvolvidas na ilha. Em outra ocasião foram selecionados quinze comunitários para contribuir com seus conhecimentos acerca do inventário participativo e gestão de coleções, assuntos referentes ao tema proposto pela pesquisa.

A pesquisa descritiva - iniciou pela observação, registro e correlacionamento dos fatos ou fenômenos da área de estudo.

A pesquisa documental - destaque para o recolhimento e análise de contribuições teóricas sobre sistema de informação em museus: inventário e gestão de coleções, instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio na ilha de Cotijuba e demais assuntos pertinentes ao tema.

A pesquisa bibliográfica - É importante sinalizar para a seleção e fichamento de tópicos de interesse da investigação, ou seja, coletar as diversas contribuições científicas disponíveis; e mais, conhecer o estado da arte do material concernente ao assunto em estudo, em busca de argumentações e referencial teórico fundamentado que possam contribuir para a operacionalização do trabalho de campo. A pesquisa foi assim detalhada:

- i) Documentação, diagnósticos e relatórios sobre a Região Metropolitana de Belém-RMB e a região amazônica, especialmente sobre a área da pesquisa;
- ii) Documentos relativos ao estado da arte no que concerne ao inventário e Gestão de Coleções nos museus e ecomuseus;
- iii) Levantamento e análise da principal legislação federal, estadual e municipal, que envolve o objeto de investigação, no que concerne aos aspectos patrimoniais;
- iv) Documentos relativos a origem, conceito e ações desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia, a partir dos eixos temáticos: cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania, especialmente no que tange ao inventário e gestão de coleções na Ilha de Cotijuba;
- v) Levantamento de informações sobre a Tese de doutorado defendida em 2012 pela autora deste estudo, com o tema “Proposta de Turismo Sustentável para a comunidade da ilha de Cotijuba, município de Belém/PA/BR, a partir da valorização do Patrimônio Cultural”;
- vi) Levantamento de informações, documentações e dados coletados na ilha de Cotijuba a partir da experiência da autora, desde a década de 90 na área estudada, e enquanto coordenadora do Projeto Ecomuseu da Amazônia, a partir de 2007, portanto conhecedora de outros saberes e fazeres comunitários da ilha, como o trabalho desenvolvido pelo Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém-MMIB. Este ítem contribuiu para identificar os atores sociais e especialistas para posterior seleção dos entrevistados, com a finalidade de trocar opiniões sobre o assunto;
- vii) Levantamento e identificação acerca dos bens culturais que permanecem na posse e uso da comunidade;
- viii) Outras informações pertinentes ao tema investigado.

Em conformidade com os dados coletados no acervo bibliográfico do Ecomuseu da Amazônia, mais as investigações descritivas, documentais e bibliográficas relacionadas ao tema pesquisado, foram ainda recolhidas informações complementares diversas, em visitas de terreno. Para a efetivação da investigação, a pesquisadora e colaboradores visitaram a área selecionada e conversaram informalmente com a comunidade.

1.1.5 Técnicas de análise de dados

Esta investigação teve como um de seus principais objetivos, inventariar e sistematizar os dados coletados com o aporte da comunidade, e integrar o conhecimento do uso dos processos de inventariação realizados pelos especialistas com a contribuição dessa comunidade, para fins de valorização e apropriação responsável do patrimônio cultural no Território Ecomuseu da Amazônia. Assim, as informações foram recolhidas com base em relatos de protagonistas e atores sociais participantes de Projetos dessa microrregião, informações e pesquisas realizadas por outras instituições públicas atuantes nas áreas desse Museu Território. E, ainda, por meio de revisões de outros documentos existentes sobre o tema proposto, contatos informais, diário de campo, em pesquisas realizadas pela autora em Cotijuba, a acervo documental e bibliográfico do Ecomuseu da Amazônia, especialmente no período de (2007 a 2016). Fizeram-se também contatos informais e realização de entrevistas para complementação de informações no que concerne a inventariação dos bens culturais da ilha, bem como foram arrolados dados oriundos de instrumentos (entrevistas e questionários) aplicados a 15 (quinze) comunitários no período de (2014 e 2015), objetivando estabelecer uma relação de informações entre conteúdos resultantes dos diversos instrumentos aplicados. Espera-se que os dados

identificados e analisados neste estudo sirvam de base para uma possível concepção de um projeto de gestão e sustentabilidade do patrimônio cultural pela própria comunidade local, assim como, auxiliem no acesso a informações e pressupostos teóricos aos interessados acerca do objeto investigado, “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Estado do Pará-BR”.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Estabelecer, a partir do sistema de informação em museus, um inventário e gestão de coleções – onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, através de instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Estado do Pará-BR.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Verificar a situação sócio-econômica dos habitantes da ilha de Cotijuba;
- Descrever o estado da arte dos objetos a serem pesquisados no inventário e gestão de coleções, nos museus e ecomuseus;
- Identificar e inventariar os elementos patrimoniais que permanecem na posse e uso da comunidade;
- Incentivar a participação da comunidade na inventariação dos bens culturais da Ilha de Cotijuba;
- Avaliar de forma qualitativa o impacto da intervenção/ações do Ecomuseu da Amazônia no redirecionamento dos modos de vida das comunidades;
- Possibilitar, através do inventário e gestão de coleções, instrumentos que viabilizem a sustentabilidade e gestão dos bens culturais pelas comunidades locais.

1.3 Justificativa

Diante das questões socioambientais porque passa o Planeta Terra, como os violentos impactos causados aos ecossistemas pelo homem, a sobrevivência das espécies corre risco de desaparecimento/extinção. Urge a implantação de políticas que pensem e executem projetos à luz de uma complexidade sistêmica. As situações socioambientais da ilha de Cotijuba são praticamente comuns às demais áreas da Amazônia, uma vez que a população dessa microrregião convive com a deficiência de políticas socioeconômicas, culturais e ambientais, que ocasionam situações variadas, dentre elas: o crescimento demográfico, conseqüentemente, o uso desordenado do solo, desmatamento e degradação de áreas de preservação permanente, problemas de resíduos sólidos e deficiência de água potável, assim como a descaracterização da cultura local. Neste contexto, a população é desafiada a compreender as diversas dimensões sociais que acontecem na dinâmica do cotidiano das comunidades, as quais representam relevantes instigações para a população da ilha de Cotijuba. Assume-se que uma profunda alteração das condições ambientais, absorvidas e gerenciadas pelas comunidades nos seus saberes, modos de vida e modos como entendem o mundo, alteram as práticas dos espaços onde habitam as comunidades, o mundo cognitivo das pessoas, e vai degradar a sustentabilidade cultural e a qualidade de vida das populações (Campelo, 2013).

Assim a pesquisadora, com formação em dois cursos de educação, mestra em Planejamento e Gestão Ambiental, com enfoque em ecomuseus, doutora em Gestão Integrada em Recursos Naturais, vem executando, na região amazônica, ações nas áreas de educação e comunidade há cerca de vinte anos. Desta forma, preocupada com as questões sociais e o patrimônio da ilha, desenvolve com a comunidade de Cotijuba, desde o ano de 2007, especialmente, atividades que envolvem a educação como tema central, por meio dos eixos cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania, presentes na coordenação de um Programa denominado Ecomuseu da Amazônia.

O Ecomuseu em questão tem como objetivo “Desenvolver programas de preservação e recuperação dos patrimônios naturais e culturais na Amazônia, visando à emancipação, autossustentação, melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e comunidades envolvidas, por meio do ensaio de uma gestão participativa, da valorização da memória coletiva e da criatividade dos processos culturais regionais”. Diante do enunciado, esta investigação propõe – por meio de informações e dados coletados da própria comunidade, assim como de acervos bibliográficos e informações diversas disponibilizadas pelo Ecomuseu da Amazônia – contribuir para uma melhor qualidade de vida dos habitantes da ilha, gestão de seu próprio patrimônio, além de disponibilizar material necessário às organizações não governamentais, instituições interessadas e comunidades em geral. Desta forma, propõem-se os conhecimentos necessários para a construção de projetos que visem o desenvolvimento humano sustentável. Propositiva que tem como aporte este “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Belém-PA-BR”.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Ecomuseu da Amazônia: teoria e prática de inventário e gestão de patrimônio na ilha de Cotijuba.

2.1.1 Ilha de Cotijuba: contexto físico, histórico-cultural e socioeconômico.

Segundo Moreira (1989, p.69):

Nenhuma cidade do Brasil apresenta tão numeroso constelário de ilhas como Belém. Ilhas grandes e pequenas, aluvionárias e não aluvionárias, umas dispostas defronte do litoral da cidade, outras contíguas a esse litoral, outras finalmente na margem oposta do rio Guamá.

Complementa Silva (2007, p. 9):

Neste ambiente, Belém possui 39 ilhas com características diversas, algumas possuindo ambiente urbano definido associado ao ambiente rural ou ambiente natural. O ambiente insular estudado é formado, a partir da divisão política, Lei Municipal N° 7.682/1994 e Lei Municipal N° 7.806/1996 em 39 ilhas.

Esta diversidade de ecossistemas vem despertando estudiosos, pesquisadores, dentre outros preocupados com os aspectos humanos, naturais e sustentáveis dos habitantes dessas microrregiões.

2.1.1.1 Contexto físico concernente à ilha: hidrografia, vegetação, clima, geologia e solo

Segundo o Anuário Estatístico de Belém (2008, p.57) referindo-se aos recursos naturais, item caracterização do território do município de Belém, sobre o espaço que abriga a ilha de Cotijuba, objeto desta investigação, é possível constatar o seguinte:

A alteração da cobertura vegetal, observada utilizando-se imagens LANDSAT - TM/1996 era de 54,73%. A situação é preocupante, quando se considera o tamanho do município, a velocidade do desmatamento, a crescente ocupação urbana e a dilapidação das florestas remanescentes, restando florestas pobres, com funções e estruturas alteradas. O rio Guamá e as bacias do Guajará e Marajó são acidentes geográficos importantes na sua conformação, e as ilhas mais importantes são: Grande, Ilhinha, Marinheiro, Combu, Patos, Jararaca, Uruboca, Nova Paquetá, Jutuba, Coroinha, *Cotijuba*, Mosqueiro, Caratateua, Papagaio, Camurau, Conceição e Maruim.

Em conformidade com o exposto é pertinente dizer que a ocupação desordenada e o desmatamento da área estudada é um fato. Entretanto, ainda é possível observar significativos recursos naturais na microrregião pesquisada. Ver explanação dos meios físicos e bióticos seguintes:

- Hidrografia

Os principais acidentes geográficos do município de Belém concernentes à área estudada, segundo o Anuário Estatístico de Belém/2008 são: as baías do Marajó, onde se encontra a área pesquisada, ao norte, e a baía do Guajará, a oeste. Nesta, desagua o rio Guamá que, em conjunto, contribui para a conformação peninsular do município de Belém.

- Vegetação

Para Mascarenhas *et al* (2009, p.454), citando (Almeida & Mascarenhas, 1998), Cotijuba apresenta uma formação vegetacional diversificada:

Existem fragmentos de floresta amazônica de terra firme com graus diferentes de influência antrópica. Em alguns pontos a floresta é alta, densa e possui alguns elementos importantes para a fitogeografia da Amazônia como a árvore emergente *Batesia floribunda* (acapurana), uma espécie relativamente rara na região e que só ocorre em populações reduzidas e isoladas. Em relação às áreas de floresta secundária, as espécies mais dominantes são:

Atallea maripa (inajá), *Intanthus sucuuba*, (sucuuba), *Platonia insignis* (bacurí), *Ocotea guianensis*, *Miconia ciliata* (chumbinho), *Eugenia heterofila*, *Annona muricata*, *Swartzia racemosa*. As áreas de campina estão caracterizadas por pouca vegetação e associadas ao igapó, com água escura e areia branca. É uma área pouco estável de baixa capacidade de recuperação. O igapó apresenta várias áreas alagadas com água preta caracterizando com isso alto índice de ácido húmico, com um sistema paludoso, dossel irregular e vegetação diversificada como, por exemplo, *Euterpe oleracea* Mart (açai), *Myrcia* sp, *Hibiscus* sp.

O pesquisador Silva (2007, p.107) aponta as ilhas Cotijuba, Jutuba e Paquetá como portadoras de uma vegetação comum, ou seja, são formadas por *açazais nativos e manejados*, e ainda por uma rica vegetação composta de *siriuba, andiroba, faveira, buritizeiros, mututi, aninga, mangueiros, seringueira, assacú, acapurana, paxiúba, murumuru, virola, mungubeiros e fruta-pão*.

- Clima

Segundo Mascarenhas et al (2009, p.454) a ilha de Cotijuba possui um clima tropical chuvoso, quente e super-úmido. A precipitação pluviométrica média anual é de 2.800 mm, com período chuvoso de dezembro a junho e um período de estiagem de julho a novembro. A humidade relativa do ar média está em torno de 90% no período chuvoso e 80% no período de estiagem. A temperatura oscila entre 24°C a 33°C, com média anual de 26°C (Ferreira, 1981). Encontra-se na zona climática Af_i (classificação de Köppen), que coincide com o clima de floresta tropical, permanente úmido, com ausência de estação fria e temperatura do mês menos quente, acima de 18° C.

- *Geologia e solo*

Para Moreira (1989, p.70) As ilhas ‘*antigas*’ constituem depósitos arenosos e argilosos, com uma ou mais camadas de arenito, apresentando formação semelhante à da terra firme continental. As ‘*novas*’, ao contrário, são constituídas por aluviões recentes, consolidadas graças à vegetação palustre, que constitui o seu principal agente de fixação. E complementa: “Entre as ilhas antigas se acham as de Arapiranga, *Cotijuba* e Tatuoca, que alguns julgam serem partes destacadas do continente, mas que Huber, ao que tudo indica com mais fundamento, admite que sejam antes formações locais, posteriormente reduzidas em seu tamanho”. Neste sentido, complementa o Anuário Estatístico de Belém/2008:

O território do Município de Belém é constituído por restos da formação Barreiras e terrenos do Quaternário Subatual e do Recente. Refletindo a Litologia, suas formas de relevo caracterizam-se pelos baixos platôs e planícies litorâneas, fazendo parte neste contexto, junto com áreas limítrofes, na unidade morfoestrutural Planalto Rebaixado do Amazonas (Baixo Amazonas).

Segundo Silva (2007, p.23) Cotijuba possui terrenos com topografia plana onde são encontrados, na Zona Urbana, terrenos sem influência de alagamento e a Zona do Ambiente Natural de característica alagadiça. São encontrados lagos de pequeno porte na parte central da ZAN que permanecem perenes durante todo o ano. Ocupam área de 121,68 ha. A ZAN de Cotijuba apresenta predominância dos solos gley pouco úmido e podzol hidromórfico.

Enquanto o solo, no dizer de Mascarenhas et al (2009, p. 454), “trata-se de latossolo amarelo arenoso; há áreas também, nos pontos 1° 13’ 57”S e 48° 32’ 58” W, com solo arenoso”. Nas áreas de várzea o solo é hidromórfico sujeito à lavagem diária, ou seja, pela influência da maré (Almeida & Mascarenhas, 1998).

2.1.1.2 Ilha de Cotijuba: Contexto histórico-cultural

A área de abrangência desta pesquisa foi assinalada historicamente pelo agro-extrativismo e pela construção de espaços histórico-culturais significativos para a construção da identidade e história local, como o Engenho Fazendinha, o Educandário Nogueira de Faria e a Casa de Zacarias de Assunção, ambos construídos no século XX, e atualmente em ruínas.

A localização estratégica e a exuberância da ilha vêm contribuindo ao longo dos anos para a formação do patrimônio histórico-cultural dos habitantes dessa microrregião, inicialmente com interesse político-econômico no século XVIII, ao abrigar o Engenho Fazendinha, quando foi ressaltada a condição natural e a fertilidade do solo.

A posição privilegiada da ilha e a fertilidade do solo para o cultivo são componentes mencionados por Silva (2003, p.49):

A importância estratégica da ilha, capaz de propiciar a interação homem e natureza, além de possuir solo fértil ao cultivo de quaisquer culturas, o que certamente era sabido quando de sua ocupação. Além disso, encontra-se em posição geográfica que permite o controle da entrada de embarcações pelo canal em direção ao interior do estado.

A colocação de Silva quanto à posição geográfica da ilha é um fato constatado, uma vez que propiciou posteriormente, no século XIX, entre os anos de (1835-1840) um movimento libertário profundamente nativista, originado em função da distância existente entre a Amazônia e os centros de decisão dos colonizadores e do Império, o que motivou o tratamento violento e explorador da população sem o controle da estrutura governamental. Esse movimento foi denominado “A Cabanagem” o qual incitou o estabelecimento de um plano de estratégia político-militar, com o comparecimento de tropas militares na ilha objetivando combater os cabanos. Em consonância com Monteiro (2006, p: 111):

As pessoas que organizaram e dirigiram o movimento da Cabanagem, embora fossem remediados e intelectuais, a maioria era das classes pobres, e por isso mesmo, consideradas baixas, desclassificadas, desocupadas, com forte predominância de caboclos tapuios, crioulos, indígenas e mestiços. Havia escravos e negros libertos. Os próprios líderes que assumiram o comando do movimento armado – os Vinagre, os Angelim, os Aranha – eram pequenos lavradores ou meeiros e foreiros, como tantos outros, de fazendeiros maiores.

Neste sentido, os cabanos foram pessoas que moravam em cabanas nas margens dos rios da região, assim denominados por suas participações na Revolta dos Cabanos ou Cabanagem, movimento popular que aconteceu no século XIX, nas ilhas de Arapiranga e Tatuóca, próximas à Cotijuba, na província do Grão-Pará, atual estado do Pará, região norte do Brasil

O século XIX retratou ainda o período do apogeu da borracha no Estado do Pará, conforme Amaral (1992, p. 5): “A segunda metade do século XIX, com a abertura do Rio Amazonas à navegação estrangeira, no período áureo da borracha e da comercialização das chamadas drogas do sertão”. Na sequência, o século XX mostrou o declínio desse apogeu, que trouxe consigo uma série de problemas sociais para o município de Belém. Após o declínio do Ciclo da Borracha, década de 30, foi construída na ilha, sob a gestão do interventor Magalhães Barata, a Colônia Reformatória de Cotijuba-CRC, destinada a menores abandonados e delinquentes, já que se tratava de um período em que a criminalidade infanto-juvenil no município de Belém atingiu índices elevados em decorrência da recessão econômica regional. O objetivo da construção da Colônia era reintegrá-los ao convívio social. Neste sentido foi priorizado um currículo constituído de disciplinas técnicas, com aulas teóricas e práticas. Para Silva (2003, p.55):

A CRC contava com cursos profissionalizantes de ferraria, serraria, carpintaria, alfaiataria, sapataria, motorista, marcenaria, mecânica, além de roça e horta, sendo destinados a menores do sexo masculino com dificuldades financeiras, familiares, ou quando cometiam alguma infração, estando na faixa etária de 8 a 18 anos de idade.

Na sequência, a década de 50 mostra uma Colônia Reformatória em transição para a gestão do General e então Governador, Alexandre Zacarias de Assumpção (1950-1955),

professor do Colégio Militar do R.J. Teve como alunos os futuros presidentes da República, generais Humberto Castelo Branco, Artur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo.

Neste contexto se apresenta o século XX, principalmente os anos 80 e 90, os quais propalaram a partir dessa compreensão, o despertar de interesse do poder público, e consequentemente de veranistas, atraídos pela riqueza da biodiversidade e pela proximidade da capital paraense. A partir da década de 90, especialmente na gestão do então Prefeito Hélio Mota Gueiros (1993-1996), a ilha passou a ser vista sob uma nova ótica, como um território de natureza intocada, um paraíso indescritível, um local aprazível para o lazer, para o ecoturismo e consequentemente para a sustentabilidade dos comunitários. Colocações ratificadas por Silva (2003, p. 52):

Essa representação paradisíaca encontra-se presente no imaginário popular local, após a completa extinção da Penitenciária, quando a ilha de Cotijuba passa a ser aclamada em jornais e revistas locais como a verdadeira ilha dos prazeres (Cotijuba, 2000), onde é possível manter encontros com a natureza (Cotijuba, 1997) e aventuras inesquecíveis (Cotijuba, 1999), expressando sua vocação natural (Prefeitura Municipal de Belém, 1997) à prática do turismo, intensificada desde 1994, com a criação da linha fluvial Icoaraci/Cotijuba/Icoaraci pela Prefeitura Municipal de Belém.

O censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (1991) apontou para um contingente populacional de (637) seiscentos e trinta e sete habitantes. Enquanto no ano de 2000, segundo o IBGE, a população alcançou o índice de (1.865) mil, oitocentos e sessenta e cinco habitantes. Entretanto pela última contagem da Fundação Nacional da Saúde - FNS (2010), os dados aumentaram consideravelmente e passaram para 13.740 habitantes, o que indica uma explosão demográfica na ilha.

Cotijuba tem como principal aporte a gestão da Prefeitura Municipal de Belém, seguida do Governo do Estado do Pará; em se tratando de educação, é através das Secretarias Estadual-SEDUC e Municipal de Educação-SEMEC, e do Centro de Referência em Educação Ambiental, Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira. Neste contexto vêm sendo desenvolvidas ações objetivando a melhoria de vida dos habitantes dessa microrregião.

Os Projetos Sociais representam alternativas para a melhoria de vida da população, dentre eles o Ecomuseu da Amazônia, que tem como um de seus territórios de atuação a Ilha de Cotijuba. É um Programa da Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, que desenvolve suas ações a partir dos eixos cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania.

2.1.1.3 Ilha de Cotijuba: Contexto socioeconômico

A integração socioeconômica da ilha de Cotijuba com a cidade de Belém iniciou no período de comercialização do arroz beneficiado no Engenho Fazendinha (1784). Após sua desativação, o local foi habitado por famílias tipicamente caboclas, que sobreviviam do extrativismo.

A história do agro-extrativismo na ilha de Cotijuba é remota. As informações vêm desde os primeiros habitantes, os índios Tupinambás, passa pelo século XVIII com o Engenho de branqueamento de arroz, e pelo século XX com a construção do Educandário Nogueira de Faria e a chegada dos imigrantes japoneses, os quais contribuíram com a colonização do Território-Cotijuba. Os japoneses migraram para a ilha, com o apoio do

Governo Japonês. Eles ensinaram técnicas agrícola aos educandos da Colônia Reformatória de Cotijuba-CRC, bem como iniciaram o cultivo da pimenta-do-reino e verduras como: tomate, couve-flor, alface, carirú, feijão-verde, pimentão e cheiro-verde. Silva (2003, p. 56), citando Amaral (1992) enfatiza “As famílias japonesas teriam sido enviadas à ilha para repassar seus ensinamentos sobre agricultura aos alunos da CRC, essas fundaram em 1951a Cooperativa Mista de Cotijuda Ltda, em parceria com os agricultores locais, produzindo legumes, ovos, aves, frutas e verduras”.

A partir da década de 40, século XX, com relação a comunidade da ilha de Cotijuba, Silva (2003, p.83) anuncia: “As famílias brasileiras que lá moravam tinham a agricultura, a pesca e o extrativismo como a base de sua subsistência, porém desprovidos de políticas públicas no incentivo à comercialização, como acontecia com os japoneses”. A presença desses produtos na construção do ambiente social da comunidade da ilha, é ratificada por Melo (2008, p. 1) “Algumas atividades produtivas, comerciais e culturais que envolvem as famílias, também influenciam na construção do lugar, destaque para a pesca, a agricultura e o extrativismo (e a comercialização de seus produtos) como principais atividades diárias das famílias residentes na Ilha”.

Para Castro (2004, p.70) na ilha de Cotijuba “o setor agroextrativo representa quase ¼ das atividades principais desenvolvidas pela sua população, a vinculação dos moradores com a terra permanece como um traço importante na organização social e econômica da ilha”. Enfatiza que no âmbito das políticas públicas, a dinâmica dos residentes caminha em direção ao apoio de projetos sustentáveis que visem à integração dos diversos segmentos e permitam a internalização e gestão de recursos. Guerra (2007, p. 22) complementa:

O que se verifica é que o extrativismo nos moldes definidos por Homma (1993), como primeira atividade econômica ocorre tendo, porém, evoluído em alguns casos para exploração racional e manejado, sendo nas áreas próximas e acessíveis praticamente uma exceção. Em Cotijuba, pode-se considerar como atividades extrativas a exploração de areia para a construção civil e a coleta de alguns produtos florestais ainda existentes na ilha.

Observa-se que o sustento da comunidade de Cotijuba é originário principalmente de algumas atividades produtivas, comerciais e culturais, com destaque para a pesca, a agricultura e o extrativismo. No entanto, nas últimas décadas a ilha vem recebendo um número cada vez mais significativo de turistas, que visitam sobretudo as praias e algumas vezes percorrem trilhas. Neste contexto é importante sinalizar a presença de outras fontes de renda, as quais vêm se destacando nos últimos anos, e acrescente-se a essas o artesanato, com ênfase para a cestaria e cerâmica. A comercialização desses produtos ocorre geralmente na área continental, mais especificamente no Distrito de Icoaraci, devido à proximidade e facilidade de acesso.

Neste contexto, Cotijuba se apresenta também como um promissor potencial ecoturístico, não só pelos importantes patrimônios históricos e naturais, mas também pela sua localização privilegiada. Entretanto, para que haja um melhor aproveitamento e não se desperdice esse potencial, o patrimônio histórico-cultural dessa microrregião que constitui um importante papel na indução de renda de seus comunitários, faz-se necessário à montagem de uma infra-estrutura de qualidade, bem como a preservação e conservação desses espaços. Segundo Guerra (2007, p. 39) de acordo com a região estudada,

Áreas de preservação ambiental cumprem um papel de reserva e manutenção da biodiversidade da ilha, mas um trabalho de propaganda e controle precisa ser feito para que seja evitada a completa descaracterização da paisagem e da base produtiva desta importante porção insular do Município de Belém.

Nos anos 80 e 90 a ilha começa a despertar interesse do poder público e conseqüentemente nos veranistas, atraídos pela riqueza de sua biodiversidade e pela proximidade da capital paraense, levando a receber significativo número de visitantes. Nesse contexto surgem novos patrimônios, então somados a histórias de vida e edificações históricas já existentes. Esses novos patrimônios são representados pelo turismo ecológico-cultural que incentiva e amplia o escoamento de produção artesanal da região, como: cerâmica, pintura, bordado, ecoacessórios, etc. Estas produções passam a ser gradativamente retomadas e renovadas pelos residentes, com apoio do poder público e eventualmente de algumas organizações. Sendo acrescidas ainda pela implementação de pousadas, bares, similares e transportes: charretes, motos, bondinhos e um número expressivo de barcos de passageiros. Elementos que nas últimas décadas vêm corroborando com o aumento de renda da população envolvida, sem deixar de enfatizar o agro-extrativismo e posteriormente o horti-fruti-granjeiro, alternativas de renda que continuam a existir entre as comunidades da ilha, principalmente da área rural.

Segundo a pesquisa de campo (2010) realizada para a Tese de Doutorado *“Proposta de um Turismo Sustentável para a Comunidade da ilha de Cotijuba, município de Belém, Estado do Pará/BR, a partir da valorização do patrimônio cultural”*, a população da ilha é composta em sua maioria de profissionais autônomos, que vivem com renda aproximada de um salário mínimo e de programas do Governo Federal, como: pró-jovem, agente jovem e bolsa família. Estes, em conformidade com a Administração Regional de Outeiro, órgão gestor da ilha, beneficiavam aproximadamente 1.145 pessoas, crianças e adolescentes, estudantes, pertencentes a famílias carentes residentes na ilha. E, continua a pesquisa, quanto à situação sócio-econômica e cultural dos entrevistados, é relevante enfatizar as atividades desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia e o Movimento de Mulheres das ilhas de Belém-MMIB, as quais vêm contribuindo para a geração de renda dos comunitários, tendo como base a capacitação das comunidades para o turismo de base comunitária, por meio das relações de empoderamento e pertencimento que permeiam a interação da comunidade com o seu próprio ambiente, onde as atividades desenvolvidas consideram a reafirmação e preservação da memória de um povo com seu maior acervo e sua biodiversidade. E ainda, o patrimônio é à base do desenvolvimento e os benefícios advêm dos cuidados e preservação das expressões culturais e ambientais de cada território.

Outra alternativa de geração de renda que vem se destacando na ilha são as potencialidades para um turismo sustentável, uma vez que as atividades em processo por meio de alguns grupos, são de cunho participativo, aplicadas à noção de capital cultural, colocações que, segundo Priosti (2008), em palestra ministrada no evento denominado de IV Feira Internacional de Turismo na Amazônia-FITA, com o tema: Ecomuseu - na perspectiva do turismo de base comunitária, Belém-PA, “o ambiente como patrimônio acentua a responsabilização dos sujeitos, comunidades e ambiente”. Varine-Bohan (2009, p. 9) em palestra realizada em Belém sobre - Desenvolvimento Local e Comunitário - acrescenta: “a importância do capital cultural (fonte da cultura viva das comunidades); capital social (condição da qualidade de vida) e capital econômico (elemento catalizador de recursos do território)”. Estas informações fortalecem a ideia de valorização do patrimônio cultural e de um processo transformador e contínuo, que opera não como

nas diversas microrregiões incluídas, num processo de construção de identidade, disponibilizando espaço, tempo e ações de troca solidária entre comunidades, instituições, organizações governamentais e não governamentais.

O Ecomuseu teve como antecedente e ponto de partida o Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável (1995/6), quando delineou uma proposta inovadora para o Município de Belém-PA, integrando quatro experiências educacionais centradas na realidade cultural, ambiental, social e econômica, onde estão implantadas a Escola Municipal Parque Amazônia, localizada no bairro da Terra Firme, que dispõe de uma base pedagógica e tem como um de seus principais objetivos além da Educação formal, a geração de renda de seu meio; o Liceu de Artes e Ofícios Rui Meira, localizado no bairro do Guamá, voltado para a Educação formal e a capacitação de recursos humanos na área de serviços em geral; e a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira-FUNBOSQUE - Centro de Referência em Educação Ambiental localizado na ilha de Caratateua. A Fundação atende alunos matriculados nos cursos formais de Educação Infantil, Ensino Médio e Ensino Técnico em Meio Ambiente na sede, e mais seis unidades pedagógicas distribuídas nas ilhas de Cotijuba, Jutuba, Paquetá e Longa. Integra em sua gestão além do Ecomuseu da Amazônia, a Casa Escola de Pesca-CEPE, que desenvolve práticas educativas por meio da pedagogia da alternância, onde as questões relacionadas ao meio ambiente são trabalhadas no currículo escolar a partir de ações práticas que priorizam a educação para a sustentabilidade. Finalmente, a Fundação atende uma programação comunitária permanente que inclui atividades voltadas às questões socioambientais e culturais da ilha de Caratateua e adjacências.

O Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, centro de um projeto de desenvolvimento Sustentável, dispõe de uma base física, uma base comunitária, uma base cultural e uma base pedagógica. O Liceu teve como aporte em sua criação uma base comunitária organizada, que integrava de forma especial os produtores de cerâmica da Sociedade de Amigos de Icoaraci-SOAMI¹. Os primeiros resultados das experiências de Icoaraci e dos avanços da Escola Bosque na criação e implementação de um projeto curricular interdisciplinar integrado com a realidade socioambiental local levaram os envolvidos na proposta a pensar em avançar e acreditar que era possível iniciar o processo de criação e implantação do Ecomuseu da Amazônia, principiando por sua organização no município de Belém, com sua vasta região insular.

2.1.2.1. Os primeiros contatos para a criação do Ecomuseu da Amazônia

Passamos a apresentar os vários momentos da formação do Ecomuseu:

- 2005 - Laís Fontoura Aderne, professora da Universidade de Brasília-UnB e Consultora da Secretaria Municipal de Educação-SEMEC, especialmente do Liceu Mestre Raimundo Cardoso-RMB, integrante do Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável (1995/6), sugeriu também à então titular da Secretaria Municipal de Educação, Professora Therezinha Moraes Gueiros, que acatou/executou a

¹SOAMI, oriunda do bairro do Paracuri/Distrito de Icoaraci, Região Metropolitana de Belém, (1995), originou-se da proposta do Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso. Tinha como objetivo integrar os diversos segmentos da sociedade local, tendo como base de apoio o projeto *Feira do Paracuri* na orla, na qual a principal fonte de autossustentação era a cerâmica de Icoaraci, a marajoara e a tapajônica, conseguindo dessa forma afastar cinco grupos de atravessadores. Em sua criação integrou os produtores culturais da comunidade, a Cooperativa dos Artesãos-COARTE, o Conselho Superior de Artesãos do Pará-COSAPA.

então ideia de implantação de um ecomuseu no Estado do Pará. O objetivo seria dar prosseguimento às ações que tiveram início com as comunidades em meados da década de 90, no entorno do Liceu, bairro do Paracuri/Distrito de Icoaraci e Comunidades da Ilha de Cotijuba, ambas localizadas no município de Belém/PA. O Ecomuseu teve, ainda, a contribuição de Maria Terezinha Resende Martins, autora deste estudo, junto com Laís Fontoura Aderne, autoras do projeto de criação do Ecomuseu da Amazônia. A razão da opção por esta profissional, Terezinha Resende, foi seu histórico de participação em trabalhos sociais nessas comunidades, assim como sua formação acadêmica na área de ecomuseologia social;

- Ano de 2006 - prosseguiram os contatos e encontros com colaboradores em potencial para a elaboração da proposta do Projeto, tendo início à execução das primeiras ações educacionais, culturais e ambientais, a partir dos conceitos metodológicos da museologia comunitária, assim como as primeiras reuniões para estabelecer as diretrizes de um Seminário que lançaria o “Ecomuseu da Amazônia” ao conhecimento da sociedade belenense.

- O Ecomuseu da Amazônia, idealizado pela Mestra em Arte e Sociedade Laís Fontoura Aderne, estabelecido inicialmente nas dependências do Liceu Mestre Raimundo Cardoso, foi lançado oficialmente em 2007; a seguir Odalice Priosti, Dr^a. em Memória Social e representante da ABREMC, prenuncia as principais linhas de ação desse então novo ecomuseu que estava desabrochando:

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Veículo <i>O Liberal</i>	Coluna/seção <i>Cidades</i>
Data <i>09/10/07</i>	Página <i>10</i>

Ecomuseu da Amazônia é lançado em Belém

PROJETO

Educação ambiental e desenvolvimento auto-sustentável são as prioridades

Valorizar a cultura regional, promover a educação ambiental e capacitar as comunidades a partir de programas que garantam o desenvolvimento auto-sustentável da região. Dessa proposta nasce o Ecomuseu da Amazônia, um projeto inovador que ganha forma com um seminário realizado neste final de semana em Belém. Idealizado pela Prefeitura de Belém, através da Secretaria Municipal de Educação (Semec) e Secretaria Municipal de Economia (Secom), o Ecomuseu da Amazônia abrange inicialmente o Distrito de Icoaraci (bairro do Paracuri e orla), estendendo-se até a região das ilhas - Mosqueiro, Outeiro e Cotijuba. Futuramente abrigará também áreas históricas e museológicas da Grande Belém.

O seminário Ecomuseu da Amazônia foi aberto ontem de manhã com a presença de especialistas de vários Estados brasileiros. Criador do conceito de ecomuseu, o pesquisador francês Hugues de Varine fez uma participação especial conversando com a plateia através de uma webcam. "O museu comunitário pode ajudar a criar um turismo cultural mais inteligente, que respeita as diferenças e riquezas das populações", disse ele. Ex-presidente do Conselho



Odalice Priosti, da Associação Brasileira de Ecomuseus

Internacional de Museus, Varine ressaltou a importância da criação do Ecomuseu da Amazônia. "Esse projeto precisa ser difundido além de Belém e do Brasil".

O prefeito de Belém, Duciomar Costa, esteve presente à abertura do evento, e falou da necessidade de se realizar o projeto na região amazônica. "Mesmo que pareça uma iniciativa ainda pequena, como um beija-flor que carrega uma gota d'água para uma floresta em chamas, estamos fazendo a nossa parte".

A pesquisadora Odalice Priosti, presidente da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), com sede no Rio de Janeiro, explicou que para um ecomuseu a riqueza não está nas coleções históricas,

mas no saber popular, na tradição de um lugar. "É preciso valorizar a cultura viva das comunidades, estimulando a pesquisa participativa e a interação entre as gerações. Para quem não possui o ter, o saber e o poder, resta o patrimônio e sua capacidade de criar".

A proposta do Ecomuseu da Amazônia retoma ações executadas há mais de dez anos, quando foi criado o Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, também conhecido como Escola do Paracuri, em Icoaraci. O modelo de valorização da cultura local, com estímulo ao desenvolvimento auto-sustentável, inspirou a Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira, em Outeiro, e a Escola Parque Amazônia, na Terra Firme.

Esses três espaços serão

referência para a execução do Ecomuseu da Amazônia. "Estamos retomando idéias valiosas, por acreditar que as mudanças mais profundas advêm das minorias", disse a secretária municipal de Educação, Therezinha Gueiros, que fez uma homenagem à educadora Laís Aderne, falecida recentemente. Aderne foi idealizadora do liceu e defensora da implantação de um ecomuseu na região.

Durante todo o ano de 2006 foram realizadas várias ações envolvendo as comunidades do Ecomuseu da Amazônia, como desfile de moda, oficinas de cerâmica e de gestão de negócios na Ilha de Cotijuba, plantio de mudas nativas na Ilha de Caratateua e atividades educativas e ambientais na Unidade Pedagógica da Faveira, também na Ilha de Cotijuba. Foi realizado ainda um levantamento do perfil sócio-econômico e cultural das áreas de abrangência do projeto.

O seminário do Ecomuseu da Amazônia prossegue durante todo o dia de hoje, no auditório do Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (Iesam - Av. Gov. José Malcher). Amanhã haverá uma visita à Ilha de Cotijuba e à Fundação Escola Bosque, com saída às 7 horas da sede da Semec. Apoio: Programa AmaBelém, Administração Regional de Outeiro, Fumbel, Abremc, Instituto Huah, Fundação Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira e Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso. Informações: 8133-2760.

Figura 2: Matéria de Jornal sobre a criação/oficialização do Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR, com a Dra em Memória Social, Odalice Priosti.

Fonte: Jornal O Liberal, Coluna/Seção - Cidades, 2007.

A escolha pela participação popular e pela democratização nos processos de discussão e tomada de decisões, que caracterizam os fundamentos, objetivos e metodologia do

Ecomuseu da Amazônia, resultou na organização, pela Secretaria Municipal de Educação de Belém, do Seminário de implantação deste Ecomuseu, entre os dias 08 e 10 de junho de 2007. Matéria evidenciada naquela ocasião nos diversos veículos de comunicação local, em consonância com o informativo abaixo, escrito pelo Jornalista Hélio Motta Gueiros, acerca do nascimento do Ecomuseu da Amazônia, a origem do termo, a citação da sua idealizadora “Laís Fontoura Aderne” falecida há um mês, naquele momento, bem como, a autora deste estudo, menciona a executora “Professora Therezinha Gueiros”, então Secretária Municipal de Educação, como segue:

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Veículo <i>Diário do Pará</i>	Coluna/seção <i>Hélio Gueiros</i>
Data <i>10/06/07</i>	Página <i>2</i>

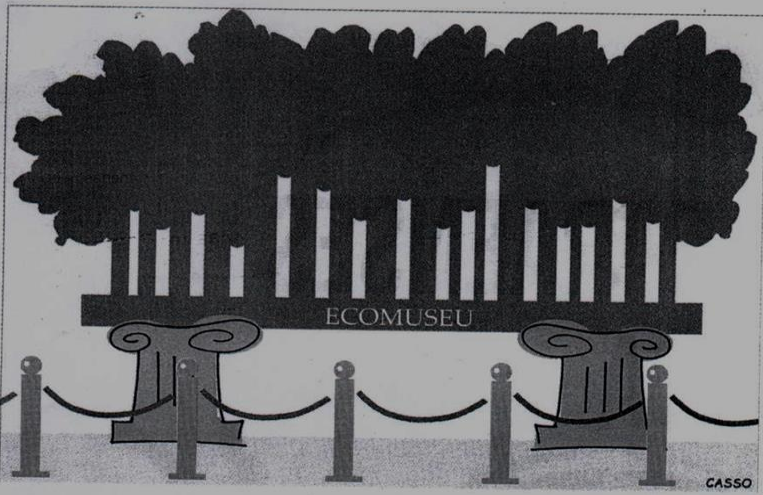
Nasce em Belém o Ecomuseu da Amazônia

» A Prefeitura de Belém antecipa-se e lança, em Seminário, com apoio do IESAM e outras secretarias, a proposta inovadora de um Ecomuseu da Amazônia, que começa por reunir, sob essa compreensão, as ilhas do entorno de Belém.

A idéia vem da França, e se deve a Hugues de Varène, estudioso e conhecido batalhador das causas ambientais. Cunhou o termo e construiu, para ele, um significado próprio, nos anos 70 do século passado. A partir daí, a idéia vem ganhando relevância e acolhida em vários países, inclusive no Brasil, agora exatamente em nossa Belém.

» Trata-se, na verdade, de uma ampliação da idéia tradicional de museu, que passa a designar, também, determinados territórios com sua população e seus acervos naturais e culturais. A base é, portanto, comunitária, aproxima educação, cultura, modo de vida, sempre em benefício de condições mais satisfatórias e auto-sustentadas para seus habitantes.

O Seminário, começado



GASSO

sexta-feira e que se encerra hoje com uma visita à Ilha de Cotijuba e passagem pela Escola Bosque, trouxe a Belém personalidades ligadas ao tema. A professora Therezinha Gueiros que, com sua equipe, planejou

e organizou o conclave, dedicou o Seminário “a uma ausência fortemente presente, à nossa conselheira, consultora, parceira e amiga professora Laís Aderne” recentemente falecida. Therezinha se socorre de um poema

de Carlos Drummond de Andrade que pergunta “Por que Deus permite que as mães vão se embora?” e revela a sua perplexidade: Por que Deus permite que as Laíses vão se embora? Na eternidade Ele vai responder.

Figura 3: Matéria de Jornal sobre a criação/oficialização do Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR. Fonte: Diário do Pará, Coluna/Seção – Hélio Gueiros, 2007.

Estiveram presentes no Seminário, as comunidades que integram o Território Ecomuseu, o então Prefeito Municipal de Belém, os Secretários Municipais de Educação e Economia, Belemtur, Fundo Ver-O-Sol e FUMBEL, e ainda representantes das escolas Mestre Raimundo Cardoso e Parque Amazônia, e da Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira; Museu de Arte de Belém-MABE; Sistema Integrado de Museus do Estado do Pará-SIM; Universidade Federal do Pará-UFPA; Museu da UFPA, Museu Emílio Göeldi; representantes do Instituto de Educação Superior da Amazônia-IESAM, Universidade Federal Rural da Amazônia, Universidade de Brasília-UnB-DF; FIOCRUZ; Ecomuseu do Cerrado-GO; Universidade Santa Cecília-SP; Instituto Histórico Nacional-IPHAN/Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM/MinC; Ecomuseu de Santa Cruz-RJ; Ecomuseu da Serra de Ouro Preto-MG; Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários-ABREMC; dentre outros participantes. O Seminário foi constituído de palestras e painéis seguidos de debates com especialistas e gestores públicos de áreas afins; Oficinas setoriais (áreas de Educação, Cultura e Meio Ambiente) com todos os participantes, para discussão do estabelecimento de bases para construção de um programa territorial de desenvolvimento humano sustentável para a implantação do Ecomuseu. E ainda, contou com a participação de um grupo de trabalho que elaborou a *Carta de Belém* (2007 - ver em Anexos), aprovada na plenária final. O trabalho dos participantes resultou no delineamento de diretrizes metodológicas e na proposta de linhas de ação para o então processo de implantação do Ecomuseu da Amazônia, a ser construído coletivamente em sua fase de implementação, propositiva que vem ocorrendo de forma processual.

- Segundo semestre de 2008, o Ecomuseu da Amazônia, um Programa tutelado pela Prefeitura Municipal de Belém-PMB, com aporte da Secretaria Municipal de Educação-SEMEC foi transferido do Liceu Mestre Raimundo Cardoso-Distrito de Icoaraci para a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira-FUNBOSQUE, localizada na ilha de Caratateua. Nos anos subsequentes a equipe continuou as atividades em suas áreas de abrangência, priorizando a vocação das comunidades em benefício do desenvolvimento local. A equipe que compõe o Ecomuseu da Amazônia é inter/multidisciplinar, formada de engenheiros agrônomo, ambiental e de pesca, pedagogo, gestor em planejamento e gestão ambiental, turismólogo, arte-educador, agente administrativo, e ainda, voluntários, parceiros e colaboradores. É coordenada pela professora doutora em Gestão Integrada de Recursos Naturais, Maria Terezinha Resende Martins. As ações desenvolvidas em suas áreas de atuação priorizam a vocação das comunidades e o desenvolvimento local. Os resultados dessas atividades ensejaram a diretoria da ABREMC juntamente com Hugues de Varine, Consultor Internacional em Desenvolvimento Comunitário a escolher o Ecomuseu da Amazônia para sediar o IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC (2012), quando foi possível realizar uma releitura da contribuição dos serviços prestados pelo Ecomuseu aos habitantes de seu Território, com vista à reafirmação dos processos históricos e culturais.

2.1.3 Ecomuseu da Amazônia: processo de consolidação e produção

A consolidação do Ecomuseu da Amazônia tem origem nos primórdios de sua criação/estruturação, ou seja, no Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável no município de Belém-PA (1995/1996), cuja sedimentação depende da implantação de microssistemas sócio-econômico-culturais apoiados na educação ambiental e patrimonial, no âmbito da educação básica e profissionalizante, preconizando o surgimento de uma produção cultural significativa,

uma profissionalização de serviços e uma organização social condizente com o perfil das microrregiões beneficiadas.

Após esse período foi retomado nos anos de (2005/2006) os primeiros contatos para oficialização e instalação do Ecomuseu da Amazônia no Liceu Mestre Raimundo Cardoso, bem como a realização de oficinas/cursos profissionalizantes solicitados pelas comunidades, com ênfase na melhoria da autoestima e geração de renda. Sinalizar que o curso de cerâmica e gestão de negócios e empreendedorismo foi executado em 2006 para 30 comunitários da ilha de Cotijuba.

Em 2007, por meio de um Seminário de implantação foi oficializado o Ecomuseu da Amazônia. O evento reuniu autoridades representantes de instituições, profissionais locais e de diversos estados brasileiros, os quais delinearão de forma coletiva o objetivo do Ecomuseu:

Preservar e recuperar o patrimônio cultural e natural na Amazônia, inicialmente em suas áreas de atuação visando à melhoria da qualidade de vida dessas populações a partir da gestão participativa, da valorização da memória coletiva e da criatividade dos processos culturais regionais.

Assim como a missão deste Ecomuseu:

Pensar coletiva e interinstitucionalmente os problemas da região e suas comunidades, sem desvincular as dimensões ecológicas, sociais, educacionais, políticas e econômicas.

As propostas foram registradas no esboço do Projeto e no documento construído pelos participantes, denominado de “*Carta de Belém*”, assim construída:

Os participantes do Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia, realizado em Belém, no período de 08 a 10 de junho de 2007, fundamentados nas experiências pioneiras nacionais e internacionais de museus comunitários e ecomuseus que reforçam e convalidam a militância da Nova Museologia e as Declarações de Santiago do Chile (1972), Québec (1984) e Caracas (1992), em apoio aos movimentos das populações e comunidades locais...

Nesse evento foram ainda sinalizadas pelos Grupos de Trabalhos-GTs de educação, cultura e meio ambiente, instituídos no Seminário, algumas prioridades para o novo Ecomuseu. E também foi esboçado o estabelecimento de parcerias com organizações governamentais e não governamentais, tecendo redes de atores sociais e coletivos com objetivos comuns para que as ações propostas pudessem ser discutidas e executadas de forma transversal e interativa. Dentre elas:

- Articulação de saberes, através da interação de conhecimentos tradicionais e do senso comum com os conhecimentos técnico-científicos produzidos pelas universidades e instituições de pesquisa;
- Fomento de grupos de produção, visando à geração de emprego e de renda;
- Aproximação entre museus e escolas;
- Resgate dos valores e princípios de cooperação, solidariedade, justiça social, ética, respeito ao outro e aceitação de diferenças;
- Fomento de práticas de economia solidária e de turismo sustentável;

- Formação de conselhos, por grupos de pessoas de cada ilha, de maneira participativa e integral;
- Criação de um fórum permanente do Ecomuseu da Amazônia, de forma a garantir a mobilização permanente e a participação das comunidades;
- Levantamento das potencialidades existentes na região.

As produções continuaram, seja pelo planejamento de novas parcerias, sejam pela construção de propostas/prioridades definidas na ocasião do Seminário pelas comunidades e demais participantes, com o aporte da equipe facilitadora do Ecomuseu. Trata-se desta forma de um museu que assume como missão cuidar e preservar das expressões culturais e ambientais de um território.

Anos 2008/2009/2010 e 2011 representaram um período de significativa consolidação e produção na estrutura, organização e desenvolvimento do Projeto maior do Ecomuseu da Amazônia, como:

- Mudança da Sede do Ecomuseu do (Liceu Mestre Raimundo Cardoso para a Funbosque);
- Estruturação da equipe inter/multidisciplinar;
- Construção da metodologia com base no Programa “Patrimônio e Capacitação dos Autores do Desenvolvimento Local”, viabilizada por meio dos eixos temáticos (cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania);
- Planejamento e execução das ações em consonância com as comunidades do Território Ecomuseu. Dentre as diversas atividades desenvolvidas nesse período, destaque para o quadro seguinte:

Tabela 01: Síntese -Ações do Ecomuseu da Amazônia			
Item	Ações	Quantidade	Participantes
1.	Realização de oficinas	22	523
2.	Realização de minicursos	04	86
3.	Realização de palestras	08	406
4.	Realização de cursos	04	65
5.	Promoção de eventos	15	3.537
6.	Participação em reuniões e eventos	08	1.306
7.	Apoio à formação de organizações sociais	04	60
8.	Desenvolvimento de subprojetos	08	394
9.	Participação em associação e conselhos	05	100
10	Realização de exposições	05	299
11	Consultorias técnicas nas áreas do Ecomuseu	01	26
12	Visitas Monitoradas pelo Ecomuseu	01	22
Total de envolvidos diretamente em atividades nas áreas de atuação		---	6.824
Total Geral			13.162
Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2011.			

A partir deste contexto é concernente sinalizar para a realização de inúmeras atividades do Ecomuseu com as comunidades (destaque para os parceiros, colaboradores e voluntários), ações que se repetem, se enriquecem e se renovam a cada ano.

O ano de 2011 foi representativo para a prévia organização do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários - IV EIEMC. Como o Ecomuseu da Amazônia sediaria o Encontro em 2012, foi necessário replanejamento e organização mais detalhada das ações. Assim a metodologia com base no “Patrimônio e Capacitação dos Autores do Desenvolvimento Local” a partir da teoria dos eixos temáticos (cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania) foi se desenvolvendo, e apresentada ao

Encontro como contributo da produção comunitária do Ecomuseu, a seguir a estruturação dos eixos:

Eixo Cultura - é pautado em ações vinculadas ao patrimônio comunitário. A ideia preponderante é identificar e valorizar a memória, o patrimônio, potencializar a geração de renda a partir de iniciativas que unam perfil e habilidades empírico-artísticas ao conhecimento técnico-acadêmico, estrutura interdisciplinar dos eixos, realizada a partir da identificação de seus aspectos culturais, sociais e estudo etnográfico, preconizando-se iniciativas que possam integrar sistematicamente cultura e desenvolvimento, utilizando para esse fim: pesquisa e valorização das manifestações culturais, biomapas, inventário participativo, beneficiamento artesanal de sementes, etc;

Eixo Meio Ambiente - neste contexto visa a reafirmação de uma cultura, que se denomina “eco sítios-quintais produtivos, projeto-sustentabilidade e segurança alimentar”, objetiva promover e reafirmar a cultura de sítio produtivo, valorizando-o como patrimônio cultural da comunidade, gerar trabalho, renda e alimentação, através de rearranjo produtivo. É desenvolvido ainda, por meio da implantação de sistemas agroflorestais, reflorestamento, pomares, roça sem queima, horta com princípios orgânicos, produção de mudas, aquicultura sustentável na região insular de Belém;

Eixo Turismo de Base Comunitária - é um turismo que valoriza e procura conhecer o cotidiano das comunidades, perceber como elas compreendem e consideram esta prática alternativa de turismo em seu território, e de que forma acontecem as relações entre os visitantes e os visitados. Possibilita ainda às comunidades, o fomento de atividades de base comunitária e desenvolvimento local, por meio de um planejamento estratégico e apoio ao desenvolvimento da cadeia produtiva do turismo. Como exemplo, capacitação por meio de oficinas, roteiros de memória e patrimonial de visitação;

Eixo Cidadania- Torna-se exequível por meio do museu das tradições comunitárias, este integra ações de interesses coletivos, apoio à criação e acompanhamento de organizações sociais, feiras e escoamento de produção, cadastro da comunidade e dos artesãos, catalogação do acervo-Território Ecomuseu. O envolvimento da sociedade neste sentido objetiva um mundo mais justo e democrático, em consonância com as orientações de Varine-Bohan (2009, p. 5), que apreende o Ecomuseu da Amazônia como instituição que “se preocupa prioritariamente com a organização dessas comunidades e a valorização das identidades locais, com a capacitação de seus membros, com a formação profissional, com o capital social, com o apoio às iniciativas coletivas, etc”. Trata-se de uma preocupação que parte da necessidade de estabelecer a inserção social para o reconhecimento e empoderamento de seus saberes, fazeres e falares, além de possibilitar informações e interações com a população no que concerne a temas de relevantes interesses locais e variadas complexidades.

A teoria dos eixos temáticos vem se desenvolvendo e aperfeiçoando, atualmente é uma das principais responsáveis pela produção e consolidação do Território Ecomuseu, seja pela melhoria da autoestima, geração de renda ou ainda pela aquisição de conhecimentos referentes ao tema, tanto pelas comunidades, como pelos voluntários, parceiros, a equipe facilitadora do Ecomuseu, e demais interessados nesta metodologia. O IV EIMC foi um fator indutor no que tange as ações desenvolvidas nessas microrregiões, assim como na divulgação e valorização do patrimônio constituído nesses espaços. Daí a importância da continuidade do Programa, o qual já faz parte da estrutura organizacional do Ecomuseu da Amazônia.

A partir de sua criação (2007) o Ecomuseu vem inspirando inúmeros participantes protagonistas, admiradores, seguidores e detentores deste conceito/termo denominado museologia comunitária, como exemplo: uma tese de Doutorado, um pós-doutoramento

em processo, duas dissertações de mestrado, publicações em livros e periódicos, poesias, narrativas, palestras, oficinas, pôsters, vídeos, reportagens de TV, rádio e jornal, composição de música e artigos diversos (cf. Bibliografia).

É relevante destacar os “Relatórios de Missão N° 1, 2 e 3-2009, 2010 e 2011” escritos por Hugues de Varine-Bohan, sobre as ações desenvolvidas nas áreas de abrangência do Ecomuseu da Amazônia, e mais, o artigo escrito sobre o Ecomuseu, para a introdução teórica do IV EIEMC, por Maria Terezinha Resende Martins-Brasil & Hugues de Varine-Bohan, denominado “A Capacitação: práticas e tentativas de teorização”. E ainda, dois documentos gerados em eventos especiais, como a “*Carta de Belém, 2007*”, quando da oficialização do Ecomuseu e a “*Carta de Caratateua, 2012*” que registrou a culminância do IV EIEMC. Esse Encontro, por meio da participação/realização das comunidades, equipe do Ecomuseu e demais atores sociais, representou um marco divisório no processo de produção e consolidação do Ecomuseu da Amazônia.

É importante considerar neste capítulo uma especial produção, seleção, em cerca de cinco editais, com base em ações desenvolvidas e em desenvolvimento com as comunidades do Território Ecomuseu, junto a instituições parceiras, recursos que tem contribuído significativamente para o bem estar das comunidades, e conseqüente desenvolvimento local. Outra relevante contribuição para a consolidação do Ecomuseu foi uma homenagem denominada “Medalha de Honra ao Mérito” - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, referente às Comemorações dos 80 anos dessa Escola de Museologia pelos inestimáveis serviços prestados ao campo da Museologia e do Patrimônio, e pela participação na concepção, criação e coordenação do Ecomuseu da Amazônia. E mais, pela importante implantação do Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local com a participação dos comunitários locais.

Os anos 2013, 2014, 2015 e 2016 subsequentes, reafirmam a continuidade das ações tão propaladas no Encontro, com os devidos (re) planejamentos, (re) avaliações deste Ecomuseu. Os variados documentos construídos a partir dessas atividades vêm certamente contribuindo para o planejamento e estruturação dessa microrregião, e para o desenvolvimento das ações pelos comunitários desse Território, os quais vêm experimentando uma metodologia diferenciada, com o desafio de se tornarem a cada dia, porta-vozes e protagonistas de uma inovadora gestão patrimonial no que tange ao desenvolvimento local.

2.1.4 Ecomuseu da Amazônia e suas relações com os demais museus brasileiros, especialmente, os ecomuseus, museus comunitários e afins.

2.1.4.1 O Ecomuseu da Amazônia e o estabelecimento das primeiras parcerias

O Ecomuseu da Amazônia (2007) é oriundo, como já foi referido, do estabelecimento de relações das comunidades do bairro do Paracuri-Distrito de Icoaraci/Liceu Mestre Raimundo Cardoso, /Seretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Belém e da idealização-proposta da Profa Laís Aderne. Posteriormente (2008) a sede do Ecomuseu mudou-se do Liceu para a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, onde se encontra sediado. Em (2012) o Ecomuseu da Amazônia com apoio da Prefeitura Municipal de Belém-PMB, Secretaria Municipal de Educação-SEMEC e a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira-Funbosque oficializaram/inauguraram seus espaços denominados: Casa-Sede e Ecoarte, localizados nas dependências desta Fundação.

Priorizou-se sempre as comunidades, voluntários e colaboradores, fatores-base para o prosseguimento e relevância do estabelecimento de parcerias com outras instituições públicas e privadas, organizações não governamentais e demais atores sociais. Observa-se que as relações foram se tornando exequíveis, os contatos foram se firmando, mesmo que de forma extraoficial em sua maioria, dado as comunidades que já faziam parte desse protagonismo terem processualmente selecionando seus representantes. Houve também a adesão dos representantes distritais, Secretarias Municipais e Estaduais (educação, cultura, meio ambiente, Economia e turismo), Sistema Integrado de Museus do Estado do Pará, Universidade do Estado do Pará-UEPA, Museu de Arte de Belém-MAB, Escolas. E, Instituto de Educação Superior da Amazônia-IESAM, Universidade da Amazônia-UNAMA, Museu Emílio Goeldi-Coordenação de Educação Ambiental, Embrapa, Universidade Federal do Pará-UFPA/Curso de Museologia, dentre outras parcerias. Entretanto é verdadeiramente *na* e *com* a comunidade que se concretizam as parcerias, por meio da execução de ações e projetos, consultorias para assuntos específicos, pesquisas, etc. É importante salientar a interação entre representantes do Ecomuseu e seus parceiros.

2.1.4.2 O Ecomuseu da Amazônia e a ABREMC - relações institucionais

O Ecomuseu da Amazônia (associado em 2007 à ABREMC), constituído pela equipe facilitadora, parceiros, colaboradores, voluntários e comunidades de sua área de atuação encontrou na ABREMC (2004), que assim como o Ecomuseu, desde a sua criação visa “capacitar cidadãos/comunidades e interessados em iniciativas que tenham suas bases assentadas na participação popular” um ambiente pertinente para o estabelecimento de relações e partilha de experiências com a própria e com outros ecomuseus. A ABREMC que vem apoiando e promovendo encontros internacionais, como o IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC, sob o tema “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local” sediado pelo Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA, (2012) e o V EIEMC “Museologia Comunitária: Construindo caminhos para o bem viver (2015)” sediado pela Universidade Federal de Juiz de Fora e os Ecomuseus da Serra de Ouro Preto, Carste, Cipó e Kizomba na Mata, localizados no Estado de Minas Gerais. E ainda quatro Jornadas de Formação em Museologia Comunitária, sediadas pelo NOPH Ecomuseu da Santa Cruz-Rio de Janeiro (2009), Museu 13 de Maio-Santa Maria/RS (2011), Ecomuseu Campos de São José-São José dos Campos/SP (2014) e Ecomuseu do Maranguape (Ecomuseu do Pacoti e Museu Indígena Genipapo Canindé), todos localizados no Estado do Ceará (2016).

A diversidade de museus comunitários e ecomuseus citados neste item, parceiros do Ecomuseu, projetam o amplo espectro da museologia social brasileira, que vem instigando e apoiando o Ecomuseu da Amazônia na proposta de organização de sua gestão, que busca para este fim, como uma de suas alternativas, respaldos na missão da ABREMC (2014, p. 3):

Fomentar a criação, fortalecimento, desenvolvimento, apoio e divulgação dos ecomuseus, museus comunitários e processos similares ou nesse espírito; em prol do desenvolvimento social, comunitário e sustentável, da cultura e educação em todas as suas formas, e da apropriação e valorização do patrimônio como recurso de desenvolvimento.

A experiência da ABREMC, as Consultorias, o intercâmbio/convívio com outras iniciativas comunitárias, especialmente Odalice Priosti-NOPH Ecomuseu de Santa Cruz-RJ, Yara Mattos- Ecomuseu da Serra de Ouro Preto-MG, Nádia Almeida-Ecomuseu do Maranguape-CE, Bianca Wild-Ecomuseu de Sepetiba-RJ, Ângela Savastano-Ecomuseu Campos de São José-SP, Maria Emília Medeiros-Ecomuseu de Itaipu-PR, dentre outras. A propagação espontânea dos ecomuseus, museus comunitários, museus de percurso, museus de favela, etc, pelo Brasil, segundo Priosti (2014, p. 4) confirmam a construção de uma rede informal de trocas metodológicas, onde cada experiência compartilha o que deu certo, interpreta, adapta, transforma ou recria segundo suas próprias realidades e demandas”, apresenta-se neste sentido como um dos integrantes desta experiência-rede, o Ecomuseu da Amazônia.

Outro ponto positivo decorrente da relação do Ecomuseu com a ABREMC é o estabelecimento de contatos/consultorias/parcerias com profissionais e iniciativas diversas da museologia comunitária internacional e nacional, tendo de destacar, por exemplo, como um dos contatos internacionais, a figura de Hugues de Varine-Bohan-França, especialista em gestão de projetos e desenvolvimento local, ação comunitária, regeneração urbana, revitalização rural e desenvolvimento sustentável, consultor do Ecomuseu da Amazônia (2009-2012), vínculo que permanece, mesmo à distância. O Ecomuseu da Amazônia ensejou, a convite de Varine-Bohan (2011), uma viagem de estudos da Diretoria da ABREMC, a qual Terezinha Resende é parte como (Coordenadora do Ecomuseu da Amazônia) a três países da Europa (Portugal, França e Itália) para conhecer e partilhar experiências com outros ecomuseus, museus comunitários e afins. Ressaltar que dessa viagem muitos contatos foram mantidos, e alguns permaneceram, como: Ecomuseu do Paysalp (França), Ecomuseo Valle Elvo e Serra e Ecomuseu do Parabiago (Itália) e Ecomuseu do Seixal (Portugal), etc.

Em relação aos contatos nacionais, Terezinha Resende, por ser coordenadora do Ecomuseu da Amazônia, foi candidata, posteriormente eleita e empossada como Presidente da ABREMC (2013-2016). Por meio deste cargo tem assegurada uma cadeira no Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus/Colegiado Setorial de Museus-MinC-DF, presença em Conferências Nacionais de Cultura, assim como, o Colegiado Setorial passou a ser representado (2016) no Conselho Nacional de Políticas Culturais-CNPC/Brasília-DF. Destaque para a participação da Presidente da ABREMC na III Conferência Nacional de Cultura-DF (2013), quando foi inserido os termos "museus comunitários e ecomuseus" nas 20 diretrizes prioritárias e aprovadas pelos delegados presentes na Conferência/Ministério da Cultura.

2.1.4.3 O Ecomuseu da Amazônia e o Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM/Ministério da Cultura-MinC - estabelecimento de parcerias:

O Ecomuseu da Amazônia foi cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM-MINC (2007). Representantes do Ecomuseu participaram a convite do IBRAM dos seguintes eventos:

Fóruns Nacionais de Museus - ocorre a cada dois anos, participação a partir de (2008/2010/2012/2014), o próximo Fórum foi previsto para o segundo semestre de (2016, prorrogado para 2017). **Destques para:** Fórum/2010, por meio de sua coordenadora Maria Terezinha R. Martins participou em Brasília, a convite do IBRAM, da Coordenação do Mini-Fórum Setorial “Museus Comunitários e Ecomuseus”, e ainda, da construção do documento que reconheceu e integrou os museus comunitários e os ecomuseus como parte constituinte do “Plano Nacional Setorial de Museus-IBRAM -

2010/2020”. Fórum/2014 - O 6º FNM “Museus Criativos” realizado em Belém-PA foi um espaço destinado ao intercâmbio de experiências e conhecimentos entre a comunidade museológica, sociedade civil, museus e órgãos de gestão museológica federais, estaduais e municipais. Representantes do Ecomuseu da Amazônia participaram da pré-organização local e nacional por meio de eventos, e de um GT “Os indicadores deste grupo abordam princípios de participação e corresponsabilização social como mecanismos de criação de museus e desenvolvimento de processos museais” os quais avaliaram o Plano Nacional Setorial de Museus-PNSM/6º FNM. No decorrer do Fórum, o Ecomuseu-FUNBOSQUE recebeu também 40 convidados em sua sede na Ilha de Caratateua.

O Ecomuseu da Amazônia como parceiro do IBRAM participou também da III Jornada Brasil-Espanha - O Plano Museológico: Instrumento de Planejamento/II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus-REM e Centros Culturais, da Teia da Memória e Teia da Diversidade. Realce para o 1º Encontro de Articulação das Redes de Pontos de Memória e Museus Comunitários-IBRAM/Brasília-DF (2012). O encontro possibilitou a articulação de redes de pontos de memória e museus comunitários; e reuniu 32 representantes do campo da museologia social das cinco regiões do país e a equipe técnica do Instituto. Resultou na “*Carta da Rede dos Pontos de Memória, 2012*” e “Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social”, com propostas voltadas para fomento, financiamento e sustentabilidade, qualificação, inventário participativo e articulação em rede.

A contrapartida do Ecomuseu em relação ao IBRAM é mútua, já que participa/realiza, desde o ano 2009, os eventos nacionais “Semana de Museus e Primavera de Museus”, promovidos pelo IBRAM. E mais, recebe em seu Território, técnicos, instituições, assim como, em 2016, o Ecomuseu da Amazônia foi contemplado com uma matéria na Revista Musas, com a reportagem “Museu Visitado”, dentre outras, e demais indicações desse Instituto. O estabelecimento de parcerias, entre o Ecomuseu da Amazônia e demais organizações/instituições/comunidades é histórico, vem ocorrendo desde a sua criação, demonstrando, no decorrer dos anos, a relevância dessas relações, o quanto estas acrescentam positivamente aos diversos segmentos deste Ecomuseu, seja de forma individual ou coletiva, seja no conhecimento acadêmico ou empírico. São interações, integrações, intercâmbios produtivos, não importa o termo. Importante é o legado que esses contatos conseguem instituir a todos os participantes, sejam eles, institucionais, comunitários, técnicos, voluntários, colaboradores, etc.

2.1.5 Ecomuseu da Amazônia: a experiência da organização do IV EIEMC

No ano de 2011 a Prefeitura Municipal de Belém - PMB, Secretaria Municipal de Educação - SEMEC, Fundação Escola Bosque professor Eidorfe Moreira - FUNBOSQUE, Ecomuseu da Amazônia, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários - ABREMC, Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica – NOPH, Universidade Federal do Pará-UFPA/Curso de Museologia e parceiros se organizaram para a realização do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC, que teve como tema “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local”- o Programa de Capacitação - Um documento fundamental de programação iniciado em 2009. O termo ‘capacitação’ equivale ao inglês “*empowerment*”, e designa o conjunto de ações implementadas em uma comunidade para levar seus membros a valorizar, desenvolver e/ou adquirir os saberes, os fazeres, as práticas, as técnicas que

lhes permitirão tomar nas mãos seu próprio desenvolvimento, quer dizer, a melhoria de suas condições de vida, de modo sustentável e responsável.

O Programa teve como um de seus principais objetivos “Trabalhar de forma prática e teórica a integração - patrimônio e população - em um processo orgânico e cíclico, onde trabalhar com o patrimônio é o meio de dinamizar à comunidade; e trabalhar com a comunidade é o meio de dinamizar o patrimônio, relacionando, desta forma, seu uso e relevância em consonância com a realidade local”. A importância da capacitação parte da necessidade de reafirmação do compromisso com a missão do Ecomuseu da Amazônia em suas áreas de atuação, assim como da interação/transmissão do conhecimento, hábitos, valores e costumes entre gerações, com perspectivas de um futuro melhor. Neste sentido, os participantes do processo pretendiam contribuir para a aquisição de uma nova postura quando confrontados com situações que possam alterar o seu meio ambiente sociocultural.

Desta forma o Programa foi desenvolvido a partir dos eixos temáticos: cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania. Elementos motivadores e de referência para que o Ecomuseu da Amazônia sediasse (2012) em Belém do Pará esse IV EIEMC. A seguir Hugues de Varine anuncia em um veículo de comunicação local o Encontro Internacional:

OLIBERAL

BELEM, SEGUNDA-FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 2011

6 ATUALIDADES

Escola Bosque se prepara para encontro internacional de Ecomuseus

AMBIENTE
Objetivo é reforçar preservação do ambiente e da cultura regional

ROBERTO BARBOSA
Da Redação

Participar da discussão para realização do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, marcado para junho do próximo ano, a ser sediado em Belém pelo Ecomuseu da Amazônia, instituição vinculada à Fundação Escola Bosque, em Outeiro. Este foi um dos objetivos da visita a capital paraense, na semana que se passou, do professor Hugues de Varine-Bohan, especialista em gestão de projetos e desenvolvimento local. Varine, membro fundador do Movimento Internacional para uma Nova Museologia e presidente honorário do Ecomuseu do Creusot, na França, veio participar de programação coordenada pelo Ecomuseu da Amazônia denominada “Patrimônio e capacitação dos atores”, com palestras no auditório da Fundação Escola Bosque, no Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará e visitas a instituições públicas de Belém etc.

Essa programação inicial, segundo a professora Maria Terezinha Rezende Martins, do Ecomuseu da Amazônia, objetiva preparar a comunidade das ilhas de Caratateua (Outeiro), Mosqueiro e Cotijuba, além do distrito de Icoaraci, para a valorização da própria cultura e de seus costumes com educação ambiental, terreno sustentável, as áreas de atuação dessas comunidades em todos os seus segmentos, pois o Ecomuseu da Amazônia, criado em 2007, tem, como acervo, toda a extensão territorial, seu povo e tudo o que o cerca e está inserido em seu contexto.

Assim, diz a professora Maria Terezinha, é muito importante a presença em Belém do professor Hugues de Varine, que já esteve em outras ocasiões nesta cidade, já que acompanha o desenvolvimento e o trabalho dos ecomuseus de todo o mundo. Ele, aliás, é o criador do conceito de “Ecomuseu”, instituição voltada para a preservação da cultura e do meio ambiente de uma região. No Brasil, existem 10 ecomuseus. Na Amazônia, apenas um, o da Fundação Escola Bosque, que foca num primeiro momento, a sociedade ribeirinha, a cultura do artesanato e dos artesãos, a dança, a religião, a pesca, a música etc., objetivando por fim o ecoturismo na região.

DIFERENÇAS

De acordo com o professor Varine, que esteve na redação de O LIBERAL na última quinta-feira, 27, a diferença entre um museu tradicional e um ecomuseu, é que, enquanto o primeiro configurará-se um território estático onde podem ser encontradas representações do patrimônio de uma região, coleções e espécies de preservação, o segundo interage com a comunidade, buscando e divulgando o conhecimento deste povo.

O resultado esperado é a melhoria na qualidade de vida das populações a partir da gestão participativa e da valorização da memória coletiva e da criatividade dos processos culturais regionais.

Entre as atividades do Ecomuseu da Amazônia, está a criação de trilhas ecoturísticas, o mapeamento socio-econômico ambiental das áreas envolvidas e o plantio de mudas nativas, além da geração de renda por meio do artesanato.

O Ecomuseu da Amazônia desenvolve ações pela preservação e a recuperação do patrimônio cultural e natural da região, especificamente em Outeiro, Mosqueiro e Icoaraci.

Segundo o professor Varine, há poucos dias, ele esteve em Portugal e na Itália, onde fez o convite para que representantes de ecomuseus desses países venham participar do encontro internacional, oportunidade em que são esperadas aproximadamente 250 pessoas do Brasil e do mundo, além dos agentes multiplicadores que estão sendo capacitados pelo Ecomuseu da Amazônia através de oficinas, reconhecimento de lugares como a Trilha Castanheiras, Roteiro Carumary, e a comunidade Caruarú, tudo em Mosqueiro, que mostram, pelo que são, um pouco da história, dos costumes e a simplicidade das pessoas que vivem no entorno desses ambientes.

Nessas oficinas, pretende o Ecomuseu da Amazônia, com a Escola Bosque, fazer com que a comunidade faça a sua identificação cultural, o conhecimento e o reconhecimento desse santuário ambiental do qual faz parte. “É assim que o homem da região vai olhar para o seu habitat, as suas tradições e, desta maneira, valorizar o que tem e o que é”, acrescenta Varine.

DIAGNÓSTICO

Maria Terezinha adianta a construção do diagnóstico local com a comunidade para traçar um mapa dos rios, igarapés, árvores, casas e necessidades e lembra que o patrimônio está inserida desde a criação do Ecomuseu da Amazônia, já que participou ativamente, há quatro anos, da construção do projeto. Já Varine faz lembrar que cada Ecomuseu tem uma realidade e que aí entra a questão da troca de informações e de experiências. “Aqueles pessoas que virão vão trazer seu conhecimento e passar pra gente daqui, assim como, vai levar um pouco do que se conhece aqui para tentar aplicar por lá.

“Enfim, o que se quer, é que o homem aprenda a viver com os recursos que tem no seu próprio ambiente, sem necessariamente degradá-lo. Ele, aprendendo a conviver com esses recursos, irá preservá-lo e saberá como sobreviver nos momentos mais difíceis, ao passo que aquelas comunidades consumistas tendem a sofrer bem mais nessas ocasiões”, disse o professor.

Outro ponto destacado pelo professor, Varine diz respeito à apresentação para os integrantes dos ecomuseus do mundo, da vida simples do povo amazônico, com sua fauna, sua flora, a cultura da mandioca, a culinária, os bichos, as plantas, o conhecimento de termos, como uma linguagem regional, o que irá redundar, por fim, numa melhor qualidade de vida.



O consultor **Hugues de Varine-Bohan** é o criador do conceito de ecomuseus

Figura 4: Matéria de Jornal com o Consultor Internacional, Hugues de Varine-Bohan sobre a pré-divulgação do IV EIEMC, sediado pelo Ecomuseu da Amazônia - Belém-PA/BR.

Fonte: Jornal O Liberal, Coluna/Atualidades, 2011.

O evento contou com o apoio/orientação do Consultor Internacional Hugues de Varine-Bohan, um dos cunhadores do termo '*ecomuseu*' e então Consultor do Ecomuseu da Amazônia, dentre outros parceiros e colaboradores desse Encontro. O IV EIEMC, que aconteceu em Belém-PA, de 12 a 16 de junho de 2012, evidenciou experiências concretas dos participantes, como o patrimônio pode e deve constituir um recurso maior para essa iniciativa: as riquezas da natureza, as tradições, os saberes técnicos e o contexto da vida. Teve como objetivo apresentar, analisar e avaliar a participação dos museus comunitários, ecomuseus, museus de território e similares na contribuição para o enraizamento das populações em seus espaços vividos, com o objetivo de fortalecer o ato do sentir e do pertencer a um lugar/uma comunidade em harmonia social. O Ecomuseu foi selecionado para sediar o evento referido devido aos trabalhos que vinha desenvolvendo em benefício das comunidades de sua área de abrangência, ao longo dos anos.

Neste sentido alguns pontos importantes foram destacados, como a contribuição técnica de especialistas da área museal; o interesse despertado entre estudantes e profissionais do município de Belém, sede do Encontro; a multiplicidade de temas abordados; a participação de entidades comunitárias de diferentes regiões do Brasil e do exterior, possibilitando o estreitamento de relações e de novas propostas de trabalho em conjunto. A seguir quadro representativo dos participantes do Encontro:

Tabela 2: Síntese representativa de constituição dos participantes do IV EIEMC

Atividades	Local	Data	Palestrantes	Participantes
Abertura	UFPA	12/06/2012	03	752
Mesas Redondas	FUNBOSQUE	13/06/2012	08	208
		14/06/2012	10	296
		15/06/2012	04	165
SUBTOTAL			25	1.421
Atividades	Local	Data	Expositores	Participantes
Oficinas	FUNBOSQUE	13/06/2012	12	135
		14/06/2012	10	111
Feiras de Produções	FUNBOSQUE	13 a 15/06/2012	16	2.100
Exposições	FUNBOSQUE	13 a 15/06/2012	15	200
Manifestações Culturais	FUNBOSQUE	13 a 15/06/2012	09	115
Dia de Campo - Ilha de Mosqueiro	Caruaru/ / Mari-Mari	15/06/2012	20 comunitários	39
	Paulo Fonteles			14
	Vila			09
SUBTOTAL			107	2.723
TOTAL GERAL				4.251
Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2012.				

Dentre os participantes do IV EIEMC, destacar o Distrito Federal, dezenove Estados brasileiros, nove países, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais (ONGs), além de comunidades das quatro áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia. Os presentes responderam a quatro perguntas norteadoras: Como as

comunidades compreendem e usam seu patrimônio? De que modo o patrimônio pode ser para elas um gerador de rendas? Como capacitar uma comunidade para o desenvolvimento local, usando o patrimônio como recurso? Como tornar essa comunidade gestora de seu patrimônio e se manter auto sustentável?

As respostas a citadas perguntas foram temas discutidos nos diversos trabalhos apresentados durante o Encontro, como mesas-redondas, palestras, oficinas, apresentação de pôsteres, vídeo-conferência, relatos de experiências das comunidades. A partir dos debates pôde-se verificar a diversidade de trabalhos que evocam a figura do homem como protagonista de transformação da sua realidade. Do IV Encontro foi possível extrair potencialidades, fragilidades e possibilidades de cada instituição e comunidades envolvidas. Importa observar que o Encontro enfatizou ainda o desenvolvimento de comunidades sustentáveis, relacionadas ao equilíbrio entre homem e meio, e que este depende de uma mudança de atitude perante a realidade atual.

Ao final do IV EIEMC - protagonistas, responsáveis, participantes, estudiosos e simpatizantes de iniciativas brasileiras e estrangeiras consolidadas e/ou embrionárias que discutiram nesse evento o tema “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local”, formalizaram reflexões sobre a ressignificação do patrimônio e a sua apropriação. As comunidades presentes ou representadas no IV EIEMC, liberaram suas reivindicações e suas demandas, exerceram seu direito de livre expressão e cidadania. Para registrar esse encontro construíram o documento já anteriormente referido, denominado “*Carta de Caratateua (2012)*” (ver em Anexos). Este documento resumiu entre os praticantes e os pensadores da museologia comunitária o anseio de deixar registrado a importância de uma responsabilização cada vez mais crítica de nossas ações como comunidade. E ainda foram selecionados, coletados e divulgados, materiais para a elaboração de dois volumes: Vol 1-*Atas* (apresentação, programação, conferência, palestras, mesas redondas, documentos apresentados às plenárias, documentos de base). Coordenação Geral: Maria Terezinha R. Martins. Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA-BR: 12-16, junho 2012, 329 pp.; Vol 2-*Narrativas populares, oficinas e pôsteres*. Coordenação Geral: Maria Terezinha R. Martins. Belém: Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA-BR: 12-16, junho 2012, 61 p..

3. A PESQUISA

3.1 A importância do inventário nos museus e ecomuseus

A expressão inventário conduz-nos a refletir sobre alguns conceitos chave, com algumas indagações: “O que é patrimônio?” “O que é inventário? O que é inventário participativo?” “O que é memória?”. Definições que certamente servirão de base para o entendimento deste estudo.

A palavra patrimônio segundo Carvalho & Funari (2006, p. 32) deriva do latim *patrimonium* e faz alusão à "propriedade herdada do pai ou dos antepassados" ou "aos monumentos herdados das gerações anteriores". Desta forma, é pertinente afirmar que, patrimônio significa a preservação e compreensão da memória social de um povo, a garantia de que, a ideia, o conhecimento, os valores culturais de uma determinada época, serão protegidos e difundidos através das gerações. Ao longo do tempo o termo patrimônio tem recebido diferentes releituras, conseqüentemente outras qualificações semânticas, sem perda da sua interpretação inicial. De acordo com Ferreira (2001, p. 400) o conceito de *inventário* representa a “relação dos bens deixados por alguém que morreu, ou, relação ou rol de mercadorias, bens, etc”. Entende-se de um modo geral como inventário, uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se

quer conhecer melhor, mas não se trata de uma simples definição, especialmente se aplicado ao patrimônio. O museu como servidor da comunidade e de seu desenvolvimento, deve ser um processo vivo e dinâmico, contínuo e sustentável, ser considerado como um aporte para que as memórias individuais ou de grupos comunitários se transformem em memórias coletivas. Para Alberti (2005, p. 167), “A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade.” No que concerne a relação do patrimônio com o museu, Chagas (2009, p.34), anuncia:

As noções de museu e patrimônio no mundo moderno, além de se manterem conectadas à de propriedade - material ou espiritual econômica ou simbólica - estão umbilicalmente vinculadas à ideia de preservação. Provisoriamente, o que eu quero sugerir é a compreensão de que um anelo preservacionista aliado a um sentido de posse são estímulos que se encontram na raiz da instituição do patrimônio e do museu.

As diversas colocações sobre os termos, inventário, patrimônio, memória, nos dirigem a definição de Museu. Segundo o Ministério de Cultura-IPHAN/Minc “o museu, para os efeitos de lei, é uma instituição com personalidade jurídica, com ou sem fins lucrativos, ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica própria, aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Nos museus a ideia de inventariar segue os princípios orientadores de uma política estratégica de gestão de coleções que devem estar integradas aos objetivos e missão da instituição. As instituições responsáveis pela salvaguarda e divulgação de coleções são os museus. O inventário neste contexto, é pois, um instrumento que ao longo dos anos no que tange aos museus, vem ampliando seu conceito, principalmente em torno das coleções, mas também, por coletar, reunir e divulgar informações de cunho administrativo e documental, estes que podem ser considerados como apoiadores dos Sistemas de Informação.

Cândido (2013, p.94), tendo por referência Rosana Nascimento (2004a; 2004b), ressalta que o diagnóstico de sistemas documentais, a partir de estudos realizados em alguns museus, sugere os seguintes critérios:

1. Quanto ao registro do acervo permanente (se há controle, qual a porcentagem do acervo está documentada, se existe livro de inventário);
2. Quanto ao acervo (porcentagem do acervo localizada e não localizada, porcentagem do acervo que teve baixa);
3. Quanto ao procedimento de marcação dos objetos (porcentagem do acervo localizado que tem marcação legível e ilegível, porcentagem do acervo localizado que não tem marcação);
4. Quanto ao número de registro dos objetos (número de objetos encontrados sem numeração em relação ao total de acervo, número de peças que fazem parte de conjunto ou por que não tiveram todas as partes encontradas).

Os itens considerados para o diagnóstico de sistemas documentais em museus refletem incorporação de procedimentos que poderão conduzir a tomada de decisão, elemento essencial para a gestão de coleções. Enfatizar que a essência das atividades de um museu está pautada na coleção, seja ela material ou imaterial, Desvallées & Mairesse (2013, p.32) com base no Código de Ética do ICOM (2006), ratificam “A missão de um museu é a de adquirir, preservar e valorizar suas coleções com o objetivo de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico”. Nessa perspectiva entende-se que a coleção representa a constituição de objetos de um museu em conformidade com o

grau de importância e afinidade de cada conjunto de elementos. Não está aqui em causa os diferentes meios e suportes, arquivos, escritos ou digitais, dos elementos inventariados, mas os objetivos da inventariação e gestão, bem como os processos que as concretizam. Neste contexto é peculiar citar a trilogia tradicional museológica prédio, coleção, público, acrescida posteriormente de desenvolvimento institucional, que cedeu lugar a uma nova concepção de museu denominada de território, patrimônio, população/comunidade, acrescida a posteriori, do desenvolvimento local. A nova concepção museológica teve como um de seus principais cunhadores Hugues de Varine-Bohan que apresentou o ecomuseu como um instrumento de empoderamento comunitário, que entre outras coisas possibilita condições para processos de tomada de decisão, principalmente sobre uma base coletiva.

Inventário para os ecomuseus não representa uma simples concepção de opiniões e conceitos partilhados, mas uma discussão que assegure a participação dos diversos segmentos sociais, principalmente do cidadão, e que este tenha a oportunidade de dizer: o que inventariar?; o que preservar?.

Quanto ao conceito de inventário participativo é pertinente acrescentar o dizer de Hugues de Varine-Bohan (2012, p. 54) trata-se “de escutar os habitantes e de lhes pedir para designar aquilo que consideram como sendo o patrimônio de sua comunidade e de fornecer o maior número de informações sobre o assunto”. Em consonância com o dizer de Varine-Bohan, o Inventário Participativo de Viamão, utilizou a experiência local acerca do Orçamento Participativo e a divisão regional do município estabelecida por esse instrumento, como segue:

Conseguiu realizar um inventário que foi além do “participativo”, possibilitou o debate sobre quem (?), efetivamente, tem o direito de dizer, de indicar ou declarar, que tal bem, ou tais bens, possui ou possuem. Ou, se possuem não de maneira tão relevante que possam vir a ser elevados à condição de bens de interesse “sociocultural passíveis de proteção e preservação”, de inventariação ou tombamento.

A respeito da publicação de Viamão, Varine-Bohan (2012, p. 54) acrescenta:

Se os elementos mais evidentes do patrimônio são recenseados sem dificuldade, outras escolhas, menos “clássicas”, revelam a importância que a população dá aos lugares, objetos e documentos que balizam sua história social e cultural, mesmo se não correspondem aos critérios tradicionais.

Neste contexto, entendendo as citações de Viamão e Varine, o inventário participativo do patrimônio cultural desafia, quando valoriza a participação direta do cidadão no que concerne as decisões a serem tomadas quanto a preservação de um bem patrimonial.

Daí a recomendação de Varine-Bohan (2012, p. 55) acerca do inventário participativo, que esse permaneça complementar ao tombamento dos monumentos, sítios e de outros elementos culturais e naturais, por “uma espécie de ‘marca’ de qualidade nas riquezas de interesse superior, nacional e internacional”. E Varine-Bohan (2012, p. 59) complementa com uma informação significativa que “a participação no inventário deve ser voluntária e livre, e deve acontecer em total transparência, no respeito pela vida das pessoas e da propriedade privada, deve acontecer e não impor”. Após as colocações a cerca da importância de inventários nos museus e ecomuseus, foi possível perceber que a complexidade do patrimônio cultural vem possibilitando a amplitude do conceito, ou ainda da construção de novos conceitos, novas configurações no que tange ao termo inventário, este que traz em sua essência, especialmente nos museus a importância das

coleções, não somente como a reunião de objetos, mas também, em última acepção, a mais aberta das que foram citadas, conforme Desvallées & Mairesse (2013, p.35) “engloba tanto as coleções mais específicas, quanto as coleções tradicionais dos museus, mas também coleções de testemunhos da história oral, de memórias ou experimentos científicos”. Enquanto que, nos ecomuseus, museus comunitários e afins, o objetivo do inventário não é a coleção, mas esta poderá ser a consequência da construção coletiva de conhecimentos, valorização da dialética entre os diversos segmentos sociais, a ênfase está no cidadão - detentor de conhecimento do patrimônio local, de referências culturais a serem sinalizadas.

3.2 Inventário Participativo: antecedentes do inventário participativo, conceitos e métodos usados na ilha de Cotijuba

O inventário

As comunidades das áreas de atuação do Ecomuseu possuem características e especificidades próprias, e de um modo geral demonstram interesse em melhorar suas vidas, pessoal e socioeconômica, bem como, sinalizam para a valorização de seus espaços, elementos motivadores que conduzem os envolvidos neste processo, técnicos do Ecomuseu da Amazônia, parceiros, colaboradores, voluntários e demais populações do Território a promoverem ações para identificar os patrimônios dessas microrregiões em busca de melhoria de vida. Os dados são então coletados por meio de pesquisa de campo, em consonância com as atividades desenvolvidas no território, acrescidas quando necessário de entrevistas, relato de protagonistas e atores sociais participantes de projetos dessa microrregião, bem como, pela disponibilidade de informações e pesquisas realizadas por outras instituições públicas, atuantes nas áreas desse Museu Território.

As ações do Ecomuseu da Amazônia são pautadas a partir de Diagnósticos Rápidos Participativos-DRP, efetivados com as comunidades. Instrumento em que a população identifica seu patrimônio de forma participativa permite coletar dados de maneira ágil e oportuna, diferenciando-se de formulários pré-estabelecidos que possam ser utilizados tendenciosamente. Esta proposta é realizada inicialmente por meio de uma oficina com os habitantes representativos da comunidade trabalhada, e para que o processo tenha fidedignidade e valor estatístico; é necessário à participação de um mínimo de 10% de moradores da localidade. É desenvolvido em três fases:

- i. *pré-diagnóstico*, realizado por meio de contatos institucionais e da própria comunidade, objetivando informações a respeito da realidade a ser estudada;
- ii. o *diagnóstico* propriamente dito que envolve os aspectos a serem identificados;
- iii. e o *planejamento* de ações, definindo estratégias e metas para a potencialização dos dados identificados. Neste sentido o DRP possibilita aos interessados desenvolverem o processo de coleta de dados, com base nos próprios conceitos e critérios de explicações construídos pelos próprios participantes.

Os resultados obtidos por meio de diagnósticos fazem parte dos dados que integram o inventário em processo na Ilha de Cotijuba. Além destes, é significativo citar outras possibilidades de inventariar o patrimônio, sejam elas culturais ou naturais, materiais ou imateriais, ações realizadas via eixos (cultura, turismo de base comunitária, meio ambiente e cidadania) que vem acontecendo na Ilha, como segue:

- Exposições “*Estivas*” (2009) é uma ação coordenada pelo eixo cultura, e teve como objetivo propiciar uma experiência museal amazônica, convidando o público a caminhar pelas trilhas implementadas pelo projeto, chegar às comunidades ribeirinhas e suas famílias, conhecer o modo de vida dessas famílias, suas culturas e costumes, seus fazeres e saberes, seus sonhos e narrativas, suas aspirações e preocupações com o futuro, suas ações de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Essa Exposição foi importante para a população do Ecomuseu da Amazônia, porque marcou de forma mais sistematizada a identificação patrimonial nesse Território, momento em que os participantes ousaram, narraram suas histórias, emprestaram seus objetos, suas imagens, se envolveram, contaram a história de seus patrimônios, principalmente aqueles que consideravam relevantes ao seu tempo, ao seu próprio contexto social. Observar nas imagens abaixo, um pouco desse evento:



Figura 5: Exposição *Estivas* – Retrata amostra de acervo do Território Ecomuseu da Amazônia, por meio de imagens, objetos, histórias, lendas, crenças...Belém-PA/BR.
Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2009.

As imagens, os objetos, as instalações, as indumentárias, os cheiros e os sons apresentados explicitaram a ideia de que é possível construir novos caminhos, trilhas e *Estivas* que nos levem a um mundo mais justo, harmonioso e solidário, um mundo que valorize a vida eubiótica, que respeite o direito de ser diferente e trabalhe a favor da dignidade humana e da preservação da natureza. Neste contexto a Exposição foi uma ferramenta utilizada na identificação do patrimônio das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, uma vez que retratou o cotidiano das comunidades através de paisagens, ações, gestos, instrumentos, ofícios, rostos e vidas, elementos reconhecidos pelos próprios comunitários e fonte motivadora de inúmeras interpretações.

- A pesquisa sobre o “Manual de Canoas” (2013) outra atividade do eixo cultura, é um registro patrimonial realizado nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia. Para o técnico responsável por referida ação, Vinícius de Araújo Pacheco (2015):

Trata-se especificamente do processo de produção técnico artesanal de canoas, tem como um de seus objetivos efetivar o “registro de memória” desse fazer pertencente ao empirismo local expressado pelos mestres e artesãos navais de referidas áreas, abrange o processo de pesquisa relativa a produção.

É, por conseguinte, uma pesquisa pautada no conhecimento empírico do fazer de canoas, registro gráfico e técnico, caracterização e decoração simbólico-comunitária. O registro integra informações dos mestres da arte de canoas das comunidades, o processo de elaboração e construção de referido meio de transporte. O mesmo obedece a uma linguagem gráfica verbal típica das denominações locais atribuídas a esse fazer pertencente ao linguajar comunitário. E ainda, reporta-se a caracterização e decoração simbólico-comunitária, proposta propriamente dita da ação, como maneira de preservar e valorizar um dos produtos mais tradicionais da carpintaria naval comunitária.

Nesse contexto, a pesquisa sobre o “Manual de Canoas” originou uma ação/oficina desenvolvida com os comunitários construtores de arte de canoas, e mais quinze crianças/alunos de séries iniciais de escolas municipais parceiras, como as Unidades Educacionais Maria Clemildes-Comunidade do Caruaru e Castanhal do Mari Mari-ilha de Mosqueiro, e da Comunidade do Poção-Ilha de Cotijuba. A Oficina versou sobre elementos constituintes da construção de canoas na região, os alunos participaram de atividades de inventário e educação patrimonial, estas culminaram com a elaboração de uma cartilha de arte de canoas. A metodologia desse fazer dividiu-se em três momentos: i. conhecimento empírico do fazer de canoas; ii. registro gráfico e técnico artesanal do fazer e a caracterização; iii. e decoração simbólico-comunitária. A seguir amostra de uma ação realizada com os comunitários em evidência:



Figura 6: Projeto Artesania Naval – Elaboração de Cartilha/Manual de Canoas, Território Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA/BR.

Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2013.

Refere-se a uma coleta de informações relativas ao processo de elaboração e produção de canoas, que assume, portanto, um importante papel no que concerne à memória e ao patrimônio imaterial das comunidades, assim como, representa um avanço às ações destinadas à melhoria de condições de vida e renda aos “mestres canoeiros” por intermédio da *qualificação estética* de seus saberes e fazeres. O Projeto objetivou, ainda, a disponibilidade do manual aos comunitários.

- O Projeto Beneficiamento e Resgate dos Resíduos Sólidos e Naturais, integrante do eixo cultura, é mais uma forma de inventariar o patrimônio. Relata uma proposta para a melhoria da qualidade de vida familiar, através da produção sustentável de artefatos decorativos e utilitários, que representem a cultura e a identidade da região. De acordo com a colocação do técnico responsável por esta ação, Wildinei Lima, (2015):

Promove a sustentabilidade social, econômica e ambiental nas comunidades do Ecomuseu da Amazônia, por meio de ações de educação ambiental e manejo

sustentável das espécies florestais, da produção de biojóias, artefatos decorativos e utilitários.

Desta forma, observa-se que o Projeto contribui para o aumento de renda e qualidade de vida das famílias participantes, assim como, para a formação de uma maior conscientização ambiental e avanço da cultura local.

- Outra forma de inventário em processo nesse Território é a realização de palestras interativas, dentre elas, vale destacar “*Turismo de base comunitária e Desenvolvimento local*” (2009). Esta ação integra o eixo turismo de base comunitária, proferida pelo Consultor Internacional Hugues de Varine-Bohan, a qual oficializou o início de uma proposta de capacitação de recursos humanos das áreas de abrangência do Ecomuseu destinada às populações dessas microrregiões, denominada posteriormente “*Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local*”. Programa em desenvolvimento, inicialmente de forma pontual, anos de 2009/2010, oficializado a partir de 2011, pelas comunidades com apoio dos técnicos do Ecomuseu da Amazônia, estes que permeiam as ações em execução no território, faculta aos participantes do processo a valorizar, desenvolver e/ou adquirir os saberes, os fazeres, as práticas, as técnicas que lhes permitirão tomar nas mãos seu próprio desenvolvimento, a melhoria de suas condições de vida, de modo sustentável e responsável.

- O “*Roteiro Patrimonial de Visitação*”, em processo a partir de (2010) é mais um segmento utilizado pelo inventário patrimonial. É parte integrante de um projeto maior - *Turismo de Base Comunitária* - idealizado pelo Ecomuseu da Amazônia com as comunidades, inicialmente do Mari Mari e Caruaru, ilha de Mosqueiro, e posteriormente, Fazendinha e Poção-ilha de Cotijuba (2015).

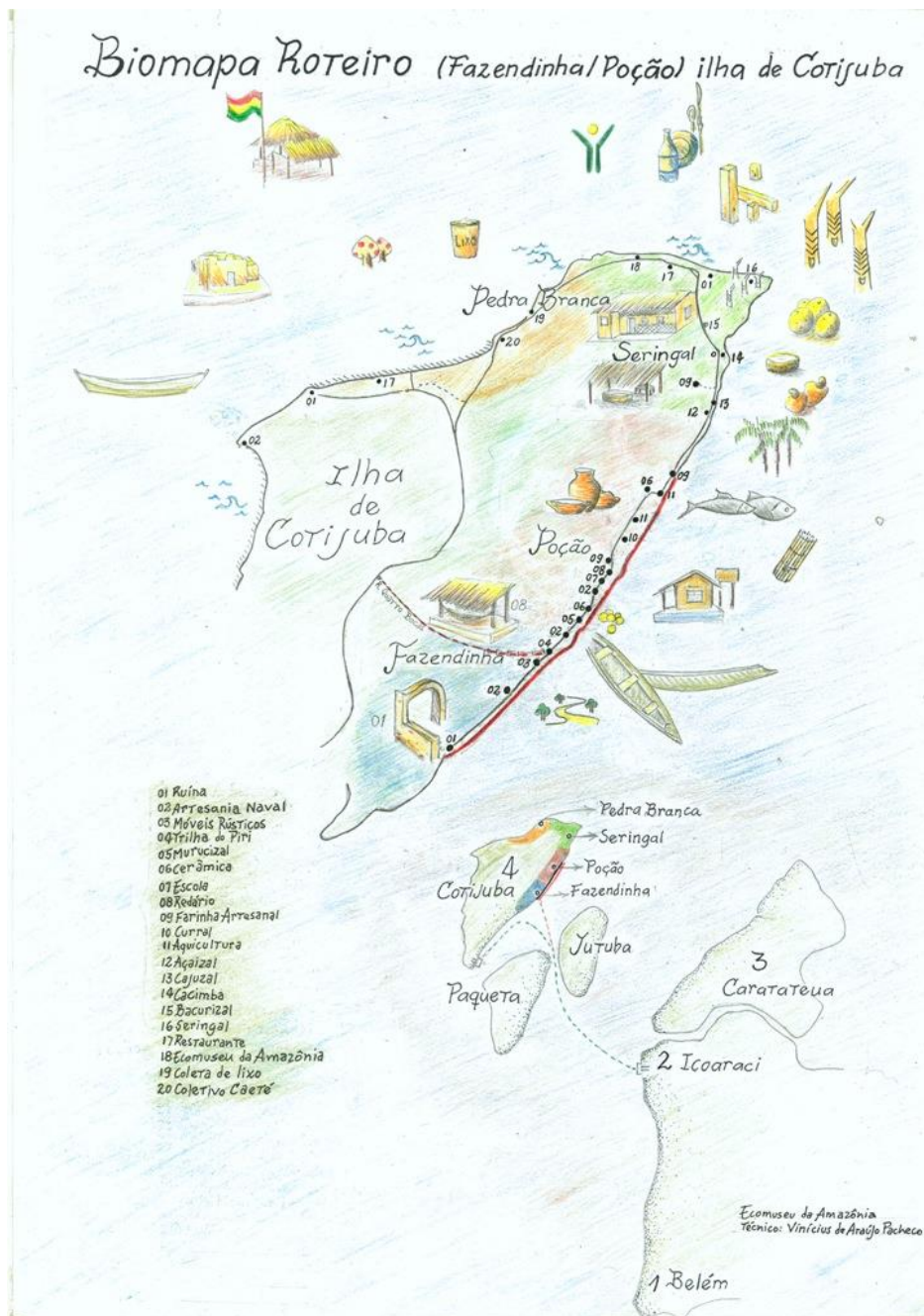


Figura 7: Biomapa Comunitário - Roteiro Patrimonial de Visitação-Comunidades da Fazendinha e Poção/ilha de Cotijuba, Belém-PA/BR.
 Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2016.

O Roteiro atende atualmente cerca de 30 famílias na ilha de Cotijuba. Para o técnico responsável por citada ação, João Huffner (2016):

O roteiro pontua os patrimônios naturais e culturais existentes nas duas comunidades, os quais compõem a paisagem local, e devem ser valorizados e preservados em detrimento ao desenvolvimento sustentável local. Tem como objetivo trabalhar e estimular as especificidades do lugar (gastronomia, religiosidade, danças), e ainda o incentivo às atividades extrativistas e de produção artesanal, ou seja, busca a permanência de todo o conjunto de bens patrimoniais próprios da localidade.

Neste contexto, o turismo de base comunitária deve ser entendido não como um segmento de atividade turística, mas uma metodologia de desenvolvimento do turismo, onde a comunidade é a protagonista na condução da atividade.

- A cultura da água, sinaliza neste estudo para mais uma possibilidade de inventariação do patrimônio local, conforme Martins (2012, p.4):

É associada aos quatro eixos temáticos desenvolvidos pelo Ecomuseu da Amazônia, e à realidade da população pesquisada, onde suas histórias de vida, suas lendas, sua sobrevivência, seu lazer, são valorizados enquanto patrimônio ambiental e cultural, tanto material, quanto imaterial, acenando a posteriori para a possibilidade de uma concepção ampla de gestão de recursos hídricos.

A água que circunda Cotijuba, além de contribuir para a formação dessa microrregião, tornando-a um território estratégico, representa também um elemento constitutivo do patrimônio cultural da ilha, pela sua relevância nas áreas socioeconômicas, ambientais e ecoturísticas. E ainda, a importância que exerce no comportamento das populações ribeirinhas no que concerne a sustentação, seus hábitos, tradições e o caráter místico que adquire, uma vez que a água simboliza a vida e está relacionada à ideia de fertilidade, entre outras.

- Aquicultura Sustentável na Região insular de Belém, a partir de 2009, é uma ação do eixo meio ambiente, em desenvolvimento nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia. Esta ação tem como objetivo o aumento de renda e a melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas. O Projeto integra em sua equipe comunidades, professores, técnicos, alunos do curso técnico, sob um enfoque socioambiental com tendência ao empreendedorismo de base comunitária. É uma ação que contribui para a identificação patrimonial da ilha de Cotijuba. Segundo o professor da Funbosque e técnico voluntário do Ecomuseu da Amazônia, responsável por citada ação, **Durval França da Costa (2015):**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, desenvolvida por método científico experimental e dedutivo no contexto socioambiental, a metodologia abrange mobilização, histórico das comunidades, orientação de técnicas da engenharia de pesca adaptadas à realidade e empirismo local.

O Projeto atinge a subsistência como alternativa de piscicultura familiar, conhecimentos técnicos, conscientização ambiental e inserção dos alunos da Funbosque no contexto socioambiental, através de atividade prática com técnica de aquicultura e manejo ambiental, atendendo aproximadamente 30 famílias.

- **Ecosítios Produtivos na Região Insular de Belém, é outra ação do eixo meio ambiente. Atende atualmente cerca de trinta (30) famílias, reporta-se a agricultura integrada como forma alternativa para a melhoria do arranjo produtivo familiar, se mostra como excelente opção para geração de trabalho, renda e alimentação, pois diversifica a produção promovendo sustentabilidade ao produtor. De acordo com José Guilherme Rodrigues (2014), técnico responsável por esta ação:**

Todo agricultor familiar possui no seu estabelecimento ao redor de sua casa, seu pomar, sua criação e seu roçado. Esse sistema embora desarranjado no que diz respeito a número de espécies vegetais frutíferas e florestais, obediência a espaçamentos corretos, instalações adequadas e funcionais para as criações, responde por uma importante parcela na renda dessas famílias e por isso deve ser considerado no incremento da renda familiar.

- Os sistemas de quintais produtivos são conhecidos na região insular de Belém e nordeste do Pará pelo nome de ‘sítio’. O entorno da casa do agricultor é onde se concentra a criação de pequenos animais, pomar e algumas espécies florestais. Este ecossistema já existe desde os primórdios da agricultura, sendo um patrimônio cultural criado por nossos antepassados, guarda a história da família que vive na zona rural. É formado sem qualquer arranjo agrônômico; uma espécie é plantada no local que melhor convém a família, outras nascem a partir de sementes de frutas que são consumidas e ali jogadas ou são dispersadas por animais e pelo vento; as criações são soltas e também alimentam-se dos frutos do pomar que se forma em seu entorno. A participação do técnico do Ecomuseu da Amazônia nesta ação justifica-se pela importância que este sistema representa para agricultura familiar. Este projeto visa o resgate dessa cultura, que chamaremos ecossítio produtivo, a promoção de trabalho, renda e segurança alimentar, através do seu rearranjo adequado na região das ilhas de Belém, área de abrangência do Ecomuseu da Amazônia.

- O Museu das Tradições Comunitárias é um Projeto integrante do eixo Cidadania. É outra alternativa base para o inventário patrimonial; propõe a valorização e o fortalecimento das tradições locais por meio de ações e atividades programadas a nível técnico-experimental e acadêmico. Conforme o técnico do Ecomuseu da Amazônia Vinícius Pacheco (2016):

Envolve comunidades e alunos num processo de vivências e experimentações onde os saberes, tradicionais estejam presentes em diferentes iniciativas educacionais voltadas ao processo de desenvolvimento local, bem como, entendendo sua importância num processo de “retomada” de identidades pertencentes a cultura local.

Neste contexto, o Projeto visa tornar-se um manual prático que sirva de instrumento ao currículo escolar de referida instituição, bem como, a comunidade local e demais interessados, como modelo de produção de conhecimento e de desenvolvimento sustentável.

É possível perceber que as adversidades enriquecem e projetam as ações desenvolvidas nessas comunidades, e contribuem para a identificação e valorização dos patrimônios que as constituem. A esse respeito, Chagas (2009, p.32) complementa:

Um número cada vez maior de pessoas (organizadas em grupo ou individualmente) passou a se interessar pelo campo do patrimônio, não apenas em sua vertente jurídico-burocrática vinculada ao chamado direito administrativo, mas, sobretudo, por sua dimensão sociocultural.

Após a multiplicidade de métodos utilizados para a inventariação do patrimônio junto das comunidades, entende-se que a metodologia em desenvolvimento no que concerne ao termo “Inventário”, vem sendo delineada de forma participativa e dialética, com o

protagonismo da comunidade, sendo que a parte técnica (conceitos e métodos) é mediada pela equipe do Ecomuseu da Amazônia, com o aporte de voluntários, parceiros e colaboradores, que também auxiliam na construção de biomapas (2009), uma metodologia participativa de diagnóstico, planejamento e gestão socioambiental, instrumento que vem sendo utilizado após o DRP, com mais frequência no Território Ecomuseu da Amazônia. Observa-se, por este método, que a unidade das comunidades encontra-se na diversidade de identidades, patrimônios, memórias e valores do Território, se apresentando como o grande desafio dos museus. E também, como torná-los interativos, funcionais e ao mesmo tempo produtivos e gestores do seu próprio patrimônio?

3.2.1 Os biomapas e as oficinas como vetores de ações educativas na comunidade

O Biomapa Comunitário originou da necessidade de identificar o patrimônio das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, o que culminou com resultados positivos, ensejando um replanejamento das ações do Ecomuseu, denominado “Biomapa: uma metodologia participativa de diagnóstico, planejamento e gestão socioambiental” (2009), posteriormente chamado “Diagnóstico Rápido Participativo-DRP” (2010) ou Inventário Participativo que objetivou a princípio, fazer um registro visual do patrimônio (território) de suas áreas de atuação (comunidades). Posteriormente, a partir de 2011, a equipe do Ecomuseu retomou a denominação biomapa.

Desta forma os biomapas iniciaram com a orientação dos técnicos do Ecomuseu da Amazônia e apoio dos comunitários, conhecedores da geografia de sua região, assim como de alguma habilidade gráfica. Segundo o técnico do Ecomuseu da Amazônia, Vinícius de Araújo Pacheco (2015):

Esses registros contemplam num primeiro momento, as pretensões para as quais se destinam, ou seja, possibilitam uma leitura visual desses espaços geralmente “cobertos” pela vegetação, e que não estavam identificados ou registrados em mapas tradicionais, assim, a própria população local é quem sinaliza e registra o seu acervo patrimonial.

A elaboração dos biomapas compreendem dois momentos:

- i. *Levantamento Etnográfico* - representa a pesquisa de campo, o levantamento de informações e registro visual - patrimônio - a respeito dos aspectos sociais e culturais.
- ii. *E o Compositivo* - processo artístico propriamente dito, o fazer manual/artesanal que fará a junção de todos os elementos representativos/conteúdo, registrados e inventariados no primeiro momento (levantamento etnográfico) que dará corpo ao documento. Metodologicamente esses momentos são distribuídos da seguinte forma: registro geográfico, registro de acessibilidade, registro patrimonial, registro de serviços e registro simbólico.

As primeiras oficinas (DRP/2010) para elaboração dos biomapas (levantamento etnográfico) vêm sendo realizadas com as comunidades, escolas, etc., em situações e realidades diversas. Como exemplo, a oficina realizada com vinte comunitários para identificar as espécies medicinais e suas respectivas utilidades, e em outro momento para identificar o patrimônio cultural nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia. Ver imagem a seguir:

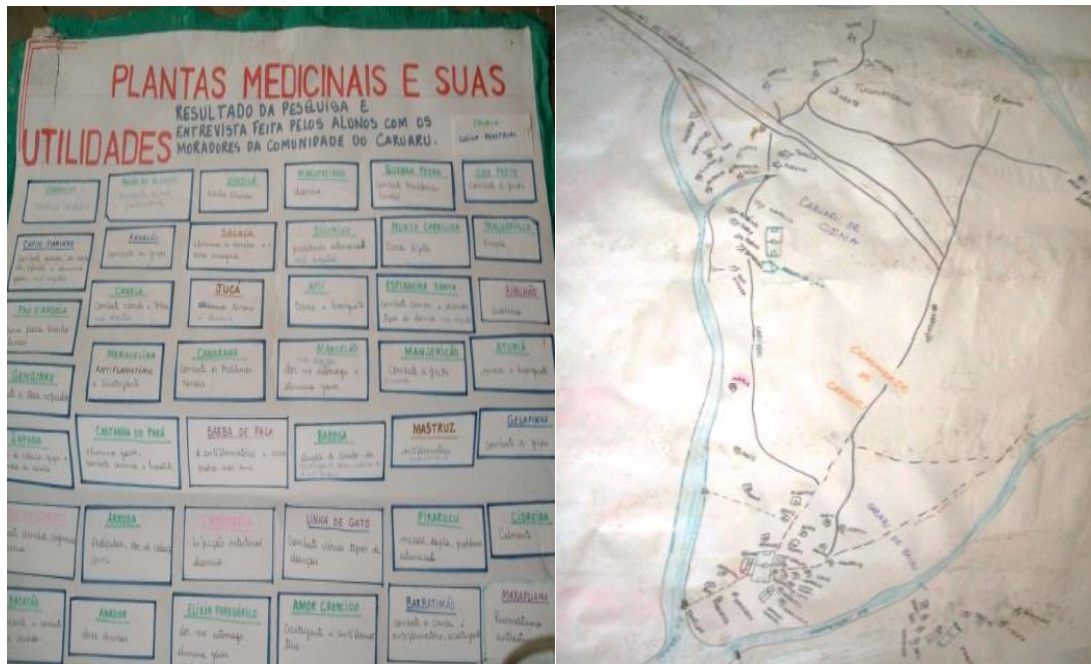


Figura 8: Diagnóstico Rápido Participativo-DRP-Identificação de espécies medicinais e do patrimônio cultural, Território Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA/BR. Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2010.

O objetivo das oficinas foi identificar e valorizar as espécies medicinais locais, assim como sinalizar e sistematizar dados do patrimônio local (rios, igarapés, igreja, trilhas, espécies arbóreas nativas..), dentre outros, promovendo neste sentido o protagonismo da comunidade local. A continuidade dessas ações em conformidade com as comunidades, sinalizaram para o avanço da pesquisa sobre os biomapas, que na verdade representam um modelo de inventário participativo do Ecomuseu da Amazônia, onde a própria comunidade identifica seu patrimônio conforme sua relevância. Complementa o técnico Vinícius de Araújo Pacheco (2015) com relação aos biomapas:

Meu trabalho é fazer o levantamento e registro visual no mapa tradicional, o qual segue um perfil cultural, ambiental, geográfico e histórico. Este instrumento é também considerado um documento artístico por sua exclusividade como um trabalho gráfico artesanal, feito com técnicas artísticas (desenho e pintura), preservando assim sua autenticidade.

A seguir biomapa da Ilha de Cotijuba:

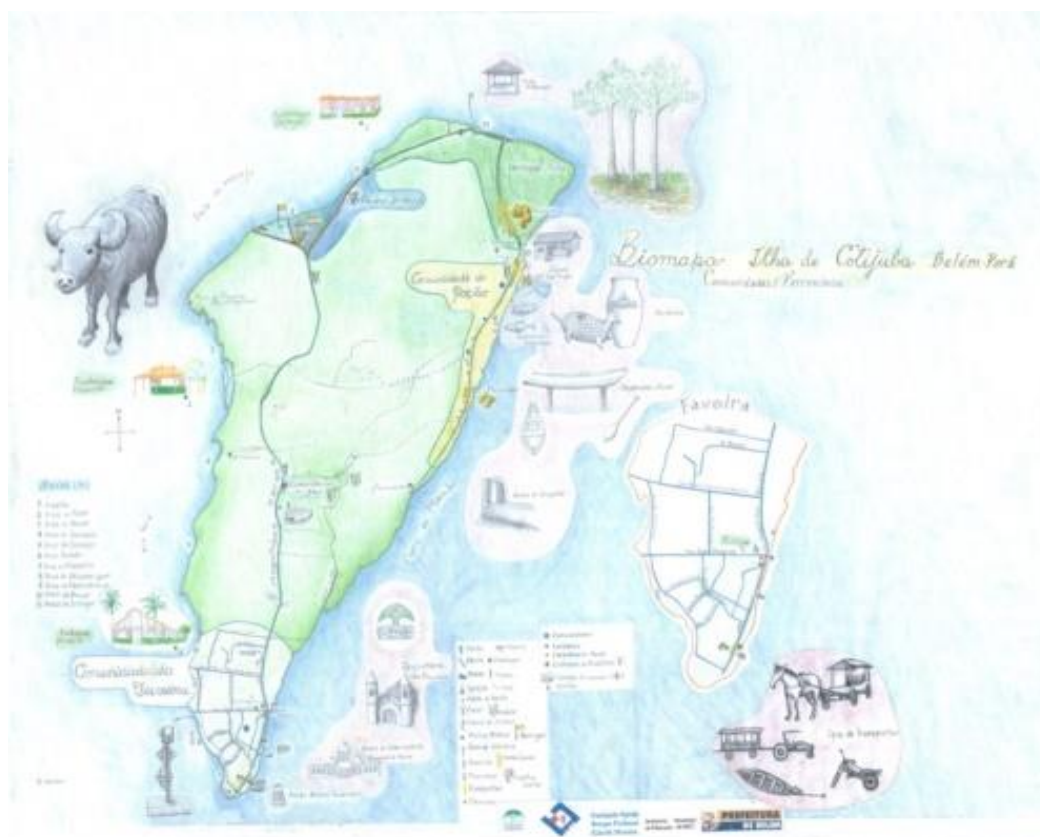


Figura 9: Biomapa Comunitário da Ilha de Cotijuba, Belém - PA/BR.

Fonte: Ecomuseu da Amazônia, técnico responsável Vinícius de Araújo Pacheco, 2015.

Este instrumento possibilita a visualização daquilo que o mapa tradicional não revela, as particularidades visuais de um contato "corpo a corpo" e que, geralmente, estão sob a mata, como trilhas, espécies frutíferas, núcleos comunitários, ruínas, atrativos ambientais, particularidades da fauna e da flora local, entre outros. Entende-se neste contexto que o biomapa é uma ferramenta que por meio das diversas ações desenvolvidas com a participação ativa das comunidades, auxilia de forma positiva na identificação do patrimônio natural ou cultural, material ou imaterial, nas áreas de abrangência do Ecomuseu da Amazônia, seja para a questão do pertencimento, valorização do patrimônio ou para a geração de renda ou melhoria da autoestima dos comunitários.

3.2.2 Bens patrimoniais da ilha de Cotijuba e ações do Ecomuseu da Amazônia para a sua preservação e uso responsável

O Ecomuseu da Amazônia, dando continuidade ao desenvolvimento de suas ações com as comunidades, a partir da diversidade e valorização do patrimônio local, viabiliza inicialmente o planejamento (2010 a 2012), posteriormente é reavaliado para o período (2013 a 2015), e atualmente está desenvolvendo suas ações pautadas no planejamento (2016 a 2018). Em consonância com citado planejamento, vem sendo executado o Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local. Os benefícios proporcionados às comunidades pelo Programa são as relações de autonomia, empoderamento e pertencimento, que incorporam os museus abertos, a interação da comunidade com o seu próprio ambiente, em que os serviços oferecidos consideram a

reafirmação e preservação da memória de um povo com seu maior acervo e sua biodiversidade.

É pertinente enfatizar que no Ecomuseu da Amazônia o inventário dos bens patrimoniais vem sendo sinalizado desde a sua criação (2007), e, mais efetivamente a partir de (2009) com a Exposição *Estivas*, considerando para esse fim uma metodologia diferenciada, conforme o ítem (3.2 Inventário Participativo). Neste sentido, destacar para a continuidade de explanação deste ítem “Bens patrimoniais da Ilha de Cotijuba e ações do Ecomuseu da Amazônia para a sua preservação e uso responsável”, uma pesquisa ocorrida entre os anos de (2010/2011) para a Tese de doutorado “Proposta de Turismo Sustentável para a comunidade da ilha de Cotijuba, município de Belém-PA-BR, a partir da valorização do Patrimônio Cultural”, que denota a pesquisa realizada junto a comunidade da Ilha de Cotijuba, quando foram aplicados cerca de (316) trezentos e dezesseis instrumentos de pesquisa. Dentre os diversos resultados desse estudo, destaque para a Tabela a seguir, quando os arguidos relacionaram várias respostas para uma mesma pergunta, em alguns casos consideradas livres, denominadas “respostas múltiplas”, as quais enfatizaram a enumeração de informações atinentes ao patrimônio cultural da ilha de Cotijuba:

Tabela 3: Patrimônios identificados pelos entrevistados (respostas múltiplas):

<i>1. Patrimônios reconhecidos pela comunidade</i>	<i>2. Patrimônios perdidos</i>
Fazeres: Artesanato (193), Costura (137)=330+ Saberes: Benzedeira (73), Parteira (92), raizeira (51)=216. Total=546 Quadrilha (239) Igreja São Francisco de Assis (238) Bloco carnavalesco (238) Festas Religiosas (225) Florestas (214) Lendas (205) Igarapés (180) Educandário (174) Lagos (173) Praias (150) Casa do governador (84) Ríos (45) Nascentes (42) U.P. da Faveira (32) Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB (29) Fazendinha (7) Escola Est. Marta da Conceição (7) Casa de Força – Celpa (1)	Fazendinha (69) Pimental (49) Educandário (20) Casa Zacarias de Assunção (8) Florestas (6) Casa de Farinha (4) Colônia dos pescadores (2) Unidade de Tratamento de Lixo (1)
	<i>3. Novos Patrimônios</i>
	Maternidade-UMS (108) Escolas (61) Trapiche (38) Casa Família Saudável (10) Igrejas (5) Unidade de Saúde da Ilha (2) Rios (1) Praias (1) Assoc. dos moto-táxi (1)
Fonte: Questionários de pesquisa de campo, 2010/2011..	

A partir do entendimento desta tabela, pesquisas e acervos bibliográficos existentes sobre o tema proposto, e de contatos estabelecidos com os comunitários, compreende-se que os patrimônios identificados foram distribuídos em três blocos, onde os entrevistados tiveram a opção de conceder respostas múltiplas. O objetivo da análise destas indagações foram as informações da comunidade acerca dos bens patrimoniais no que concerne aos patrimônios reconhecidos, patrimônios perdidos e novos patrimônios, os quais foram dispostos para fins de apoio a este estudo, inventário e gestão de coleções do patrimônio local. A investigadora considerou o material coletado e retornou à comunidade para dialogar com dez (10) comunitários, dos quais cinco participaram da pesquisa realizada em (2010) e cinco (5) foram novos entrevistados, por sugestão da própria comunidade.

Os bens patrimoniais - coleções de um ecomuseu – é um assunto ainda em processo pelos comunitários, daí, a realização de oficinas informativas sobre os referidos temas, utilizando para esse fim, os dados coletados na pesquisa (2010), conforme tabela citada. Os patrimônios evidenciados pelos entrevistados foram selecionados por prioridade, a partir dos mais significativos, no contexto social, na história de vida dos grupos, pela importância e transmissão desses bens entre as gerações, e mais que isso, pela importância desses bens na constituição do patrimônio cultural da ilha.

Em síntese, dentre as categorias evidenciadas, destaque para a categoria fazeres e saberes, identificados pela produção de artesanato, atividade que vem recebendo o apoio de algumas iniciativas, como o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém. Este Movimento objetiva capacitar por meio de oficinas, palestras e cursos a comunidade interessada no estabelecimento de ações que visem a valorização das potencialidades locais para fins de implantação de atividade turística de base comunitária. Outra iniciativa que apóia os fazeres da comunidade local é o próprio Ecomuseu da Amazônia. As ações desenvolvidas pelo Projeto estão focadas no desenvolvimento humano sustentável, dentre elas a confecção de cestaria que faz parte da cultura da ilha e a produção de cerâmica, que iniciou de modo inato, com o apoio do Ecomuseu e parceiros na utilização de técnicas de modelagem e de queima adequadas. Na sequência, o item ‘Saberes’, neste cenário identificado, como benzedeira, parteira e raizeira, propala a cultura local, a sabedoria popular, a importância do conhecimento empírico para a construção da identidade de um povo, de suas próprias histórias.

Os itens ‘manifestações culturais’ e ‘festas religiosas’ estão contidos no Calendário de Eventos e Pontos de Atração Ecoturística da ilha de Cotijuba - a incidência dos itens registrados a partir de cada manifestação cultural mencionada está relacionada à realidade da área pesquisada, aos costumes e tradições de cada comunidade. Para Melo (2008, p.6) citando Peruzzo&Volpato (2002) “comunidade é todo um movimento que se constrói a partir do local de moradia ou de outras identidades sejam elas simbólicas, espirituais, etc., que afloram simultaneamente ao processo de globalização”. Neste contexto, salientar que as manifestações culturais surgem com base nos agrupamentos sociais, nos laços de reciprocidades, na solidariedade e nas afinidades não só espirituais, quanto pessoais.

Os recursos naturais citados na Tabela acima: florestas, igarapés, lagos, praias, nascentes e rios, a identificação de referidos recursos pelos entrevistados, como “Patrimônios Reconhecidos”, significa que a população pesquisada já começa a reconhecer a importância desses recursos para o seu próprio bem estar, sua própria vida e de seu contexto social, assim como a preocupação com a poluição desses recursos, que segundo os entrevistados, principalmente os lagos e florestas, já apresentam sinais de degradação, assoreamento, desmatamento, etc. Informações valiosas, uma vez que, segundo Silva (2007, p. 32) “A avaliação da condição vegetal realizada através de recursos de foto interpretação permite identificar nas três ilhas de maior dimensão da RMB, dentre elas Cotijuba, a presença ainda dominante de vegetação original recobrando o sol das ilhas”. Quanto a região de várzea e lagos da ilha de Cotijuba, Silva (2007, p.101) complementa “Localiza-se ao norte da ilha de Cotijuba compreendendo ecossistemas de várzea, existência de lagos naturais e patrimônio histórico a ser preservado. Vegetação exuberante com presença de habitantes ribeirinhos”. Observar a cobertura vegetal da ilha de Cotijuba na tabela a seguir:

Tabela 4: Quantidade de cobertura vegetal nas ilhas de Belém, em porcentagem

Ilha	Mata	Capoeira	Pasto	Vegetação arbustiva	Espaço urbano
<i>Cotijuba</i>	59,26	29,63	2,40	5,83	2,41
Jutuba	98,06	0,32	0	1,46	0,06
Mosqueiro	59,00	26,10	0	10,2	4,7
Outeiro	47,05	30,31	4,80	5,84	11,91

Fonte: Diagnóstico da Região Insular do Município de Belém-Pa, Silva (2007).

A Tabela citada indica que parte da cobertura vegetal da ilha já se perdeu. Entretanto, ainda existe aproximadamente 40%, que precisa ser preservada. Neste sentido, os entrevistados que prontamente reconheceram os recursos naturais citados, provavelmente admitirão a importância da preservação da cobertura vegetal ainda existente em Cotijuba. Em relação aos “Patrimônios Perdidos”, colônia de pescadores, pimental, unidade de tratamento de lixo e a casa de farinha, os quais, a partir de informações coletadas na comunidade entrevistada, representam perdas irreparáveis para a população e conseqüentemente para o desenvolvimento social local da ilha.

Dentre os “Novos Patrimônios” existentes na ilha propagados pela população entrevistada, e informações coletadas com as comunidades, destacar o “Terminal Hidroviário poeta Antônio Tavernard”, construído entre 1999/2000 e revitalizado em 2006. Ele representa um significativo patrimônio para aqueles que transitam na ilha, a entrada e saída dos habitantes e turistas, é o “trapiche”, nome carinhosamente pronunciado pelos moradores.

Atente-se em relação aos três patrimônios históricos de relevância na ilha, não só para os moradores, mas também para a memória do Pará, especialmente o *Educandário Nogueira de Faria*, um ícone da história de Cotijuba. Após análises de acervos bibliográficos e pesquisa de campo, concluí-se que a história da ilha se confunde com a história do Educandário. Neste contexto, o Plano Diretor do Município de Belém (2008) em seu Art.113, por meio das Zonas Especiais de Interesse do Patrimônio Histórico e Cultural-ZEIP, cita o *Educandário Nogueira de Faria* e seu entorno (década de 30) como um patrimônio de valor e significância cultural. Outro importante patrimônio para a ilha, da mesma forma em ruínas, é a *Casa do Governador Zacarias de Assunção*, construída na década de 50, para fins de repouso aos finais de semana. Por fim, a “*Fazendinha*” ou Engenho Fazendinha, igualmente em ruínas, data de 1784, tinha como objetivo produzir e comercializar o arroz cultivado no Engenho. O Art. 116 sobre as ZEIP, o Plano Diretor (2008) instituirá por meio de Lei específica os patrimônios citados como áreas relevantes para a preservação da paisagem e memória arquitetônica e urbanística da ilha de Cotijuba. É importante ressaltar que os três patrimônios citados “Educandário, Casa do Governador, Fazendinha e entorno”, além de reconhecidos como “Patrimônios”, foram também anunciados pelos entrevistados como “Patrimônios perdidos”, quiçá por encontrarem-se atualmente em ruínas.

O Educandário Nogueira de Faria é um dos principais responsáveis pelas transformações que a ilha vem sofrendo desde a construção da Colônia Reformatória na década de 30, passando pelas reformas e construções na década de 50, assim como pela distribuição de lotes, na gestão do então Governador Zacarias de Assunção, conforme Amaral (2002, p.17), citando Teodorico Rodrigues, último diretor da Colônia Penal Nogueira de Faria:

A Ilha de Cotijuba é patrimônio do Estado do Pará, sendo que no governo do General Assunção, em 1950, com exceção da área destinada a Colônia, foi dividida em 252 (duzentos e cinquenta e dois) lotes e distribuídos as mais variadas pessoas que

rezavam na cartilha do governo. (Entrevista concedida por Teodorico Rodrigues, em 20.11.91).

Esses patrimônios podem ser vistos como elementos formadores da identidade e propulsores da cultura dos habitantes da ilha, assim como responsáveis pelo acréscimo da população, já que foi na gestão do Governador Zacarias de Assumpção que houve a distribuição de lotes, conseqüentemente aumento do desmatamento na ilha, evento que vem se agravando ao longo dos anos, mas também representam um marco histórico, sócio-político e cultural de ocupação dessa microrregião paraense.

Os primeiros anos da década de 30, século XX indicamos preparativos para o funcionamento da então instituição “Colônia Reformatória”, que durante o seu percurso passou pela administração de diversas secretarias, dentre elas: Secretaria de Segurança, Secretaria de Educação e pela Secretaria de Interior e Justiça. A Colônia Reformatória foi a primeira denominação dessa instituição que ao longo de sua existência, aproximadamente até a década de 60, recebeu inúmeras designações, colocação confirmada por moradores mais antigos e Amaral (1992, p. 43), são elas: Colônia Correccional de Cotijuba, Colônia Agrícola de Cotijuba, Educandário “Magalhães Barata”, Educandário “Monteiro Lobato”, Educandário “Nogueira de Faria”, entre outros. A denominação Colônia Reformatória é substituída pela Colônia Penitenciária Nogueira de Faria, uma homenagem prestada pelo Governador Magalhães Barata àquele que foi um grande vulto da política paraense. O nome é em homenagem ao Sr. Raimundo Nogueira de Faria, que foi juiz de Direito, Secretário Geral do Estado, Diretor da Colônia Reformatória de Cotijuba.

Em 1932 o Interventor do Estado do Pará, Magalhães Barata, e o Desembargador Nogueira de Faria adquiriram a ilha da Viúva Dona Joana, por aproximadamente 30 a 35 mil réis, para fins de construção da Colônia Reformatória ou Correccional, como é denominada pelos diversos acervos bibliográficos sobre o assunto, como exemplo: AMARAL, A. J. P. (1992). *Registro Histórico da Ilha de Cotijuba: uma análise da Colônia Reformatória de Cotijuba*. Belém, e SILVA, L.C.M. (2003). *Lazer Turismo e Agricultura entre Populações Tradicionais na Ilha de Cotijuba*. Belém: Pará.

Em 1934 começam a chegar os primeiros menores na ilha, conforme depoimento de um ex funcionário do Educandário a esta pesquisadora, o Sr. Brum (2014), um dos moradores mais antigos e um dos entrevistados deste estudo “esses menores não cometiam graves delitos, mas eram aqueles que perambulavam à toa pelas ruas de Belém”.

A Colônia funcionou como abrigo de menores, até aproximadamente os anos 60. Entretanto em 1968 esse espaço foi dividido com a construção de uma penitenciária, quando passou a receber além de menores abandonados e delinqüentes, adultos condenados por crimes diversos e posteriormente presos políticos. Assim, essa década marca o início de uma nova etapa na ilha, Educandário e Presídio coexistiram por algum tempo. Entretanto, em seguida, o educandário foi extinto e a ilha passou a ser conhecida como ilha-presídio. Para Amaral (1992, p.17) “Pode-se afirmar que na década de 60 havia duas instituições com funções diferentes na ilha; a primeira com objetivo de abrigar e corrigir; a segunda com objetivo de reeducar; uma destinada a menores, outra destinada a maiores: uma era o Educandário “Nogueira de Faria” e a outra era o Instituto de Reeducação Social”.

No entanto em 1977, com a inauguração da Penitenciária Estadual Fernando Guilhon, em Americano-Pará, o complexo de Cotijuba foi definitivamente desativado. E em 1988 com o estabelecimento da Constituição Brasileira-CB a ilha de Cotijuba passou para o

domínio municipal de Belém, quando esse território começou a despertar certo interesse dos veranistas, atraídos não só pela localização, próxima da capital paraense, mas pela riqueza da biodiversidade da ilha, como já mencionamos. Enfatizar que a construção do Educandário e Presídio na ilha contribuiu não só para a consolidação de uma nova época, mas também para a reestruturação da identidade e história da população de Cotijuba, uma vez que direta ou indiretamente protagonizou a realização de outros eventos nessa microrregião.

A partir do entendimento do texto de Amaral (2002, p. 65), é possível afirmar que, embora o Educandário tenha sido construído na Gestão do Governador Magalhães Barata, é na Gestão do Governador Zacarias de Assunção, década de 50, que a instituição e a ilha recebem significativos investimentos, como a revitalização do espaço institucional e a residência de funcionários graduados, assim como a construção e conservação de estradas; assistência médica, inclusive dentária; construção da Igreja católica de São Francisco de Assis, em setembro de 1952, construção do Parque Infantil e do Campo de Esporte (de vôlei, de basquete e por último o de futebol). Outro fato relevante na década de 50 é a aquisição de uma propriedade pelo Governador Zacarias de Assunção, localizada na ilha, Estrada do Vai-Quem-Quer. O objetivo era para repouso aos finais de semana. Essas benfeitorias visavam o bem-estar daqueles que conviviam na Instituição, no entanto se estendiam também aos habitantes da ilha. Outro fator importante é a forma que a instituição ao longo de seu funcionamento dispensou aos seus alunos e comunidades adjacentes, no que se refere às atividades nas áreas de educação, ensino profissionalizante e religioso. O aspecto religioso está presente, por exemplo, na letra do Hino de Cotijuba". Ver estrofe a seguir:

Cotijuba és agasalho, és ensino de fazer bem!
Oficinas de trabalho, estrela de redenção!
Lá do céu Deus te abençoe e o Brasil te ama bem diz
Por que és mãe paciente e boa da juventude feliz.

Salientar que a construção do Educandário contribuiu de inúmeras formas para o desenvolvimento da ilha, ao princípio negativamente, quando por muitos anos foi vista pelo estigma de ilha-presídio, local de muitas arbitrariedades e violências. Entretanto a visão negativa vem sendo transformada pela contribuição positiva de aceitação do educandário como um patrimônio histórico da sociedade contemporânea, não só da ilha, como também do Estado do Pará.

Destarte, a Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local como meio de desenvolvimento dos territórios para a sua preservação e uso responsável, projeto que o Ecomuseu da Amazônia e as comunidades de suas áreas de atuação vêm desenvolvendo com a finalidade de identificar os bens patrimoniais da ilha, bem como, obter a melhoria do nível de vida das populações. O Projeto Capacitação dos Atores...se apóia sobre os dois principais recursos desses territórios: *um recurso humano*, quer dizer os habitantes mesmos, com seus saberes, sua energia, sua cultura; e *um recurso patrimonial* que engloba o patrimônio natural, cultural, material e imaterial. Este patrimônio/bens patrimoniais são matérias-primas que os habitantes devem aprender a conhecer, a controlar e a utilizar de forma responsável.

3.3 Gestões de Coleções - Que coleções num ecomuseu? Que acervo? O que preservar no Ecomuseu da Amazônia?

A gestão de coleções e as coleções dos ecomuseus, museus comunitários e afins, estariam pautadas no inventário de bens patrimoniais e no estabelecimento das diversas ações desenvolvidas nesses museus? Esses elementos possibilitam novas alternativas de gerenciamento do patrimônio natural e cultural? Neste contexto, destacar o objeto de estudo da pesquisa - a ilha de Cotijuba, um Território do Ecomuseu da Amazônia. De acordo com Bueno (1995, p. 532), o conceito de gestão é o ato de gerir; gerência; administração. Enquanto a palavra coleção, no dizer de Ferreira (2001, p. 163), é o “conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si”. Em conformidade com o exposto, a ilha de Cotijuba, como Território de referência, no que concerne a gestão e coleção de acervos dos Ecomuseus, se apoia na metodologia dos quatro eixos temáticos (cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania), os quais relacionam o meio ambiente natural e cultural ao desenvolvimento comunitário.

É pertinente citar neste sentido, as pesquisas acadêmicas e visitas de campo realizadas junto às comunidades, como um dos aportes para a identificação dos acervos que vêm sendo sinalizados pelas comunidades e equipe do Ecomuseu.

O Plano Diretor do Município de Belém, Lei 7603/93, por exemplo, subsidiaria a proposta de um Plano Diretor para Cotijuba/1994, o qual tinha como objetivo “o desenvolvimento econômico da ilha através da expansão urbana e rural como forma de garantir o bem estar individual e coletivo dos habitantes desse espaço territorial”. O Projeto de Lei determinou em seu Art. 1º:

Esta Lei é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana e rural para fazer cumprir a função social da ilha de Cotijuba e da propriedade imobiliária. Visa ainda, orientar e integrar a ação dos agentes públicos distritais, municipais, estaduais e federais e os privados na produção, apropriação, consumo e gestão da referida ilha, com vistas a garantir o bem estar individual e coletivo dos seus habitantes.

Entretanto, mesmo contendo diretrizes importantes para a ilha, o Projeto de Lei/94, uma proposta do então prefeito Hélio Motta Gueiros, em decorrência de vários fatores, não chegou a ser votado pela Câmara Municipal de Belém. O Artigo 1º enfatizava normas próprias de parcelamento, uso e ocupação do solo, o zoneamento de usos e o zoneamento especial. Nesse sentido, a estrutura organizacional proposta pelo Projeto de Lei conseguiu sensibilizar a gestão pública institucional que, mesmo sem a sua aprovação, mas apoiada pelo Plano Diretor do município de Belém, estabeleceu algumas normas para a ilha. Ver Figura 5, a seguir:



Figura 10: PMB-Plano Diretor da ilha de Cotijuba: mapa de zoneamento.
 Fonte: Companhia de Desenvolvimento da área Metropolitana de Belém-CODEM, 1994.

Embora sintetizasse as principais prioridades para a ilha naquela época, se aplicadas, poderiam ter prevenido algumas situações desagradáveis, como a degradação ambiental e o descontrole urbanístico da ilha, já que o Plano incluía a política de produção e organização dessa microrregião. O mapa de zoneamento delineou o uso e a ocupação do solo no território da ilha de Cotijuba. Logo poderia ter auxiliado em alguns questionamentos, como - O que é zona rural? O que é zona urbana? Trata-se de uma ilha periurbana?

A proposta do Plano Diretor considerou como zona urbana os lotes com área entre 450m² a 600m² as quais poderiam funcionar como Zonas de Uso Misto-ZUM, estas representariam o comércio de pequeno porte, habitação unifamiliar e institucional; Zonas Habitacionais-ZH são destinadas ao uso unifamiliar e multifamiliar horizontal; Zona Especial-ZE é representada pelos bares, pousadas e similares. E ainda a Zona Turística Recreativa-ZTR; e Zona de Sítio-ZS, destinada a atividade estritamente rural com área mínima de 1 ha. Para a zona rural, o uso e a ocupação do solo foram divididos em Zona de Preservação dos Recursos Naturais-ZPRN do tipo 1e2- ZPRN-1/ZPRN 2, e ainda a Zona Agrícola-ZA.

A divisão do território proposta pelo Projeto de Lei para a ilha objetivou contribuir para a destinação específica e normas próprias de uso e ocupação do solo, para a organização espacial da ilha, bem como para as atividades inerentes ao bem estar coletivo, não somente da população nativa, como dos transeuntes. Nesse cenário, é possível observar a importância da estrutura do Território-Cotijuba para fins de preservação, melhoria de vida da comunidade e valorização do patrimônio local. Entretanto, esta proposta não conseguiu coibir o avanço desordenado de construções, no que concerne à utilização do solo, assim como o desmatamento, a extração de areia, etc., que vêm ocasionando danos irreparáveis na ilha.

Cotijuba na década de 90 praticamente já possuía um Plano Diretor, infelizmente não consolidado legalmente. No entanto, está sendo importante para a realização de vários estudos na área pesquisada, não só para a estrutura organizacional como para a identificação do patrimônio material, observado a seguir no mapa de equipamentos urbanos da ilha. Conforme Figura 6, a seguir:

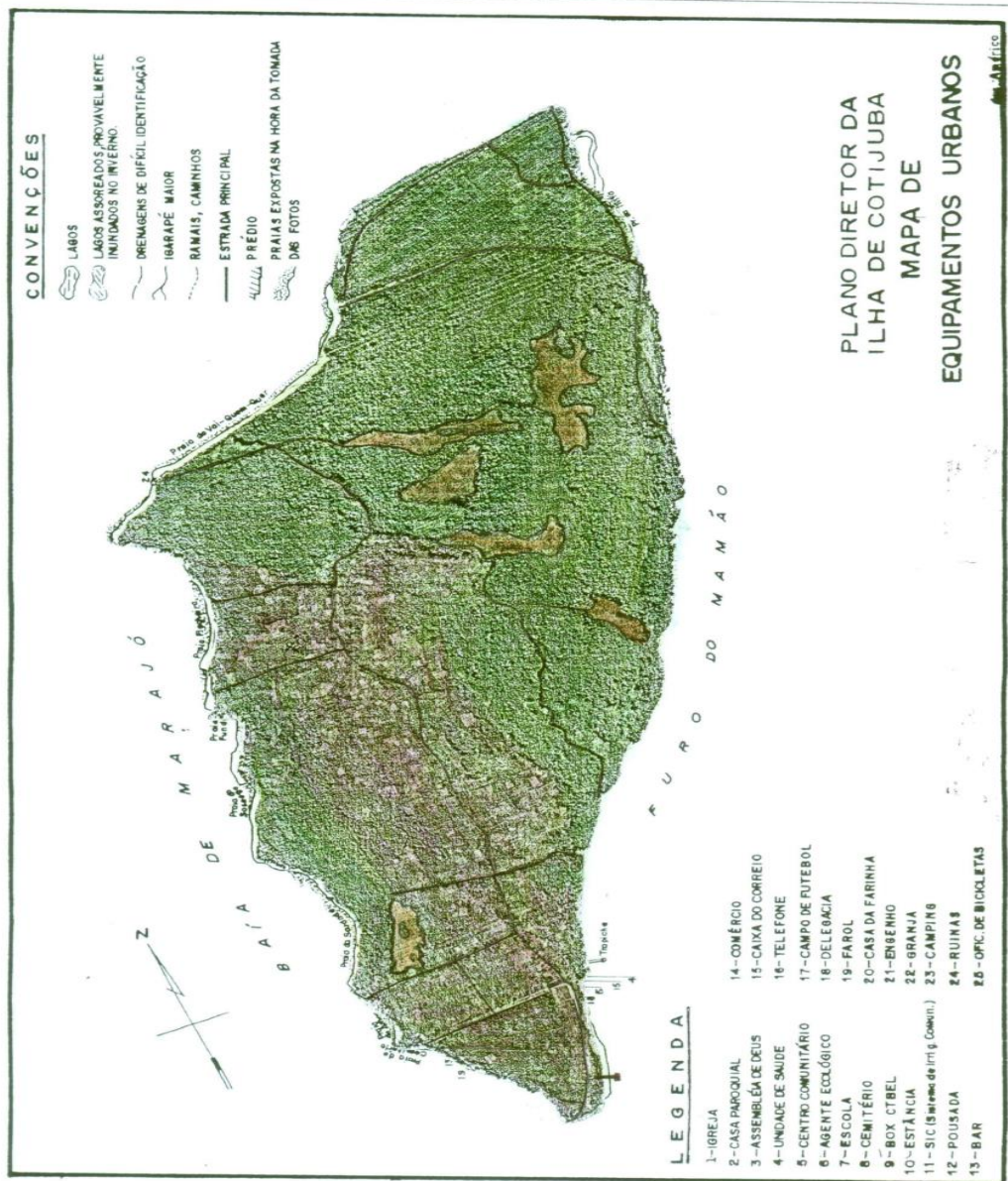


Figura 11: PMB-Plano Diretor da Ilha de Cotijuba: mapa de equipamentos urbanos.
Fonte: Companhia de Desenvolvimento da área Metropolitana de Belém-CODEM, 1994.

Os equipamentos urbanos citados em 1994, no que se refere aos espaços físicos: templos religiosos, bares, campo de futebol, casa da farinha, cemitério, comércio, delegacia, escola, farol, oficina de bicicletas, pousada, unidade de saúde (ainda existem, com estas ou outras denominações), assim como o Engenho Fazendinha e outras ruínas já citadas nesta pesquisa. Os patrimônios seguintes foram extintos (agente ecológico, caixa do correio, camping, casa paroquial, centro comunitário, granja, sistema de irrigação). Na sua maioria, os equipamentos citados ainda fazem parte dessa microrregião, com algumas exceções, conforme o exposto. No entanto, é possível observar que alguns patrimônios extintos foram substituídos por outros, como é o caso do centro comunitário, atualmente o que existe, são as associações de moradores. Os mapas de zoneamento e de equipamentos urbanos em pauta representam um aporte para a gestão dos bens patrimoniais da ilha, uma vez que propuseram o delineamento ordenado do uso e a ocupação do solo no território da ilha de Cotijuba, assim como, a divisão em zona urbana e zona rural para que os moradores locais tivessem uma visão holística de seu próprio espaço, e de como gerir seu próprio patrimônio.

Em 2008 foi instituído o Plano Diretor do Município de Belém, que em seu Artigo 53 estabelece a Política Municipal de Meio Ambiente. Ele objetiva garantir o direito da coletividade ao meio ambiente sadio e ecologicamente equilibrado, promovendo a sustentabilidade ambiental do uso do solo urbano e rural, de modo a compatibilizar a sua ocupação com as condições exigidas para a conservação, preservação e recuperação dos recursos naturais e a melhoria da condição de vida da população. E complementa, com a definição do Artigo 100, as Zonas Especiais, as quais compreendem áreas do território que necessitam de tratamento específico e definição de parâmetros reguladores de uso e ocupação do solo, sobrepondo-se ao zoneamento. Como segue:

- I - Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS;
- II - Zonas Especiais de Interesse Ambiental - ZEIA;
- III - Zonas Especiais de Interesse do Patrimônio Histórico e Cultural - ZEIP;
- IV - Zonas Especiais de Promoção Econômica - ZEPE.

De acordo com as Zonas Especiais citadas, observa-se que a ilha de Cotijuba é parte integrante desse contexto. As ZEIS, conforme Art. 101 significam “porções do *território que devem receber tratamento diferenciado, para viabilizar ações de urbanização, regularização fundiária e habitação*, e permitir a melhoria das condições para a permanência da população local”. O conceito citado indica a relação da ilha com esta zona, já que convive com situações de urbanização, regularização fundiária, uma vez que o espaço territorial da ilha pertence à União e os moradores não possuem títulos de propriedade.

Cotijuba é também parte integrante da ZEIA, constituída tanto da Macrozona do Ambiente Urbano como da Macrozona do Ambiente Natural, cujas funções são proteger as características ambientais existentes e oferecer espaços adequados e qualificados ao lazer da população. A ZEIA com base no Art. 108 do Plano Diretor (2008) representa:

“Espaços livres ou ocupados de domínio público ou privado, cujos elementos do ambiente natural assumem função de interesse público, por serem importantes para a manutenção do equilíbrio socioambiental do Município, podendo estar localizados tanto na área continental como na região insular de Belém”.

A *orla da ilha de Cotijuba* é citada como um exemplo da Macrozona do Ambiente Urbano. Enquanto a *região dos lagos da ilha de Cotijuba* é mencionada como exemplo da Macrozona do Ambiente Natural. O Artigo 113 conceitua as Zonas Especiais de Interesse do Patrimônio Histórico e Cultural-ZEIP, como sendo áreas formadas por sítios e conjuntos arquitetônicos de valor e significância cultural, de relevante expressão artística, histórica, arqueológica e paisagística, que requerem preservação e reabilitação ou compatibilização com o sítio integrante do conjunto. Constituem-se ZEIP da Macrozona do Ambiente Urbano: *o Educandário Nogueira de Faria e seu entorno - ilha de Cotijuba*; e *a orla da ilha de Cotijuba*. Enquanto a ZEIP da Macrozona do Ambiente Natural, segundo o Plano Diretor/2008 do município de Belém, Art. 116, serão instituídas as seguintes áreas da ilha: *área do Engenho de Branqueamento de Arroz e entorno e a Casa de Zacarias de Assunção e entorno - ilha de Cotijuba*.

O Art. 117 caracteriza as Zonas Especiais de Promoção Econômica – ZEPE, “por apresentar potenciais futuros, ou já consolidados, de áreas de centros, subcentros e principais eixos viários de comércio e serviço, e de atividades econômicas como indústria, turismo, produção agrícola, extrativismo vegetal e extração mineral, cujo objetivo é o fomento à dinamização econômica”. Neste sentido, o território pesquisado, a ilha de Cotijuba, ainda reúne em seu espaço os citados elementos, já que sua composição é formada por belas paisagens, riqueza de fauna e flora e de um significativo potencial ecoturístico, assim como dispõe, principalmente na parte rural da ilha, de uma produção agroecológica e extrativista, sendo esta a principal fonte de renda dessas comunidades.

O surgimento de novas atividades com base em acervos já existentes na ilha, apoiadas na teoria dos eixos temáticos, vem conduzindo a população envolvida a preocupar-se com a valorização e gestão de seu próprio patrimônio. O Ecomuseu da Amazônia, considerando a diversidade do patrimônio cultural da ilha, enquanto proponente desse novo gerenciamento, a partir da metodologia dos eixos temáticos, viabiliza a possibilidade de convivência harmoniosa entre os elementos essenciais constituintes do Território Cotijuba, e os encaminha como propositiva de uma gestão de coleções compartilhada condizente com a realidade local.

De acordo com Binette (2012, p.5), referindo-se ao Ecomuseu do Fier Monde (Montreal, Canadá), a coleção ecomuseal se caracteriza assim:

- Ela se constitui de elementos patrimoniais materiais ou imateriais que testemunham a cultura da comunidade ou de um ou vários campos de intervenção do ecomuseu.
- Trata-se de um conjunto de elementos patrimoniais considerados representativos, excepcionais ou de caráter identitário.
- Esses elementos são o alvo de um processo de designação que os faz entrar na coleção ecomuseal, assim como a aquisição faz entrar um objeto na coleção museal.
- São elementos sobre os quais o Ecomuseu intervém de diversas maneiras, sem ter, sobretudo sua propriedade.
- A coleção ecomuseal é submetida às condições de inventário, de catalogação e de documentação, tal como acontece com a coleção museal. Os atores locais (indivíduos, organismos, interventores do meio, etc.) participam ativamente do processo de designação dos elementos da coleção ecomuseal.
- O ecomuseu do Fier Monde reconhece sua responsabilidade patrimonial para com os elementos designados e compartilha essa responsabilidade com os atores locais. Sob esse olhar, o Ecomuseu se engaja em assegurar sua transmissão em colaboração com os atores locais, que assumem assim o *status* de responsáveis por esse patrimônio.

Em harmonia com a citação anterior, pode-se observar que a comunidade do Território em estudo, assim como os gestores locais, já identifica seus acervos, suas necessidades. No entanto, as coleções ecomuseais ainda se encontram em processo de sinalização e reconhecimento pelos comunitários. De acordo com as prioridades da comunidade envolvida no projeto, e em continuidade ao desenvolvimento das ações acerca da coleção ecomuseal, pressupõe uma tomada de consciência das potencialidades e fragilidades do patrimônio local. E então, tornar-se um instrumento de desenvolvimento social, educativo, cultural e ambiental, para a comunidade de sua área de atuação, a partir da identificação do acervo e da possibilidade de uma nova proposta de coleção ecomuseal no Território Ecomuseu da Amazônia.

3.4 Como tornar a comunidade gestora de seu patrimônio?

O Ecomuseu da Amazônia e comunidades de sua área de atuação, no delineamento de uma gestão compartilhada em seu território, têm como principal desafio assegurar a gestão do patrimônio local. Considera para esse fim, as adversidades geográficas, as relações interpessoais e socioambientais, a sustentabilidade e a capacitação dos comunitários. Esta inclui os multiplicadores de cultura, lideranças comunitárias, portadores ativos das tradições populares, comunitários em geral, dando ênfase ao patrimônio material e imaterial de cada área de atuação do Ecomuseu, assim como propõe desenvolver ações que visem à educação patrimonial. Por conseguinte, possibilitem às comunidades locais o uso sustentável dos recursos e a valorização da identidade.

É concorrente afirmar que a gestão patrimonial e a sustentabilidade do Território Ecomuseu da Amazônia estão pautados no “território, patrimônio, comunidade e desenvolvimento local”, tendo como aporte a participação das comunidades, os recursos financeiros e humanos, parcerias, colaboradores e voluntários, os quais conduzem suas diferentes participações com base no seguinte questionamento: como fazer a gestão patrimonial e alcançar a sustentabilidade de forma autônoma, sem subjugar seus protagonistas? A equipe do Ecomuseu da Amazônia/Instituição mantenedora e Comunidades de suas áreas de atuação vêm, desde a sua criação, desafiando este questionamento, e, a partir de prioridades e demandas dos comunitários, criar alternativas que possam contribuir e possibilitar a tão almejada gestão e sustentabilidade do Território. O museu e mais particularmente o ecomuseu ou o museu comunitário, segundo Varine-Bohan (2012, p.9), “é um instrumento bem adaptado à concepção e à ação dessa capacitação, ao menos na medida onde ele está efetivamente em estreita relação com seu território, à escuta e ao serviço de sua comunidade”. A partir da colocação de Varine-Bohan, entende-se que o conhecimento e a gestão do patrimônio e da população lhe permite representar um papel de mobilização e de organização anterior à capacitação e depois, então, tornar-se seu próprio gestor. O gestor de seu patrimônio.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a análise documental, bibliográfica e descritiva do acervo pertinente, a área pesquisada, no que se refere ao “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos de valorização e apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba-Pará-PA/Brasil-BR”, a partir da identificação/inventário do patrimônio e a possibilidade de gestão das

coleções oriundas dessa sinalização, foi necessário arrolar informações e teorias de pesquisadores, gestores locais e comunitários, acerca do tema estudado. Neste cenário vale destacar alguns itens como a ilha de Cotijuba, meio físico e biótico, aspectos culturais e sócio-econômicos, os bens patrimoniais da ilha, o Ecomuseu da Amazônia, a experiência do IV EIEMC, os biomapas, a importância de inventários em museus e ecomuseus, e ainda, gestão de coleções de um ecomuseu. Na sequência da pesquisa, propõe-se um grande desafio: como a comunidade tornar-se gestora de seu próprio patrimônio? Os temas estabelecidos decorreram da necessidade de estruturação desta pesquisa.

A metodologia aplicada para a análise e discussão dos resultados considerou como inventário, os dados coletados por meio dos diversos instrumentos citados no decorrer da pesquisa, pela autora deste estudo. Dentre as diversas formas de informações recolhidas e analisadas, a partir desses instrumentos, foi possível considerar alguns dos principais acervos já existentes sobre o patrimônio da ilha, como:

- Proposta do Plano Diretor/1994 para a ilha, embora não oficializado, apontou para a importância do uso e ocupação do solo, como também indicou os equipamentos urbanos existentes à época; pesquisas de alguns estudiosos sobre a ilha, que mencionaram em seus estudos, o patrimônio histórico local (*Educandário*, Casa do Governador, Engenho da Fazendinha.), o patrimônio natural (lagos, praias, igarapés.), lendas, histórias de vida.

O Plano Diretor do Município de Belém/2008 ratifica e complementa a proposta de 1994 para a ilha, uma vez que sinaliza a significância e valor cultural do patrimônio local, no que tange a divisão do Território em zonas diversificadas, em consonância com as coleções ecomuseais, pontua os monumentos históricos (*Educandário Nogueira de Faria e seu entorno, a orla da ilha, área do Engenho de Branqueamento de Arroz e entorno e a Casa de Zacarias de Assunção entorna - ilha de Cotijuba*), as situações de urbanização, regularização fundiária, uma vez que o espaço territorial da ilha pertence à União e os moradores não possuem títulos de propriedade. Refere-se também as “Zonas Especiais de Promoção Econômica”, destinadas às atividades econômicas, como indústria, *turismo, produção agrícola*, extrativismo vegetal e extração mineral, cujo objetivo é o fomento à dinamização econômica.

Este estudo foi referenciado ainda na Tese de doutorado da autora desta pesquisa “Proposta de Turismo Sustentável para a comunidade da ilha de Cotijuba, município de Belém, a partir da valorização do Patrimônio Cultural”, que incluiu a aplicação de (316) trezentos e dezesseis instrumentos de pesquisas, entre questionários e entrevistas (2010 e 2011), conforme já referido. Dentre os diversos temas consultados, destaque para as revelações de percepção da própria comunidade quanto aos patrimônios identificados, no que concerne especialmente aos patrimônios reconhecidos, patrimônios perdidos e novos patrimônios, para fins de análise quanto ao inventário e ao estabelecimento das possíveis coleções ecomuseais da ilha de Cotijuba, em proveito da valorização do patrimônio local. Um evento de relevância ocorrido com base nas questões patrimoniais do Território, sediado pelo Ecomuseu da Amazônia, sob o tema “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local” foi o IV EIEMC, o qual além dos diversos assuntos abordados, propôs aos presentes que respondessem a quatro perguntas norteadoras: Como as comunidades compreendem e usam seu patrimônio? De que modo o patrimônio pode ser para elas um gerador de rendas? Como capacitar uma comunidade para o desenvolvimento local, usando o patrimônio como recurso? Como tornar essa comunidade gestora de seu patrimônio e se manter auto sustentável?

As respostas a citadas perguntas foram temas discutidos nos diversos trabalhos apresentados durante o Encontro, como mesas-redondas, palestras, oficinas, apresentação

de pôsteres, vídeo-conferência, exposições, relatos de experiências das comunidades. O Encontro, que contou com representantes nacionais e internacionais, especialmente com a participação ativa das comunidades das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, inclusive, a ilha de Cotijuba, contribuiu para a sinalização e valorização do patrimônio local, para o enraizamento das populações em seus espaços vividos, com o objetivo de fortalecer o ato do sentir e do pertencer a um lugar/uma comunidade.

Enfatizar que o inventário nos ecomuseus acontece de forma diferenciada, especialmente neste estudo, ilha de Cotijuba. Outros eventos pautaram a identificação patrimonial, sempre com a participação ativa dos comunitários, destaque para exposições, palestras, oficinas, mesa redonda, roda de conversa, etc. Os quais vêm se manifestando ao longo dos últimos anos, com base na valorização do patrimônio local, e com ênfase no registro, análise e discussão dos resultados pelas comunidades, com a intervenção da equipe do Ecomuseu da Amazônia, sob a coordenação da autora deste estudo. Segue alguns desses eventos:

O ano de (2007) foi bastante produtivo, e diversas ações foram concretizadas:

- i. Realização de Cadastros com o objetivo de identificar produtores culturais e mestres de ofícios e tecnologias locais das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia;
- ii. Diagnóstico do perfil sócioeconômico dos moradores da Ilha;
- iii. Implementação de ações na área de medicina tradicional na região do Ecomuseu, incluindo a valorização das raizeiros, parteiras e benzedeiros;
- iv. Criação de espaços ecoturísticos: trilha, roteiros de restaurantes, pousadas, hotéis e demais áreas que enfatizem a geração de renda para os comunitários;
- v. Escoamento da Produção Cultural das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia/Circuito de Feiras e Festas de Cultura da Região;
- vi. Implantação de viveiro de mudas de hortaliças (hortas escolares e residenciais).

O Ano de (2008) continuou a programação inicial e ainda foram acrescentadas outras atividades:

- i. Projeto - Coisas do povo, objetos e fotografias de reconhecimento. Foi realizado em parceria com as comunidades, escolas e museus;
- ii. Projeto - Jóias em Cerâmica;
- iii. Auto de Natal, com apresentação das pastorinhas e participação dos alunos das escolas públicas: estadual e municipal da ilha de Cotijuba;
- iv. Oficina de Design da Natureza/Criação de peças decorativas natalinas, utilizando recursos naturais;
- v. Abertura da temporada de verão da Ilha de Cotijuba. Atrações (desfile de moda, danças folclóricas e feira de artesanato);
- vi. Projeto Florístico para levantamento das espécies arbóreas nativas das ilhas, o que inclui Cotijuba.

- O Diagnóstico Rápido Participativo-DRP e posteriormente Biomapas, são instrumentos em que a população identifica seu patrimônio de forma participativa. Estes vêm sendo desenvolvidos, como já foi referido, desde o ano de 2009, com a finalidade de possibilitar aos interessados o processo de coleta de dados, com base nos próprios conceitos e critérios de explicações dos participantes. Observa-se que estes instrumentos muito têm

contribuído para o inventário patrimonial das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, neste caso da ilha de Cotijuba.

As ações no Território Ecomuseu da Amazônia, ilha de Cotijuba continuam a ‘ênfatizar’ que a identificação e valorização do patrimônio local, são aportes, segundo os comunitários para a geração de renda e a consequente melhoria da qualidade de vida.

A seguir algumas das principais ações desenvolvidas nesse sentido, especialmente as exposições que trazem em sua essência os fatores endógenos dos habitantes da área pesquisada, assim como o contributo dessas para a coleta de dados patrimoniais da ilha:

i. Aquicultura Sustentável na Região insular de Belém a partir de 2009. É uma ação do eixo meio ambiente, que vem se desenvolvendo nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia ao longo dos últimos anos. Integram em sua equipe comunidades, professores, técnicos, alunos do curso técnico, sob um enfoque socioambiental, com tendência ao empreendedorismo de base comunitária. Objetiva o aumento de renda e a melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas, e ainda, concorre para a identificação patrimonial da ilha de Cotijuba;

ii. *Estivas* (2009) retratou o cotidiano das comunidades através de paisagens, ações, gestos, instrumentos, ofícios, rostos e vidas, elementos reconhecidos pelos próprios comunitários e fonte motivadora de inúmeras interpretações;

iii. *Memória do Barro* (2010) mostrou o processo de fabricação de peças de cerâmica produzidas no Território Ecomuseu da Amazônia;

iv. *Retratos e Memórias* (2010). Exposição fotográfica do patrimônio natural da ilha de Cotijuba;

v. *Exposição/Mostra: Rumo* (2010). Consequência de um processo contínuo de interatividade simbólica e cultural de saberes e experiências. Valorizou a cadeia produtiva de modo sustentável das áreas de atuação do Ecomuseu;

vi. *Mulheres, Arte e Sociedade: construindo a memória de um povo* (2011). Homenageou as mulheres, referências das comunidades do Território estudado, da ilha de Cotijuba; distinguir a Mestra em arte e sociedade Laís Fontoura Aderne, idealizadora do Ecomuseu da Amazônia, por meio da exposição “Lembranças Iluminadas-fotos e objetos de Laís Aderne”;

vii. *Rodas de Conversas - nossa produção cultural* (2011). Foi uma ação com representantes comunitários para repasse e interação de conhecimentos culturais das áreas de abrangência do Ecomuseu;

viii. *Achados do Patrimônio* (2012). Ênfaticou o resultado de um Projeto Educacional com alunos de ensino fundamental, que formaram um Grupo denominado “Guardiões do Patrimônio”;

ix. *A cultura da água* (2012). Por tratar-se de uma ilha, a água para os comunitários aponta neste estudo para mais uma possibilidade de inventariação do patrimônio local, uma vez que está presente nas ações, no cotidiano das comunidades, suas histórias de vida, suas lendas, sua sobrevivência, seu lazer. Seus elementos são valorizados enquanto

patrimônio ambiental e cultural, tanto material, quanto imaterial, acenando a posteriori para a possibilidade de uma concepção ampla de gestão de recursos hídricos;

x. Exibição de Vídeos (2013). Retrata a realidade da população pesquisada, onde a participação dos comunitários, em algumas ações, conduziu um grupo de comunitários e técnicos do Ecomuseu da Amazônia a organizarem vídeos com relatos de experiências das comunidades visitadas. Assim tivemos, por exemplo, a pesquisa sobre o “Levantamento Etnográfico da Produção de Canoas”, que relatou os passos da construção de canoas, artesanias navais. Esta ação foi ratificada pela Exposição “Talhamar - grafismo em canoas”, complementada ainda por uma quarta ação, palestra e lançamento do “Manual de Canoas” – levantamento etnográfico da produção de canoas;

xi. Exposição “*Tudo é farinha do mesmo saco*” (2014). Ação educativa com referência as tradições culturais locais. Ver a “Casa de Farinha como paisagem do patrimônio amazônico”. Oficinas: Produção de farinha d’água, produção de tapioca e produção de derivados da farinha;

xii. Ecosítios Produtivos na Região Insular de Belém (2014). É outra ação do eixo meio ambiente, atende atualmente cerca de trinta (30) famílias. Todo agricultor familiar possui ao redor de sua casa, seu pomar, sua criação e seu roçado. Esse sistema embora, as vezes, desarranjado, no que diz respeito ao número de espécies vegetais frutíferas e florestais, obediência a espaçamentos corretos, instalações adequadas e funcionais para as criações, responde por uma importante parcela na renda dessas famílias e por isso deve ser considerado no incremento da renda familiar;

xiii. As ações: Exposição Ecos da Ilha, Mesa Redonda Culturas Ausentes, Eco Cine Vídeos Institucionais, Sarau-Carimbó da Terra, Voz e Percussão (2015) foram realizadas para culminar as ações em desenvolvimento no Território Ecomuseu, na ilha de Cotijuba, bem como para homenagear a 13ª Semana Nacional de Museus-IBRAM, denominada “Museus para uma sociedade sustentável”. Esses eventos ocorreram com a participação ativa de lideranças comunitárias locais;

xiv. O Projeto Beneficiamento e Resgate dos Resíduos Sólidos e Naturais (2015). É uma proposta de produção sustentável. Representa a cultura e a identidade da região por meio de ações de educação ambiental e manejo sustentável das espécies florestais, produção de biojóias, artefatos decorativos e utilitários. É integrante do eixo cultura, considerada mais uma iniciativa de inventariar o patrimônio local;

xv. Exposição Guardiões da Memória (2015). Teve como objetivo homenagear a memória local, o patrimônio imaterial das ilhas de Belém, representadas no evento por comunitários considerados autênticos portadores de saberes e tradições populares da região;

xvi. O Museu das Tradições Comunitárias (2015). É um projeto integrante do eixo Cidadania, e é outra alternativa base para o inventário patrimonial. Propõe a valorização e o fortalecimento das tradições locais por meio de ações e atividades programadas a nível técnico-experimental e acadêmico; integra comunidades e alunos num processo de vivências e experimentações, onde os saberes, tradicionais estejam presentes em

diferentes iniciativas educacionais voltadas ao processo identitário e ao desenvolvimento local;

xvii. O Roteiro Patrimonial de Visitação (2016), que vem ocorrendo entre as Comunidades da Fazendinha e Poção. Atende atualmente cerca de 30 famílias na ilha de Cotijuba. O Roteiro pontua os patrimônios naturais e culturais existentes nas duas comunidades, os quais compõem a paisagem local, e devem ser valorizados e preservados, em detrimento ao desenvolvimento sustentável local. Visa trabalhar e estimular as especificidades do lugar (gastronomia, religiosidade, danças), além de incentivar às atividades extrativistas e de produção artesanal; busca a permanência do conjunto de bens patrimoniais próprios da localidade;

xviii. Exposição: Os Patrimônios Contando a História (2016). É mais uma releitura do patrimônio das ilhas, que inclui Caratateua e Cotijuba, em cortesia da 8ª Semana de Museus do Ecomuseu da Amazônia e, a 14ª Semana Nacional de Museus IBRAM/Ministério da Cultura, denominada Museus e paisagens culturais;

xix. Evento Cozinha Brasil (2016). Foi uma ação realizada pelo Serviço Social da Indústria-SESI com a parceria do Ecomuseu da Amazônia/FUNBOSQUE, e apoio da Secretaria de Turismo do Governo do Estado do Pará-SETUR.

Os instrumentos citados foram utilizados para o desenvolvimento das ações no Território Ecomuseu, bem como serviram de base para a recolha de materiais no que tange ao patrimônio material e imaterial da ilha. Evidenciaram-se como elementos satisfatórios e necessários para a organização/elaboração de coleções ecomuseais.

A pesquisa integrou ainda a participação de quinze (15) comunitários detentores de referências locais, sugeridos pela própria comunidade, dos quais dez (10) foram arguidos por meio da aplicação de questionários fechados e cinco (05) por entrevistas semi-estruturadas. Esta ação ocorreu entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015. O objetivo foi estabelecer uma relação entre o material coletado anteriormente através de acervos já existentes e o atual estado de arte da ilha de Cotijuba.

A seguir, serão apresentados os resultados, análise e discussão da aplicação de dez questionários, contendo sete perguntas fechadas e cinco abertas.

Foram aplicados a dez comunitários, representantes dos diversos segmentos sociais locais. Dos questionados obteve-se os seguintes dados.

Informações pessoais:

- Procedência: Cinco são oriundos do Município de Belém, um do município de Igarapé Miri-PA, um da ilha vizinha de Paquetá, e três nasceram em Cotijuba;
- Quanto ao gênero: seis femininos e quatro masculinos;
- Faixa etária: um abaixo de 21 anos, quatro entre 22 e 40 anos, três entre 41 e 50 anos, e um acima de 60 anos;
- Escolaridade: seis - ensino fundamental; três - ensino médio; e um - ensino superior;
- Profissão: pescador, artesão, agricultor, barqueiro, charreteiro, estudante, dona de casa, microempresário, vendedor autônomo, funcionário público.
- Quanto tempo mora na ilha: 3 nasceram na ilha, 2 moram entre 15 e 20 anos, 2 entre 21 e 30 anos, e 2 acima de 30 anos;

Informações sobre a ilha:

- Principais atrativos da ilha pelos questionados - Dos mais para os menos citados: Praias (Vai quem quer, Farol, Saudade, Amor e Flexeira), Educandário Nogueira de Faria, Engenho Fazendinha, Casa Zacarias de Assunção, a água.
- Situações consideradas mais preocupantes para o desenvolvimento social da ilha pelos inquiridos: Água tratada, aterro sanitário, esgoto, coleta domiciliar de lixo, desmatamento, uso desordenado do solo, extração de areia.
- A opinião dos questionados acerca do patrimônio da ilha, considerando como ponto de partida a tabela proposta e desenvolvida nos anos de 2010 e 2011 pela autora deste estudo, quando da realização de pesquisa de campo para o inventário do Ecomuseu da Amazônia e para a Tese de Doutorado de autoria desta pesquisadora, já citada, complementada nos anos de 2014/2015 e 2016 por novos patrimônios, informações anunciadas pelos comunitários da ilha nesta pesquisa:

Tabela 5: O Patrimônio, segundo os questionados na ilha de Cotijuba

Patrimônios	Respostas múltiplas
1. Patrimônios reconhecidos pela comunidade	Casa Zacarias de Assunção, Engenho Fazendinha, Educandário, Igrejas (evangélica e católica), a importância da água (praias, lagos, igarapés, rios, nascentes, furos..) artesanatos (o fazer da cerâmica, da palha, como o chapéu e derivados, da biojóia..), os saberes das (parteiras, benzedeadas), blocos carnavalescos, unidades educacionais (escolas estaduais e municipais), trilhas, roteiros patrimoniais, modos de pescar (viveiros de peixes/criação do peixe, o pescar nos rios), artesanaria naval (o fazer do barco), associações de moradores, o modo dos transportes (barcos, rabetas, canoas, charretes-cavalos, búfalos), ambulância, motorretes, moto-táxis, bicicletas.), Eventos locais, lendas, a agricultura (o modo de cultivar as hortas), o cotidiano das comunidades, cursos de capacitação com as comunidades, a água (sobrevivência, caça e pesca, lazer, agricultura, artesanato, lendas, rituais, fases da lua).
2. Patrimônios perdidos	Casa Zacarias de Assunção, Engenho Fazendinha, Educandário, Florestas, Casa de farinha, Colônia de pescadores.
3. Novos patrimônios	Trapiche, maternidade, família saudável, unidade de saúde, escolas, associação dos moto-táxis, Centrais Elétricas do Pará-CELPA, Polícia Militar do Pará de Cotijuba, torre de telefonia celular, feiras.

Fonte: Questionários da Pesquisa de Campo, 2010, 2011, e 2014, 2015 e 2016.

Observa-se que os questionados ratificaram a pesquisa ocorrida nos anos de 2010/2011, no que concerne a identificação patrimonial, e ainda acrescentaram elementos representativos de seu cotidiano, como o modo de vida, seus saberes e fazeres, como a pesca, a água, a agricultura, dentre outros elementos citados na tabela anterior.

Neste contexto é possível perceber que, entre os anos de 1994 e 2015, de acordo com pesquisas bibliográficas e visitas de campo, houve um acréscimo considerável de bens patrimoniais identificados, nesta pesquisa, denominados “novos patrimônios” da ilha. Colocação ratificada no ítem anterior (3.2.2 Bens patrimoniais da Ilha de Cotijuba e...), onde foram esboçadas propositivas para as coleções do Território Ecomuseu da Amazônia - ilha de Cotijuba. Ver a seguir o delineamento de uma proposta de coleções patrimoniais apontadas pelos comunitários, após dados coletados com a mediação dos técnicos do Ecomuseu da Amazônia:

- *Para o Sr (a), o que significa uma coleção ecomuseal?*

A maioria dos indagados responderam ser um agrupamento de patrimônios por afinidade, a junção dos patrimônios por áreas afins, por objetivos comuns. Para outros,

são os modos de vida, as histórias de vida de uma comunidade, ou ainda, o conjunto de elementos patrimoniais representativos de agrupamento de pessoas, de bens patrimoniais materiais ou imateriais que caracterizam a identidade de uma população. Segue proposta de coleção ecomuseal produzida pelos comunitários com o aporte da autora desta pesquisa e equipe do Ecomuseu da Amazônia:

Tabela 6: Ecomuseu da Amazônia: Coleções Ecomuseais da ilha de Cotijuba

Coleções	Acervos/patrimônio
- Festividades locais	- (mês 01): Festividade de São Sebastião, (mês 02) Carnaval na ilha, (mês 03) Festival do Bacuri, (mês 04) Festa das Flores ou Baile das Deputantes, Via Sacra (comemoração da semana santa, (mês 05) Festa das mães, baile da 3ª Idade-concurso de dança, (mês 06) Festividade de São João-Comunidade do Poção, Festividade de São Pedro e brincadeiras juninas/Praia Funda; Festival da Tapioca-Assembléia de Deus/Estrada do Poção, Forrozão das Conquistadoras - Apresentação de Quadrilha, (mês 07) Férias na Ilha; (mês 08) Bom Jesus dos Passos, (mês 09) Festival de Campeonato - Pé e Meio, (mês 10) Festividade de São Francisco de Assis, (mês 11) Aniversário de Cotijuba, (mês 12) Festividade de Santa Luzia do Vai-Quem-Quer, Nossa Senhora da Conceição e Festividade de Iemanjá/Praia da Saudade;
- Fazeres e Saberes	- Casa de Farinha, Artesanato, costureira, benzedeira, parteira, raizeira.
- Manifestações Culturais	- Quadrilha, bloco carnavalesco, Liga carnavalesca.
- Patrimônios Culturais	- Cemitério Local, Praça, Tapiocaria da Praça, Farol da Ilha;
- Patrimônios Históricos (ruínas)	- Casa Zacarias de Assunção (Casa do governador), Educandário Nogueira de Faria, Ruínas de Magalhães Barata-Praia do Seringal, Fazendinha.
- Patrimônios Naturais	- Fauna, Florestas, rios, furos;
- Atrativos Naturais	- Igarapés, trilhas, lagos, praias, nascentes, olho d'água, cacimba;
- Novos Patrimônios	- Centrais Elétricas do Pará-CELPA, Polícia Militar do Pará-10º BPM-DPM de Cotijuba, Torre de telefonia celular, Feiras, Trapiche.
- Patrimônios Naturais (perdidos)	- Pimental, Unidade de Tratamento de Lixo, Colônia dos Pescadores.
- Templos Religiosos	- Igrejas: São Francisco de Assis, Presbiteriana, Batista, Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular, Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová.
- A água e as tradições locais.	- Vida humana, caça e pesca, lazer, agricultura.
- A água e as Lendas	- Boto, cobra grande, mãe d'água, cavalheiro das noites de luar, jacaré, mulher de branco, o reino do cavalo marinho, encantamento, calça molhada, sereia da pedra grande, lobisomen..
- A água e os Rituais	- Iemanjá, cultos afros, batismo, candomblé, umbanda;
- As fases da lua e as tradições locais	- Influência das marés, pesca; chuva, gravidez, catar piolho na maré vazante, poda de árvores, plantar mandioca na lua cheia, corte de cabelo.
- Coleções imateriais	- Relação das vizinhanças, relação entre os iguais e entre os diferentes, o cotidiano das comunidades, o modo fazer o crochê, o bordado.
- Unidades de Ensino	- Unidade Pedagógica da Faveira, Escola Estadual Marta da Conceição;
- Unidades de Saúde	- Maternidade-Unidade Municipal de Saúde, Casa Família Saudável, Unidade de Saúde da Ilha.
- Produções de pescado da ilha de Cotijuba	- Acará, acari, bacu, bagre, dourada, filhote, mandii, mandubé, mapará, pescada, piramutaba, pratiqueira, tainha, tambaqui, tucunaré.
- Produções frutíferas - ilha de Cotijuba	- Caju, manga, murici, taperebá, tucumã, coco, açaí, miriti.
- Meios de Transporte	- Ambulancha, barco, canoa, bondinhos, moto-táxis, charretes, motorretes;
- Meios de hospedagens	- Pousadas, hotéis, acolhimentos comunitários.

- Organizações Sociais atuantes na ilha	- Associação AMAPOÇÃO, Ecomuseu da Amazônia, Movimento de Mulheres das ilhas de Belém-MMIB, Associação dos Moto-Táxis.
- Áreas degradadas	- Uso desordenado do solo, extração irregular de areia e de argila, erosão costeira, poluição hídrica, desmatamento.
- Os serviços e as situações problema da ilha	- Água tratada para todos, serviço de esgoto, falta de aterro sanitário/fossas, coleta domiciliar de resíduos/queimada de resíduos sólidos...
Fonte: Questionário da Pesquisa de Campo, 2014/2015/2016.	

A tabela retrata o esboço de uma proposta, em processo, pelas comunidades da ilha. O acervo/coleções do Ecomuseu representa a maior riqueza da região; são os recursos naturais e culturais, que associados à ação humana e ao desenvolvimento econômico, estão diretamente relacionados à gestão de coleções, e significam o grande desafio dos moradores de Cotijuba. Desta forma, após o enunciado, pode-se afirmar que, o inventário no Território Ecomuseu da Amazônia iniciou com a criação deste (2007), entretanto foi a partir de 2009 que efetivamente começou um planejamento mais detalhado acerca da identificação patrimonial da ilha. Para atender esse objetivo os comunitários de Cotijuba, com o aporte dos técnicos do Ecomuseu, vêm ao longo dos últimos anos sinalizando os patrimônios locais - inventário participativo -, seja através de identificação do patrimônio material, como vem sendo apontado por meio das diversas ações evidenciadas nesta pesquisa, seja pela sinalização do patrimônio imaterial, narrado pelos diversos atores sociais locais, entrevistados neste estudo. Segue fotos de algumas ações referenciadas no decorrer deste estudo, bem como, patrimônios localizados no Território Ecomuseu da Amazônia:



Figura 12: Cenário de fotos enfatizando a Sede e algumas ações do Ecomuseu da Amazônia - imagens (1 e 2) Sede do Ecomuseu da Amazônia e o Trapiche Antônio Tavernard, chegada da ilha de Cotijuba. Imagens (3 e 4) uma mestra de cerâmica da ilha interagindo/intercambiando como facilitadora entre gerações de saberes e fazeres na área de cerâmica com alunos da Fundação Escola Bosque, na sequência um grupo de visitantes participando do Roteiro Patrimonial de Visitação/Turismo de Base Comunitária, na foto um momento de relaxamento/lanche do grupo em espaço comercial de um comunitário. Imagens (5 e 6) trata-se da criação de peixe em cativeiro e escoamento dessa produção, assim como, a produção de mandioca e farinha d'água originária desse tubérculo, na Casa de Farinha, com apoio de alunos da

Fundação Escola Bosque, e orientação técnica de profissionais da Fundação, do Ecomuseu da Amazônia, e participação especial do comunitário da ilha de Cotijuba, Sr Nanã, e ainda um desfile de moda artesanal, produção das costureiras locais, com a participação de modelos de escolas e demais comunitários da ilha.
Fonte: Ecomuseu da Amazônia, 2012/2013/2014/2015 e 2016.

As ações em evidência representam os espaços físicos do Ecomuseu da Amazônia, localizados na ilha de Caratateua, denominados de Casa Sede e Ecoarte, onde acontecem as diversas ações, como oficinas, exposições, etc.. E ainda, as comunidades das áreas de atuação do Programa nesses locais, tem a sua participação assegurada permanentemente, seja no espaço físico, seja, o que é mais importante, na concepção de ideias para a continuidade das ações. As demais ações (o fazer da cerâmica, o Roteiro Patrimonial de Visitação, a criação do peixe, o fazer da farinha, o desfile de moda artesanal) referem-se ao cotidiano das comunidades, a realização de atividades voltadas para a valorização e desenvolvimento do patrimônio local, no que concerne a geração de renda e, mais importante, a melhoria da autoestima da população local. E mais, vem contribuindo significativamente para o inventário patrimonial do Território Ecomuseu da Amazônia. Seguem alguns trechos do depoimento de cinco (05) entrevistados, ação ocorrida entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015, informações contribuídas para este estudo e conseqüentemente para o inventário patrimonial da ilha:

As cinco (5) entrevistas semi-estruturadas com moradores da ilha de Cotijuba tiveram como principal objetivo coletar informações de moradores da ilha de Cotijuba, sendo que os selecionados para esta amostragem foram pessoas detentoras de um vasto conhecimento sobre o patrimônio da ilha de Cotijuba, suas próprias histórias / suas memórias. As entrevistas tiveram como finalidade contribuir para esta pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos de valorização e apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba-Pará-PA/Brasil-BR”. Foram as seguintes:

A. Dona Antônia, cearense, agro-extrativista, liderança na Comunidade do Poção-ilha de Cotijuba, 66 anos. Chegou em Cotijuba em 1983, anuncia *“nasci no Ceará, me criei no Ceará e vim já criar família pra cá no Pará, meus filhos são cearenses, nasceram lá, mas eu criei aqui no Pará, são mais paraenses do que cearenses, todas duas”*. A seguir alguns trechos de sua entrevista:

✓ Sobre a participação em associações:

- Sr^a. Antônia - O único Projeto que participo na ilha é o Ecomuseu da Amazônia. Faço parte deste projeto e me sinto feliz de participar dele; então eu gosto e eu amo, e eu gosto mesmo e eu quero que a gente tenha mais um prodígio neste nosso trabalho. Olha, está sendo uma grande experiência pra minha própria vida, tanto no Ecomuseu, como aqui no espaço que agora a gente trabalha, porque a gente se reúne, conversa; a gente tem uma produção pra gente; arruma alguma coisa que é pra nós começar colocar, pra nós ter pra ajudar como agora precisou. Para legalizar a associação que estamos criando, já angareamos 300 reais. Foi uma grande ajuda, então isso é da nossa associação e aí eu me sinto feliz com a união do povo. Em nome de Jesus, nós vamo legalizar ela este ano. Eu faço parte deste projeto e me sinto feliz então eu gosto e eu amo, e eu gosto mesmo e eu quero que a gente tenha mais um prodígio neste nosso trabalho do Ecomuseu.

✓ Sobre a paisagem, um patrimônio da ilha:

- Enfatiza Sr^a. Antônia: Já mudou muito! A paisagem é nosso patrimônio, e mudou muito, muito, muito mesmo. Ai então é tudo isso eu me sinto alegre, por que as vezes as

meninas dizem assim: “há mas ae.. a mãe..eu acho que a gente... eu vou desistir”, minha filha não desiste por que olhe, repare, nós já lutamos tanto que agora depois já ta bem adiantado...não! Nós temo que leva pra frente nos vamo leva, ai eu tenho conversado elas, essa daqui que aqui acolá “há eu vou saí, há eu vou...” eu falo: nãaa! borá leva pra frente, a por que ficam falando, por que falaram: “há mas é só ela, mas a família”, sim é família sim, mas a minha família eu tenho que ensinar, ensinar o que eu sei, eu não to mais pra muitos tempos. Eu digo pra elas, minha filha, você tem que fica não tem que saí por que eu não to pra muitos tempo, 66 ano, eu não sei se vou busca até 70 mais eu não sei, elas ficam, né? Então é tudo isso.

- B. Elen Cristina, jovem estudante de ensino médio, neta de Dona Antônia, residente na ilha de Cotijuba.

✓ Sobre a Educação:

- Elen: Bom, a Educação, é um patrimônio que precisa melhorar bastante, por que um exemplo foi que a gente passou um período muito sem ter aula, sem ter professores. A gente perdeu muito assunto, muita aula; então isso acaba prejudicando a gente se tivesse uma melhorzinha, tivesse um planejamento melhor, com certeza isso não aconteceria, que a gente perdeu quase um ano porque não tínhamos professores, ficamos muitos prejudicados. Já por outro lado, a educação é boa apesar dos poucos professores, são boa, uma educação ótima;

✓ Sobre a relação com a comunidade:

- Elen: É boa, assim... Aqui, é o nosso principal patrimônio, uma comunidade que todo mundo se conhece. Quando a gente vê o outro, a gente se fala, não tem aquela coisa de intrigas, brigas, são raras as vezes que acontece isso, mas são sempre pessoas mal intencionadas, mas é boa assim... Ótima, maravilhosa!

✓ Sobre a participação em associações:

- Elen: Bom, o Ecomuseu, ele trabalha muito com a natureza, trabalha muito com o nosso dia-a-dia, e isso se a gente prestar bem atenção é tudo que a gente convive, o que, por exemplo: vai fazer à cerâmica, a gente precisa de todo o material necessário da comunidade, então isso beneficia tanto o Ecomuseu como a gente, por que são coisas novas que a gente aprende e são coisas novas que nós ensinamos também, porque nós sabemos muitas coisas, então... deixa eu ver, eu acho que é isso.

- C. Sr. Otoniel Pereira, Sub-Agente da Administração da ilha de Cotijuba, Sub-Distrito da Administração Regional de Outeiro-AROUT, 67 anos, morador da ilha desde 1989, relata sua experiência.

✓ Como é morar na ilha de Cotijuba:

- Otoniel: Morar em Cotijuba é... Lá no sul, as pessoas dizem que quem mora em ilha é rico, quando eu dizia lá em Brasília e em São Paulo que eu morava em uma ilha eles pensavam que o Otoniel estava furtando os correios, porque só mora em ilha quem tem muito dinheiro. Mas a ilha de Cotijuba é um ambiente natural saudável, onde a população ainda pode se alimentar de mariscos frescos, camarão, adquiridos na beira da praia e você alimenta-se basicamente de frutas frescas, peixe, camarão e tudo isso é natural, e isso dá para que você possa manter sua saúde agradável, com disposição, com vigor, como eu tenho nesta idade;

✓ Transporte na ilha:

- Otoniel: Cotijuba só veio se desenvolver a partir de 94 com o prefeito Hélio Gueiros, quando foi feita uma, um sistema de viagens pra lá, ninguém sabia, ninguém ia pra Cotijuba por que não havia transporte. Em 94 o prefeito Hélio Gueiros criou uma linha que fazia Belém-Icoarací- Cotijuba/ Cotijuba-Icoarací-Belém. Aí que foi a população descobrir que existia uma pérola na natureza guardada lá, que deveria ser preservada, deve ser preservada, com isso começou exatamente a ocupação da ilha, de 350 foram comprando terreno se fixando e aquela altura não se tinha nenhum transporte e então o prefeito Hélio Gueiros doou 6 charretes e 6 cavalos para o transporte urbano através de charretes;

✓ O turismo na ilha:

- Otoniel: Cotijuba é hoje um ponto turístico, um balneário voltado para a classe média pra baixo, é mais ou menos assim: o povão, é esse turismo que esta sendo feito hoje em Cotijuba, é o turismo de massa, que é altamente negativo, especialmente para a natureza, por que as pessoas que vão, são classificados mais ou menos como os “farofeiros”. Eles já levam todo o sistema deles (é de comida, de água, de refrigerante, da bebida) e o restante quando eles vão embora fica tudo lá, fica o copo descartável, fica o resto de comida lá na Praia. E essas pessoas, como são na maioria das vezes, não tem conhecimento da natureza, de preservação e terminam trazendo muitos prejuízos ao meio ambiente. Estamos recebendo hoje em Cotijuba cerca de 2 a 3.000 pessoas no final de semana normal, no final de semana prolongado até 5.000 e nas férias cerca de 10.000 pessoas semanais e essas pessoas, claro que tudo em Cotijuba depende do turismo, agora só que não é um turismo programado, não é um turismo em que as pessoas vão conhecer as trilhas. Nós temos cerca de 7 km de trilhas, de um lado e de outro da ilha; nós temos as praias, algumas semi virgens como a praia da Flexeira e a praia Funda. E a praia da Saudade, ainda pouco explorada...;

✓ A educação na ilha de Cotijuba:

- Otoniel: Temos hoje na parte de educação uma contemplação muito boa em relação ao apoio logística. Interesse da prefeitura através da prof^a Therezinha Gueiros que implantou a escola Bosque, que estava totalmente esfacelada no tempo do governo anterior, estava praticamente falida. Então prof^a Therezinha Gueiros investiu novamente, organizou, reorganizou a Escola Bosque e implantou as escolas bosques das ilhas de Paquetá, Jutuba e Cotijuba, são 3 unidades. Essas escolas deram uma ênfase muito grande na educação. Recentemente nós fizemos uma distribuição de cadernos e livros através da prefeitura e nós nos surpreendemos com crianças de pouca idade já na 4^o, 5^o, 6^o, 7^o série. Isto representa um fato significativo, o maior empreendimento, e as pessoas ainda dizem “não por que a prefeitura não faz nada aqui, não fez nenhum prédio”. Entretanto a prefeitura tem feito nas ilhas um investimento altíssimo, maior que todos que é a educação, tem feito lá com a escola, com o transporte escolar de bondinhos, com transporte de barcos e isso ai tem sortido um efeito positivo muito grande na educação dos ribeirinhos, especialmente das pessoas, dos alunos e jovens adolescentes que moram nas ilhas...;

✓ Quanto às histórias/lendas da ilha de Cotijuba:

- Otoniel: A questão da ilha não sabe explicar realmente, do diabo, não sei, do ladrão, tem muitas lendas. Eu fazia um programa de rádio e contava na sexta-feira, de 9 às 10, eu contava as histórias das lendas de Cotijuba, das visagens, assombrações. Fazia muito

sucesso, as pessoas inclusive ficavam com medo, me ligavam: “ Sr. Otoniel, o senhor contou a história daquela visagem do cidadão morto e eu não consegui dormir, os cachorros começaram a latir seu Otoniel!”. Aí um barqueiro uma vez: “seu Otoniel, pelo amor de Deus o senhor contou a história do navio fantasma e eu estava tomando conta dos barcos no trapiche e não consegui dormi de jeito nenhum”, então tem muitos folclores, histórias, que eu sei, que me mandavam, estão armazenadas em casa sobre assombrações, visagem, folclore, contos, histórias, tudo isso nós sabíamos que é mais um capítulo que a gente pode gravar a parte sobre isso ai...

- D. Raimundo dos Santos, ex-aluno do Educandário Nogueira de Faria, 82 anos, nascido no município de Cametá, interior do Estado do Pará, chegou a Cotijuba em setembro de 1943, com 14 anos de idade para estudar no Educandário. A seguir alguns dados de sua entrevista:

✓ A chegada à ilha:

- Sr Raimundo: Cheguei com 14 anos, fui aluno do colégio, daquele prédio que vocês veem caído lá; aquilo ali era um presídio, aquilo era a coisa mais linda que pode existi pra mim. Eu digo assim pra mim, porque foi um colégio que tinha de tudo para a gente aprender. Graças a Deus aprendi, fiquei ai, depois eu fui, saí de aluno, passei a ser funcionário e como funcionário da onde eu fui aluno eu cheguei a ser nomeado subdiretor e hoje pra ser um subdiretor tem que ter experimento bom. A gente se destacou, exerceu várias função, né? Eu fui 1º nomeação minha foi motorista pelo general Assunção que era governador do estado. A 2º nomeação eu fui inspetor de aluno, já não era mais aluno, já era inspetor deles, você entendeu? E a 3ª, esse que eu to lhe dizendo, fui nomeado pelo General Barata, no tempo que ele era governador, fui nomeado subdiretor do colégio, da onde eu fui aluno eu cheguei a ser subdiretor!

✓ A população de Cotijuba em sua época de Educandário:

- Sr Raimundo: A população já tinha aumentado nessa época. Quando cheguei aqui se tivesse 100 moradores, 100 famílias era muito... se tivesse, e eles viviam de cortar seringa, pescar camarão, e como não tinha pra quem vender..., outro pescava pescada pra vender, andava pela rua, ninguém queria comprar. Hoje esta diferente, hoje virou vila mesmo, está quase uma cidadezinha e eu tou gostando;

✓ A cultura da ilha - o passado e o presente:

- Sr Raimundo: Não, somos diferentes do passado, nós tínhamos, por exemplo, aqui umas brincadeiras que o pessoal faziam antigamente, brincadeira de boi, brincadeira de carneiro, aquelas festas bonita que eles faziam com música, aquela coisa toda, uma simplicidade muito grande, mas era válida pra nós, você entendeu? Hoje vem coisas, vem diferente pra nós aqui, pro pessoal daqui, pra mim que não faço parte dessas coisas, mas eu digo assim pra ilha o que não é muitas vezes bem adequado. Tem acontecido coisas que não deveria acontecer por se tratar de uma pessoa de Belém que são mais civilizado nas coisa. A gente espera coisa melhor desse povo, e que as vezes não acontece, a senhora esta entendendo mais ou menos o meu linguajar? ...o que desagradável é as pessoa que pensa que aqui tudo é velho, surdo como eu, não é não, o povo também conhece as coisa, sabe por que conhece?...

✓ Os problemas ambientais da ilha:

- Sr Raimundo: Bom santa, isso aí a gente pode conversar com a senhora, assim na seguinte maneira: quando eu cheguei aqui, eu digo assim pra senhora ir entendendo as coisa né? Aí o que era que acontecia, tinha grande pedras ao redor da ilha, uma hora dessa, por exemplo, se tivesse maresia tava dando a senhora tava escutando aqui, o povo que não entende as coisa começaram a tirar as pedras pra grande, bonita eles foram quebrando, a senhora entendeu? Foram quebrando, hoje dá aquelas maresia, a senhora não houve mais, antigamente a gente ouvia aqui. Vinham e quebravam nas pedras, e “báaa!”, e a gente ouvia aquela zoada principalmente no verão de 2 hora em diante e tal. Tudo bem, hoje acontece as mesma maresia, os mesmo vento, mas nós não se ouve a zoada por que tiraram a proteção da ilha, agora o que vai acontecer? Aquilo que a senhora tava perguntando, se ta tendo uma diferença tem, porque tirou as pedras, tirou o calço da ilha, você entendeu? ai a água vem e bate diretamente da ribanceira e vai caindo, vai caindo, te tal maneira, vai caindo de tal maneira que termina virando algumas árvores. Aí ela cai na praia, pode cair pra cima da terra, e tudo vem acontecendo. Já não é de poucos tempos, outro assim você chegava aqui por exemplo no verão, você pegava uma panela daquelas que tem por ai, uma lata, um balde, qualquer coisa, a senhora pegava, a senhora ia bater lá na praia, quando a senhora vinha de lá, voltava com um lata deste tamanho cheia de siri, por que tinha pedra aonde eles se formavam, onde eles se guardavam. Eles tiraram toda as grande como as pequena também, você entendeu? E desprotegeu a ilha, ela estava protegida;

✓ O turismo na ilha de Cotijuba:

- Sr Raimundo: Bom quase que assim eu posso dizer como tive lhe falando ainda agora, as condições, por que o que a gente entende pelo turismo, e que trás algum benefício pro lugar, você entendeu? Quer dizer o Brasil é um ponto de turismo aqui, como que é Santa Catarina, São Paulo, esses lugares assim que coisa importante. Eles vem e fazem isso aí, e isso aí deixa uma margem de lucro, pra nação, você entendeu? Então o melhor do turismo é deixar uma margem de lucro no lugar, por exemplo, Cotijuba. Mas quando eles já vinham de lá, já vem tudo prevenido, já trazem tudo, comida, aquela coisa toda, não vão depender daquilo, quer dizer, não vão deixar uma margem de lucro já no lugar, já deixaram por lá, por Icoarací, por Belém aquela coisa toda....

- E. Sra Dalvina de Almeida Brum, é parteira na área pesquisada, chegou nessa microrregião aos (15) quinze anos em 1969, nasceu no igarapé do Jamaci, ilha de Paquetá, próximo de Cotijuba. Neste novo endereço envolveu-se com várias atividades. Em entrevista de campo com a autora deste estudo a parteira manifestou saudosismo do período em que chegou em Cotijuba:

✓ A chegada à ilha – como era a vida naquele tempo:

Sra Dalvina: A vida aqui antes, era pescar, vender camarão, juntar Bacurí, Piquiá, vender aqui para o pessoal, trocar por farinha, porque a gente não tinha condição né? Criar galinha, criar porco, trabalhar na roça. Trabalhei muito na roça com a minha avó e minha mãe, plantando arroz, cortando arroz. Nesse tempo dizer cortar arroz né? Cortando arroz, chegava de lá a gente ai socar o arroz no pilão, tirar pra fazer o mingau ou pra comer (...). Nesse tempo, bem dizer, não é como agora. Tudo que a gente come é com arroz né? A vida era também fazer a farinha, tirar tapioca, tirar tucupi, eu lá no meio com eles ajudando também né?

✓ Ser parteira - sua principal habilidade na ilha de Cotijuba:

- Sra Dalvina:... Fui vendo, outras parteira eu ia, ia por curiosidade NE. Aí eu digo é assim: naquele tempo, a gente esquentava a mulher, sentava na...virava a mulher de lado, sentava em cima, que diziam que é pra fechar né? e foi, foi...assim a gente foi e as outra. Fui aprendendo ai como era; aí tá, já era parteira comunitária; aí tá, aí foi o tempo que veio essa inscrição pra cá, pra unidade. Quanto ao parto em casa, a mãe nunca morreu, e nem a criança. Era assim, era em casa, mas...era na esteira, não tinha luva, era o algodão né?, não tinha que nem agora é...a vaselina, era a banha de galinha ou era amêndoas doce que a gente usava, quando eu vim pra cá. Já que fizeram a inscrição que eu fui chamada no posto de Saúde, aí comecei a fazer parto aí, mas eu não fez um parto por que não ia me arriscar, não tinha médico, mas a menina veio de pé, veio de pé a criança, quando ela veio me chamar, eu tava em casa, vieram me chamar. Eu fui pra lá, aí digo “olha filha quando dê a dor aí a gente coisa, (..)” aí veio só assim o calcanhar da criança, só o calcanhar né?... aí chamei a mãe dela, o marido dela e falei, que ali não dava pra fazer nada, tinha que levar pro outro lado, não tinha lancha, fomo num pô-pô-pô mesmo né?...
- [...] Veio uma criança de pé, né? Aí daí pra frente, aí quando a mulher teve um filho dentro de um caminhão da polícia, foi buscar, a mulher tava com dor, ..., vieram me buscar. Aí eu fui de novo pra lá, cortei o imbigio do muleque, tudo dentro do caminhão, ajetei tudo lá. Depois carreguemo pra casa do vizinho, o menino já ta rapaz já;
- A profissional Dalvina recebe menção honrosa da Prefeitura Municipal de Belém-PMB como reconhecimento pela sua profissão de PARTEIRA: *“Menção honrosa, prefeitura municipal de Belém, confere a Dona Dalvina de Almeida Brum, menção honrosa, em reconhecimento a incansável dedicação no desenvolvimento de sua missão, junto a cidade de Belém, em especial a ilha de Cotijuba e áreas adjacentes, contribuindo de forma imperativa na construção da metrópole da Amazônia”*.
- A Sra Dalvina acrescenta: Sobre o turismo na ilha - Olha a minha opinião é que aumentasse mais né? É por que quanto mais, mais resolveria o problema de renda. É mais renda pra gente...

As entrevistas semi estruturadas acerca do patrimônio da ilha e memória dos residentes, na sua maioria enfatizaram informações já apontadas no decorrer do estudo. No entanto é pertinente mencionar a ênfase dispensada ao turismo, citada por quatro dos cinco entrevistados, os quais sinalizaram-no como elemento catalisador da geração de renda dos comunitários. Outro tema destacado por dois dos entrevistados, foi o Ecomuseu da Amazônia, quando foi relatado a importância desse no que concerne ao trabalho com a natureza, com o dia-a-dia dos moradores, o aporte a produção de artesanatos, valorização da cultura, meio ambiente, etc.

Neste contexto, os entrevistados relataram suas memórias relacionadas a ilha. Para Priosti & Priosti (2013, p.122), citando Nietzsche, “O autor sustenta a hipótese de que a memória não é um atributo ou capacidade isolada de um indivíduo, mas uma construção social... um produto das pressões e violências sociais, assim, toda memória é memória social”. Neste sentido é pertinente dizer que a referida citação ratifica a colocação dos cinco questionados sobre a propositiva do tema, uma vez que, com exceção da jovem estudante, já nascida na ilha, os demais são oriundos de outros estados ou localidades vizinhas, e em seus relatos, deixaram claro que suas colocações são frutos de uma memória social, já que seus depoimentos têm origem em suas vivências individuais e coletivas, nas dificuldades e facilidades da vida.

Destarte os indagados sobre a história da ilha e suas próprias memórias, citaram a relevância da educação, que vem melhorando significativamente, especialmente nos últimos anos, bem como a importância dos fazeres e saberes da comunidade local,

conforme a parteira, a “vida aqui antes, era pescar, vender camarão, juntar bacurí, piquiá, criar galinha, criar porco, vender aqui para o pessoal, trocar por farinha, fazer farinha, etc”. Em consonância com o saudosismo das décadas de 70, 80 do século pasado, citado por dois dos inquiridos, a parte cultural “brincadeira de boi, brincadeira de carneiro, aquelas festas bonitaque eles faziam com música aquela coisa toda, uma simplicidade muito grande mas era válida pra nós, você entendeu?”, segundo o Sr Raimundo.

Aos fazeres e saberes pode-se acrescentar a significância dos partos realizados em casa pelas parteiras. Esse saber, “o parto”, vem se destacando nos últimos anos na ilha, inclusive sendo aprovado pela Unidade Municipal de Saúde-UMS, onde a profissional “parteira” tem assegurada a sua participação. É pertinente citar as lendas e brincadeiras de boi e de carneiro, referidas por alguns dos entrevistados, mas que infelizmente ficou apenas na memória, já que não existem mais. Vale ressaltar também, segundo os pesquisados, as festas simples e bonitas que aconteciam na ilha, mas muito importantes para os moradores locais. Foi ainda propalado pelos inquiridos a importância do Educandário Nogueira de Faria, quando estava em funcionamento, para a educação e os bons costumes dos adolescentes; assim como foi mencionado o ambiente natural saudável, onde a população ainda pode se alimentar de mariscos, frutas frescas.

Outros entrevistados destacaram a degradação ambiental por meio da retirada de areia e pedras, fatores que vêm contribuindo para a erosão costeira, conforme relata o ex - aluno do Educandário “tirou as pedras, tirou o calço da ilha, você entendeu? Aí a água vem e bate diretamente na ribanceira, e vai caindo, vai caindo, te tal maneira, que termina virando algumas árvores”. E ainda, foram enfatizados pelos arguidos outros temas significativos para a ilha, como o transporte desenvolvido a partir da década de 90, século passado, e o destaque para a doação de charretes e cavalos à comunidade local, pelo então prefeito Hélio Gueiros; a relevância da paisagem como patrimônio da ilha; a importância da relação estabelecida entre os moradores das comunidades; a preocupação com a transmissão de conhecimento entre gerações, dentre outros ítems.

Os dados coletados pelos entrevistados ratificam grande parte das informações identificadas nas pesquisas de campo e estudos realizados em acervos bibliográficos sobre os temas abordados, assim como valorizam os fazeres e saberes da comunidade participante desta pesquisa. Neste sentido, o montante de informações obtidas podem ser canalizadas para a estruturação deste estudo “Inventário e gestão de coleções”, onde a comunidade é protagonista desse processo. Logo, as informações, acrescidas aos resultados já adquiridos, pretendem responder ao objetivo geral e específicos deste estudo.

A pesquisa está fundamentada na análise dos dados conceituais, históricos, teóricos e na metodologia de cunho participativo, com vista à preservação, valorização, interação e transmissão de informações entre gerações, e ainda, na disseminação do conhecimento obtido a partir deste estudo. Verificando-se desta forma a possibilidade de contribuição para o inventário e estruturação de coleções ecomuseais a partir da identificação do patrimônio. E ainda, disponibilizar dados para uma possível implantação de um projeto sustentável, com base na valorização do patrimônio cultural local, para as comunidades da ilha de Cotijuba.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Averiguou-se a situação socioeconômica dos habitantes de Cotijuba. Neste sentido, foi observado que a população da ilha é composta em sua maioria de profissionais autônomos, que vivem com renda aproximada de um salário mínimo e de programas do governo federal. E mais, o sustento da comunidade local é originário principalmente de algumas atividades produtivas, comerciais e culturais, com destaque para a pesca, a agricultura e o extrativismo. No entanto, nas últimas décadas, segundo informações coletadas em campo, a ilha vem recebendo um número cada vez mais significativo de turistas, os quais visitam sobretudo as praias e algumas vezes percorrem trilhas. Neste contexto é importante sinalizar a presença de outras fontes de renda, as quais vêm se destacando nos últimos anos. Acrescente-se a estas, os roteiros comunitários de visitação, o artesanato com ênfase para a cestaria e cerâmica. A ilha se apresenta também como um promissor potencial ecoturístico, não só pelos importantes patrimônios históricos, culturais e naturais, mas também pela sua localização privilegiada. Entretanto, para que haja um melhor aproveitamento e não se desperdice esse potencial, o patrimônio histórico-cultural dessa microrregião, que se constitui em um importante papel na indução de renda de seus comunitários, torna-se necessário a montagem de uma infraestrutura de qualidade, bem como, a preservação e conservação desses espaços.

E continua a pesquisa, quanto à situação socioeconômica e cultural dos entrevistados: é relevante enfatizar as atividades desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia e o Movimento de Mulheres das ilhas de Belém-MMIB, os quais vêm contribuindo para a geração de renda dos comunitários, tendo como base a capacitação das comunidades para o turismo de base comunitária, por meio das relações de empoderamento e pertencimento, que permeiam a interação da comunidade com o seu próprio ambiente, onde as atividades desenvolvidas consideram a reafirmação e preservação da memória de um povo, com seu maior acervo e sua biodiversidade. E ainda, que o patrimônio é à base do desenvolvimento e os benefícios advêm dos cuidados e preservação das expressões culturais e ambientais de cada território.

Quanto ao segundo objetivo específico “Descrever o estado da arte dos objetos a serem pesquisados no inventário e gestão de coleções, nos museus e ecomuseus”. Este objetivo nos permitiu observar que o estado atual da resposta a esta indagação, acerca de inventários nos museus e ecomuseus, vem possibilitando a amplitude do conceito, ou ainda da construção de novos conceitos, novas configurações no que tange ao termo inventário. Este traz em sua essência, especialmente nos museus, a importância das coleções, não somente como a reunião de objetos, mas também, em última acepção, a mais aberta das que foram citadas, segundo alguns estudiosos, envolve não somente as coleções mais específicas, como as tradicionais dos museus, e também coleções de testemunhos da história oral, de memórias ou experimentos científicos. Enquanto que, nos ecomuseus, museus comunitários e afins, o objetivo do inventário não é a coleção, mas esta poderá ser a consequência da construção coletiva de conhecimentos, valorização da dialética entre os diversos segmentos sociais. A ênfase está no cidadão - detentor de conhecimento do patrimônio local, de referências culturais a serem sinalizadas.

Na área pesquisada foi constatado que o patrimônio cultural da ilha, o objeto inventariado, representa a união de três categorias:

- i. Ambiental, constituída pelo território, que compreende os elementos pertencentes à natureza, aos recursos naturais e ao meio ambiente;

- ii. Conhecimento, formado pelas técnicas e pelo saber fazer que conduzam à sobrevivência do homem em seu meio, incluindo-se costumes e crenças;
- iii. Bens culturais, compostos pelas coisas, artefatos e tudo o que resulta da utilização do patrimônio ambiental, por meio do conhecimento e do saber fazer. E que, a comunidade reproduz a história de vida de seus habitantes, dos ocupantes e não proprietários de seus espaços, já que são moradores de terras da União; representa a construção de seus espaços, relações sociais, espirituais, etc, colocação aplicada aos entrevistados deste estudo.

Os habitantes da ilha de Cotijuba, ao longo de suas vidas vêm construindo uma identidade em torno, principalmente, de:

- i. Suas ruínas históricas: a mais citada, Educandário Nogueira de Faria, seguida da Fazendinha e da Casa do ex Governador Zacarias de Assunção, dentre outros patrimônios;
- ii. Da cultura da água, esta associada à realidade da população pesquisada, onde suas histórias de vida, suas lendas, sua sobrevivência, seu lazer, são valorizados enquanto patrimônio cultural, tanto material, quanto imaterial.
- iii. E mais, é compreendido neste estudo a possibilidade de estruturação de um turismo sustentável na ilha, como uma alternativa que integra a valorização do patrimônio cultural ao desenvolvimento de ações de cunho participativo, com vista ao desenvolvimento humano sustentável.

Em harmonia com os fatores evidenciados, pode-se observar que, a comunidade do Território em estudo, assim como os gestores locais, já identifica seus acervos, suas necessidades. Em, e dando continuidade ao desenvolvimento de suas ações acerca da coleção ecomuseal, pressupõe uma tomada de consciência de potencialidades e fragilidades do patrimônio local, e então, tornar-se um instrumento de desenvolvimento social, educativo, cultural e ambiental para a comunidade de sua área de atuação. No entanto, as coleções ecomuseais ainda se encontram em processo de sinalização e reconhecimento pelos comunitários. De acordo com a vontade da comunidade envolvida no projeto Identificar e inventariar os elementos patrimoniais que permanecem na posse e uso da comunidade. As respostas a estes questionamentos vêm nos possibilitando acompanhar o processo de reconhecimento e valorização do patrimônio pelos comunitários.

As informações acerca dos bens patrimoniais no que concerne aos patrimônios reconhecidos, patrimônios perdidos e novos patrimônios e coleções de um ecomuseu, é um assunto ainda em processo pelos comunitários. Daí, a realização de oficinas, palestras informativas sobre os referidos temas, utilizando também para esse fim dados coletados em outras pesquisas já realizadas na área. Os patrimônios evidenciados pelos entrevistados foram selecionados por prioridade, a partir dos mais significativos no contexto social, na história de vida dos grupos, pela importância e transmissão de informações desses bens entre as gerações, e mais que isso, pela importância desses bens na constituição do patrimônio cultural da ilha. Desta forma, a metodologia utilizada neste estudo ensinou os comunitários de Cotijuba a identificar e inventariar seu próprio patrimônio, a reconhecer quais patrimônios permanecem na posse e uso da comunidade. Como exemplo, os saberes e fazeres, o modo de vida, incluindo as relações de vizinhanças, o modo de plantar a horta, fazer a cerâmica, de pescar e criar o peixe de cada comunitário, saberes específicos de cada um. Ao mesmo tempo, os habitantes aprendem a gerir o conhecimento, a controlar e a utilizar de forma responsável os

patrimônios histórico, culturais e ambientais que conhecem, fazendo deles a matéria-prima comum da comunidade.

Pretende-se, assim, incentivar a participação da comunidade na inventariação dos bens culturais de Cotijuba. A comunidade da ilha, por meio do Ecomuseu da Amazônia, vem sendo incentivada a identificar e inventariar seu patrimônio desde a sua criação em 2007, e de forma mais efetiva a partir de 2009, por meio da Exposição Estivas “Evento importante para a população das áreas do Ecomuseu porque marcou de forma sistematizada a identificação patrimonial desse Território, momento em que os participantes ousaram, narraram suas histórias, emprestaram seus objetos, suas imagens, se envolveram, contaram a história de seus patrimônios, principalmente daqueles que consideravam relevantes ao seu tempo, ao seu próprio contexto social”. Outra forma de incentivá-los foi à participação desses nos Diagnósticos Rápidos Participativos-DRP (2010) efetivados com as comunidades - instrumento em que a população identifica seu patrimônio de forma participativa, o qual permite coletar dados de maneira ágil e oportuna, diferenciando-se de formulários pré-estabelecidos que possam ser utilizados tendenciosamente. Esta proposta foi desenvolvida inicialmente por meio de oficinas com os habitantes representativos de cada comunidade trabalhada. Neste sentido, o DRP possibilita aos interessados desenvolverem o processo de coleta de dados, com base nos próprios conceitos e critérios de explicações construídos pelos próprios participantes.

Os resultados obtidos por meio desses instrumentos fazem parte dos dados que integram o inventário em processo na ilha de Cotijuba. Além destes, é significativo citar outras possibilidades de inventariar o patrimônio, sejam elas culturais ou naturais, materiais ou imateriais, ações realizadas (cursos, mini-cursos, oficinas, palestras..) via eixos (cultura, turismo de base comunitária, meio ambiente e cidadania) que vem acontecendo na Ilha. Os dados são coletados em consonância com as atividades desenvolvidas no território, acrescidas quando necessário de entrevistas, relato de protagonistas e atores sociais, participantes de projetos dessa microrregião, bem como, pela disponibilidade de informações e pesquisas realizadas por outras instituições públicas atuantes nas áreas deste Museu Território.

Um outro estímulo de inventariar os bens culturais da ilha são os Biomapas Comunitários (2009). Os biomapas surgiram da necessidade de identificar o patrimônio das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, o que culminou com resultados positivos, ensejando um replanejamento das ações desenvolvidas nesse Território. Desta forma, os biomapas desenvolvidos com a orientação dos técnicos do Ecomuseu da Amazônia e apoio dos comunitários, conhecedores da geografia de sua região, assim como de alguma habilidade gráfica, vêm contribuindo de forma significativa para o incentivo e a participação da comunidade na inventariação dos bens culturais da ilha de Cotijuba.

Importou, também, avaliar de forma qualitativa o impacto da intervenção/ações do Ecomuseu da Amazônia no redirecionamento dos modos de vida das comunidades. A equipe do Ecomuseu da Amazônia, mesmo antes de sua oficialização (2007), a partir de visitas nas comunidades da ilha, observou o modo de vida dos comunitários, seus anseios, suas prioridades. Então, em consonância com a solicitação e anuência da população local, foi realizado para trinta moradores, o primeiro Curso/Oficinas de Cerâmica e Gestão de Negócios para as comunidades da Ilha de Cotijuba (2006). O Curso decorreu devido a ocorrência de matéria prima abundante e rica em colorações, além da vontade dos comunitários em apreender o fazer da cerâmica, até então não existente na ilha, embora seja um ofício propalado com relevância na região amazônica. O Curso foi um sucesso, e a partir de então cerca de 50% dos participantes passaram a produzir esse artesanato. Atualmente o escoamento da produção contribui para a renda familiar dos participantes.

Entre os anos de 2006 e 2009 aconteceram inúmeros eventos, dentre eles a oficialização do Ecomuseu em 2007, e no ano seguinte (2008) os moradores, com o aporte do Ecomuseu, conseguiram junto a Prefeitura Municipal de Belém/Administração Distrital de Outeiro um espaço para escoamento da produção local na área urbana de Cotijuba. A equipe do Ecomuseu na ilha vai ao Encontro de novas parcerias, dentre elas, o Movimento de Mulheres das ilhas de Belém-MMIB, associação sem fins lucrativos atuante na ilha. O MMIB considera como uma de suas principais ações, a geração de renda e oportunidades para jovens e mulheres das ilhas de Cotijuba, Urubuóca, Jutuba, Ilha Nova, Paquetá e Ilha das Onças.

Os moradores passaram a realizar, em parceria com o Ecomuseu, outras ações, como: Diagnóstico do perfil sócioeconômico da ilha, Apoio a Organização da Associação dos Moradores de Poção, Auto de Natal com apresentação das pastorinhas e participação dos alunos de escolas públicas: estadual e municipal, Oficina de "Design da Natureza". Criação de peças decorativas natalinas utilizando recursos naturais, Oficina de Jóias em Cerâmica, Oficinas de Papel Artesanal, de Desenho e Pintura, para crianças, utilizando pigmentos naturais e laboratório de experimentação artística; Inventário Florístico para levantamento das espécies arbóreas nativas das áreas do Ecomuseu; Plantio de espécies nativas da ilha. Organiza a abertura da temporada de verão da Ilha de Cotijuba. Atrações: Desfile de moda, danças folclóricas e feira de artesanato nas Ruínas do Educandário Nogueira de Faria, um patrimônio histórico local.

Referidas ações motivaram os moradores da ilha a especializarem-se em seus saberes e fazeres, a buscarem novas propostas de capacitação em suas áreas específicas, e assim gerar renda e melhorar a autoestima dos envolvidos. Outro fator relevante que aconteceu após a inserção do Ecomuseu na ilha foram os cursos de educação patrimonial, os quais despertaram os habitantes para a identificação e valorização de seus próprios patrimônios, sejam eles naturais ou culturais. Após esse período é estabelecido oficialmente o "Patrimônio e Capacitação dos Autores do Desenvolvimento Local" oficialmente em desenvolvimento a partir de 2011- um Programa de Capacitação desenvolvido por meio de eixos temáticos: cultura, meio ambiente, turismo de base comunitária e cidadania, com o aporte da equipe do Ecomuseu da Amazônia e comunidades de suas áreas de atuação. O Programa ratifica as ações em execução e propõe novas ações, como a aquicultura sustentável, o roteiro patrimonial de visitação, pesquisa sobre a artesanaria naval-produção artesanal de canoas, os biomapas comunitários, para dar continuidade à identificação dos bens patrimoniais da ilha, dos modos de vida, relação cotidiana dos comunitários, dentre outras ações propostas. E mais, contribui como meio de desenvolvimento dos territórios e de melhoria do nível de vida das populações.

É importante sinalizar que a relevância dessas ações para as comunidades de Cotijuba, em consonância com a metodologia do Ecomuseu da Amazônia, além de enfatizar a união entre os moradores, vem contribuindo para a sensibilização dos comunitários a valorizarem de seus saberes e fazeres, a preservação dos recursos naturais e culturais, alternativas econômicas viáveis ao desenvolvimento sustentável da região. E ainda que, o estudo constatou um grau de conscientização e mudança de atitude, dos moradores e de algumas instituições e/ou organizações da ilha. Desta forma, acredita-se que o impacto da intervenção/ações do Ecomuseu da Amazônia, no redirecionamento dos modos de vida das comunidades da ilha de Cotijuba, vem acontecendo de forma transformadora e positiva.

O objetivo é possibilitar, através do inventário e gestão de coleções, instrumentos que viabilizem a sustentabilidade e gestão dos bens culturais pelas comunidades locais. O território pesquisado, a ilha de Cotijuba, reúne em seu espaço belas paisagens, riqueza de

fauna e flora e um significativo potencial ecoturístico, assim como dispõe, principalmente na parte rural da ilha, de uma produção agroecológica e extrativista, sendo esta uma das principais fontes de renda das comunidades. O surgimento de novas atividades com base em acervos já existentes na ilha, bem como na teoria dos eixos temáticos, vem conduzindo a população envolvida a preocupar-se com a valorização e gestão de seu próprio patrimônio. O Ecomuseu da Amazônia, considerando a diversidade do patrimônio cultural da ilha, enquanto proponente desse novo gerenciamento, a partir do Programa de Capacitação em execução por meio da metodologia dos eixos temáticos, viabiliza a possibilidade de convivência harmoniosa entre os elementos essenciais constituintes do Território Cotijuba, e os encaminha, como propositiva, a uma gestão de coleções compartilhada, condizente com a realidade local. De acordo com a vontade da comunidade envolvida no projeto, e dando continuidade ao desenvolvimento de suas ações acerca da coleção ecomuseal, pressupõe uma tomada de consciência das potencialidades e fragilidades do patrimônio local. E então, tornar-se um instrumento de desenvolvimento social, educativo, cultural e ambiental para a própria comunidade, se considerarmos que o inventário e gestão de coleções são instrumentos passíveis de sustentabilidade e gestão dos bens culturais, protagonizados pelas comunidades locais.

É concorrente afirmar que o sistema de informação em museus na ilha de Cotijuba é constituído de vários elementos, sejam eles: rios, praias, igarapés, furos, lagos, nascentes, florestas, Casa Zacarias de Assunção, Educandário Nogueira de Faria, Fazendinha, igrejas, Casa Família Saudável, Lendas, Rituais, Blocos carnavalescos, Movimento de Mulheres, Ecomuseu da Amazônia, cobras, formigas, sabiás, peixe tambacu, pessoas, benzedeiros, parteiras, raizeiras, posto de saúde, escolas, roteiros de visitas, o modo de pescar, o modo de fazer a cerâmica, o modo de tecer a palha/fazer o chapéu, o modo de benzer, o modo costurar, o modo de plantar, modo de conversar, de contar histórias, etc. Enfim, a diversidade de patrimônios naturais, culturais, históricos, os quais representam os bens culturais da ilha, que inicialmente vêm sendo identificados e valorizados pelos moradores, e por fim inventariados, em um segundo momento, e já começam a sinalizar para a estruturação das coleções ecomuseais.

Assim, a base de sustentação do inventário e gestão de coleções encontra-se fundamentalmente pautado nos princípios da sustentabilidade, da responsabilidade e do subsídio, os quais vêm sendo desenvolvidos a partir de um método que associa três tempos, o da informação teórica, desenvolvido por meio de oficinas ou mini-cursos em cada território, onde, “aprende-se a fazer e porque fazer”; *o do trabalho prático*, realizado por meio de projetos associados à vida cotidiana das comunidades, quando, “aprende-se fazendo”; e o do saber-estar, acontece através da participação convivial, nos eventos sociais, culturais e religiosos, visando a uma melhor coesão social entre as comunidades, bem como, a preservação do patrimônio natural e cultural como aporte para estudos e ou experiências similares.

Importa, no final da pesquisa encaminhar a análise destes questionamentos e conclusões para a pergunta estabelecida: qual o conhecimento que tem a comunidade da área pesquisada, no que tange ao inventário e gestão de coleções, como instrumentos facilitadores de valorização e apropriação responsável do patrimônio, para o estabelecimento de implantação de um projeto sustentável para ilha de Cotijuba?

O resultado desta investigação se torna viável porque trata de uma comunidade em consonância com os problemas de sua região, que vem buscando informações e soluções para seus questionamentos, bem como, vem sendo acompanhada e capacitada nos seus fazeres e saberes através da execução de projetos realizados na ilha, dentre eles o Ecomuseu da Amazônia. Finalmente a pesquisa concluiu que o Objetivo Geral

“Estabelecer a partir do sistema de informação em museus: inventário e gestão de coleções, onde a comunidade é um dos atores integrantes do processo, instrumentos que possibilitem a valorização e a apropriação responsável do patrimônio no Ecomuseu da Amazônia/ilha de Cotijuba, Estado do Pará-BR”, é passível de realização, uma vez que os dados identificados e analisados neste estudo podem ser considerados como base de um projeto de gestão e sustentabilidade do patrimônio cultural, concebidos pela própria comunidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUDO, P. A. (2007). *Encontro sobre uma Nova Cultura da Água*, Uruguai-PY.
- ALBERTI, V. (2005). *Manual de História Oral*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: FGV.
- AMARAL, A. J. P. (1992). *Registro Histórico da Ilha de Cotijuba: uma análise da Colônia Reformatória de Cotijuba*. Belém.
- BINETTE, R. (1992). *Um museu cidadão e seus vínculos com a comunidade: o caso do Ecomuseu do Fier Monde*. Montreal, Canadá, 6.p.
- BOFF, L. (2012). *Sustentabilidade: O que é O que não é*. Petrópolis-RJ: Vozes, 200p.
- BRUM, D. de A. (2014). *Parteira, moradora da ilha de Cotijuba*. Entrevista concedida a autora deste estudo - sobre a própria história do entrevistado, ou memória, e mais, a memória da ilha de Cotijuba, em dezembro/2014.
- BUENO, F.S. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Brasília: FAE, 1995, p. 532.
- CAMPELO, Álvaro (2013). *A Paisagem. Introdução a uma gramática do espaço*. Braga / Guimarães: UMDGEO – Departamento de Geografia da Universidade do Minho.
- CÂNDIDO, M.M.D. (2013). *Gestão de Museus, um desafio Contemporâneo*. 2ª Ed. – Porto Alegre-RS, 240 p.
- CARTA DE BELÉM (2007). *Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia- Construção de documento final, consultivo e orientador de políticas públicas para a educação e meio ambiente*. Belém-PA-BR.
- CARTA DE CARATATEUA (2012). *IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC - Documento final redigido com base no Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local, um Projeto do Ecomuseu da Amazônia*. Belém-PA-BR.
- CARVALHO, A.V; FUNARI, P.P. (2006). O Direito à Diversidade: patrimônio e quilombo de palmares - Patrimônio como construção: do ideal nacional à questão da diversidade. *Revista Internacional Direito e Cidadania*. Santa Catarina, vol.8.
- CASTRO, E.M.R. (Org.). (2004). *Relatório do Projeto MEGAM: Estudo das Mudanças Socioambientais no Estuário Amazônico*. Belém: UFPA/NAEA.
- CHAGAS, M. DE S. (2009). *A Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 258p- (Coleção Museu, memória e cidadania).
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Dirs.) (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin, Secretaria de Estado da Cultura.

ENGEL, G. I. (2000). *Educar em Revista*. Vol. 16. Pesquisa-ação.

FERREIRA, A.B.H. (2001). *O Minidicionário da Língua Portuguesa*. RJ: Ed. Nova Fronteira.

FRANÇA JUNIOR, R. de M. (2011). *Valoração Territorial Local: estudo de caso do Ecomuseu da Amazônia na ilha de Cotijuba, município de Belém, PA-BR*. Mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté-SP.

GERALDES, E. (2001). *Patrimônio ambiental urbano: atualizando o conceito para um turismo urbano possível*. São Paulo- SP: Universidade Paulista – Unip.

GUERRA, G. A. D. (org). (2007). *Efeitos da Ocupação Urbana no Extrativismo Vegetal da Ilha de Cotijuba*. Belém: Universidade da Amazônia-UNAMA, 86p.

LEFF, E. (2001). *Saber Ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 494 p.

MARTINS, M.T.R.; ADERNE L. (2007). *Projeto Ecomuseu da Amazônia*. Belém, Pará: 55 p.

MARTINS, M.T. R (Org.). (2011). *Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local*. Belém, Pará, 22p.

_____ (Org.). (2012). *Ecomuseu da Amazônia. Atas do IV EIEMC em CDROM*. Belém, 329p. (Vol 1-Atas (apresentação, programação, conferência, palestras, mesas redondas, documentos apresentados às plenárias, documentos de base) e (Vol 2-Narrativas populares, oficinas e pôsteres), 61 p.

_____ (2012). *Ecomuseu da Amazônia: a prática da partilha do patrimônio*. Belém-PA-BR, 9 p;

_____ (2012). *Ecomuseu da Amazônia: uma experiência de desenvolvimento humano sustentável na Região Amazônica*. In 23^a General Conference of International Council of Museums- ICOM/ICR Annual Conference - RJ-BR: 2012, 9 p.

_____ (2012). *Proposta de um Turismo Sustentável para a Comunidade da Ilha de Cotijuba, município de Belém, Estado do Pará - Brasil, a partir da Valorização do Patrimônio Cultural*, 260 f. Tese de Doutorado (Gestão Integrada de Recursos Naturais).

MARTINS, M.T.R; CAMPELO, Á. (2016). *Ecomuseu da Amazônia: An Instrument of Appreciation and Appropriation Responsible By Heritage*. In 24^a General Conference of International Council of Museums-ICOM/Fórum de Ecomuseus e Museus Comunitários - Milão-Itália.

MARTINS, M.T.R; VARINE-BOHAN, H. de (2012). *A Capacitação - práticas e tentativas de teorização*. IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC, Belém-PA-BR.

MASCARENHAS, B. M., GUIMARÃES, D.G., BRÍGIDA, M.S.,NETO, H. A. G., Y PEREIRA, J.D.B. (2009). “Uma área endêmica de malária em Belém”, *Acta Amaz. vol.39 N° 2: Estudo de anofelinos antropofílicos peridomiciliares da Praia da Saudade na Ilha de Cotijuba*. Pará, Manaus-Amazonas.

MELO, O. do C. (2008). *A comunidade e a construção do lugar na Ilha de Cotijuba*. Programa de Pós- graduação em Geografia - PPGeo/Ufpa. Escola de Governo do Estado do Pará-EGPA. Belém.

MICHEL, T. (2000). *Metodologia da Pesquisa – Ação*. São Paulo: Cortez, 108p.

MILLER, K.R. (1997). *Em Busca de um Novo Equilíbrio: diretrizes para aumentar as oportunidades de conservação da biodiversidade por meio do manejo biorregional*. Brasília: IBAMA / MMA, 94 p.

MONTEIRO, B. (2006). *História do Pará*, edição 2006, Editora Amazônia, Belém-PA, 264p.

MOREIRA, E. (1989). *Obras Reunidas*, 8v. Belém-PA: CEJUP, 174p.

OLIVEIRA, E. P. de (2009). *Concepção e implantação do Ecomuseu da Amazônia: O Estudo de suas possibilidades a partir do distrito de Icoaraci (Paracuri e Orla)*, 112f.;il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) - Universidade da Amazônia - Unama, Belém-PA-BR.

OLIVEIRA, Z. B. de. (2005). *Encontro por uma nova cultura da água na América Latina-Declaração de Fortaleza*. Fortaleza-CE.

PERUZZO, C.M.K; VOLPATO, M. de O. (2002). *Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença*: 14p.

PRIOSTI, O. (2003). *Inventário Participativo em Santa Cruz: uma experiência pedagógica de patrimônio compartilhado*, Noph Ecomuseu de Santa Cruz, Rio de Janeiro: 11p.

PRIOSTI, O. (Org.) (2014). *A Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários e a Museologia Social*. Santa Cruz, Rio de Janeiro: 18p.

PRIOSTI & PRIOSTI O e W. (2013). *Ecomuseu, Memória e Comunidade: Museologia da Libertação e piracema cultural no Ecomuseu de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Camelo Comunicação, 228p.

SAMPIERI, R.H; COLLADO, C.F; LUCIO, P.B. (2008). *Metodologia de la Investigación*. 4ª edição, The Mcgraw-Hill/Interamericanas Editores, S. A. de C. V. México 706-719p.

SAMPIERI, R.H. (org.). (2006). *Metodologia de Pesquisa. Tradução do original em espanhol Metodologia de la Investigación*. 3ª edição em espanhol por The McGraw-Hill/Interamericanas Editores, S. A. de C. V, uma subsidiária da The McGraw-Hill Companies, Inc. São Paulo-SP, 583p.

SANTANA, R.M. (2002). *Território e Gênero de Vida de uma população ribeirinha na Ilha de Cotijuba*: Belém-Pará. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia da UFPA.

SILVA, L.C.M. (2003). *Lazer Turismo e Agricultura entre Populações Tradicionais na Ilha de Cotijuba*. Belém: Pará.

SILVA, S. B. (2007). *Diagnóstico da Região Insular do Município de Belém*. Prefeitura Municipal de Belém-Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão/Fundação de Apoio a Pesquisa, Extensão e Ensino em Ciências Agrárias-FUNPEA. Belém, 139 p.

VARINE-BOHAN, H de (2012). Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. *As Raízes do Futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre-RS: Medianiz, 256p.

_____ (2009). *Relatório de Missão 1*: consultoria realizada nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia - Ilhas de Caratateua e Cotijuba e Distrito de Icoaraci. Belém – PA, 19p.

_____ (2010). *Relatório de Missão 2*: consultoria realizada nas áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia - Ilhas de Caratateua, Mosqueiro e Distrito de Icoaraci. Belém – PA, 15p.

_____ (2011). *Relatório de Missão 3*: Consultoria na organização, estruturação e áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia, pré-organização do IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC/2012. Belém-PA, 14p.

Outra Bibliografia:

1. Legislação:

BELÉM, PREFEITURA MUNICIPAL. *Lei Nº 7682/94, Plano Diretor do Município de Belém*, Câmara Municipal de Belém. Dispõe sobre a Regionalização Administrativa do Município de Belém, delimitando os respectivos espaços territoriais dos Distritos Administrativos e dá outras providências, 1994.

BELÉM, PREFEITURA MUNICIPAL. *Lei Nº 7806/96, Plano Diretor do Município de Belém*, Câmara Municipal de Belém. Delimita as áreas que compõem os bairros de Belém, revoga a Lei Nº 7.245/84, e dá outras providências, 1996.

BELÉM, PREFEITURA MUNICIPAL. *Lei Nº 8.655/08, Plano Diretor do Município de Belém*, Câmara Municipal de Belém. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências, 2008.

BRASIL. Lei Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Brasil. Ministério do Meio Ambiente/IBAMA (1981). *Política Nacional do Meio Ambiente-PNMA, Lei Nº 6.938*. Brasília: MMA.

2. Periódicos

JORNAL AMAZÔNIA. *Ecomuseu em Cotijuba*. Coluna/seção: Gerais, Belém-Pará, 09.06.2007.

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ. *Nasce em Belém o Ecomuseu da Amazônia*. Coluna/Seção-Hélio Gueiros, Belém-Pará, 10.06.2007.

JORNAL O LIBERAL. *Ecomuseu da Amazônia é lançado em Belém*. Coluna/Seção-Cidades, Belém-Pará, 09.06.2007.

JORNAL O LIBERAL. *Ecomuseu inspira ilha de Cotijuba*. Coluna/seção: Magazine-Isaac Soares, Belém-Pará, 11.06.2007.

JORNAL O LIBERAL. *Escola Bosque se prepara para Encontro Internacional de Ecomuseus*. Coluna/Atualidades. Belém-Pará, 07.11.2011.

JORNAL - O QUARTEIRÃO: Museu Comunitário - Implantação do Ecomuseu da Amazônia (pags: 10 e 11): RJ. Ed. Nº 72/2007.

REVISTA MUSEU - Hugues de Varine-Bohan profere palestra sobre Ecomuseus/Ecomuseu da Amazônia: Belém-PA, 05.11.2009.

JORNAL O LIBERAL: Revista Amazônia Viva, “Sentir-se parte de um museu”, reportagem sobre o Ecomuseu da Amazônia, matéria com Varine-Bohan, Hugues de (pags: 48 e 49). Edição Nº 4, Belém-PA, 2011.

JORNAL O QUARTEIRÃO: Museu Comunitário - Ecomuseu da Amazônia - Capital da Ecomuseologia Comunitária - IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC, Belém-PA (pags: 8, 9 e 10). RJ. Ed. Nº 97, 2012.

3. Documentos de Instituições Públicas

BELÉM, PREFEITURA MUNICIPAL: *Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável no Município de Belém-PA*, 1995/1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. Plano Nacional do Turismo: uma viagem de inclusão, Brasília: MTUR, 2007/2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Populacional, 2000. Acesso em: 22/08/2008. <<http://www.ibge.gov.br>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Populacional, 1991.

SECRETARIA MUNICIPAL DE COORDENAÇÃO GERAL DE PLANEJAMENTO E GESTÃO DE BELÉM: Anuário Estatístico do Município de Belém, V. 12, 2008.

Entrevistas concedidas a autora desta pesquisa

1- Cinco técnicos do Ecomuseu da Amazônia:

COSTA, D. F da, Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local/Aquicultura Sustentável na Região insular de Belém, Pará. Entrevista concedida em novembro/2015.

HUFFNER, J. Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local/Roteiro Patrimonial de Visitação-Comunidades da Fazendinha e Poção/ilha de Cotijuba, Belém, Pará. Entrevista concedida em maio/2016.

LIMA, W. Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local/Projeto Beneficiamento e Resgate dos Resíduos Sólidos e Naturais. Belém, Pará. Entrevista concedida em novembro/2015.

RODRIGUES, J. G. Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local/Ecosítios Produtivos na Região Insular de Belém, Pará. Entrevista concedida em maio/2015.

PACHECO, V. DE A. Ecomuseu da Amazônia: Programa de Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local/O Museu das Tradições Comunitárias, Os biomapas, Artesania Naval e o Manual de Canoas. Belém, Pará. Entrevista concedida em junho/2015.

2- Cinco comunitários, moradores da ilha de Cotijuba, área de atuação do Ecomuseu da Amazônia:

MESQUITA, A. DE M. Agro-extrativista, líder comunitária da Comunidade do Poção-ilha de Cotijuba. Entrevista concedida sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, em novembro/2014.

SANTOS, R. dos. Aposentado, morador da ilha de Cotijuba. Entrevista concedida a autora deste estudo - sobre a própria história do entrevistado, ou memória, e mais, a memória da ilha de Cotijuba, em fevereiro/2015.

SILVA, E. C. M. DA S. Jovem estudante de ensino médio, neta de Dona Antônia, residente na ilha de Cotijuba. Entrevista concedida a autora deste estudo - sobre a própria história do entrevistado, ou memória, e mais, a memória da ilha de Cotijuba, em dezembro/2014.

PEREIRA, O. Morador da ilha, ex Sub-Agente da Administração da ilha de Cotijuba. Entrevista concedida a autora deste estudo - sobre a própria história do entrevistado, ou memória, e mais, a memória da ilha de Cotijuba, em janeiro/2015.

Ecomuseu da Amazônia: músicas

O CARIMBÓ DO NAZARENO (2012). *Um trabalho desenvolvido pelas Comunidades, em parceria com o Ecomuseu da Amazônia*. Ilha de Mosqueiro, Belém-PA;

CARIMBÓ ZÉ DO PARÁ (2014). *Um trabalho desenvolvido pelas Comunidades, em parceria com o Ecomuseu da Amazônia*. Ilha de Caratateua, Belém-PA.

Ecomuseu da Amazônia: Vídeos e reportagens

IBRAM - Pontos de Memória: Evento Teia da Memória (2009). *Vídeo/Mesa Redonda - participação do Ecomuseu da Amazônia/relatos de experiências das comunidades de sua área de atuação*. Salvador - BA;

IV EIEMC: Vídeo Institucional (2012) – *Áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia*, Belém-PA;

ECOMUSEU DA AMAZÔNIA (2013) - Vídeo: Depoimento dos Saberes e Fazeres das Comunidades das ilhas de Cotijuba e Mosqueiro, Belém-PA;

CERQUEIRA, R. S. *Ateliê do Jornalismo e Ecomuseu da Amazônia (2013) - Produção de vídeos das áreas de atuação do Ecomuseu da Amazônia*, Belém-PA;

ECOMUSEU DA AMAZÔNIA: CASA DE FARINHA (2015) - *participação de alunos e comunidades. Apoio - Prefeitura Municipal de Belém-PMB. Ilha de Caratateua-Belém-PA;*

ECOMUSEU DA AMAZÔNIA: *Depoimento das comunidades de suas áreas de abrangência* (2015). Produção - Prefeitura Municipal de Belém-PMB. Ilha de Caratateua.

Ecomuseu da Amazônia: reportagens - Tvs

TV CULTURA: Entrevista com Varine-Bohan (2011), *sobre conceitos, métodos...dos ecomuseus, uma contribuição para a divulgação do IV EIEMC*, realizado pelo Ecomuseu da Amazônia, Belém-PA;

TV CULTURA: PROJETO SEMENTES (2013). *Ação “Cerâmica do Poço” pela Sra Antônia Mesquita-Comunidade do Poço-Ilha de Cotijuba-Belém-PA;*

TV RECORD: (2013) - *Reportagem sobre o Ecomuseu da Amazônia - com artesãos de suas áreas de abrangência*. Belém-PA;

TV RECORD: Programa Ecorecord (2013) - *reportagem sobre o Ecomuseu da Amazônia - conceitos e projetos de seu Território*. Belém-PA.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
 PÓS-DOCTORAMENTO EM MUSEOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO
 LINHA DE INVESTIGAÇÃO-SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS
 INVENTÁRIO E GESTÃO DE COLEÇÕES
 INSTRUMENTOS DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO RESPONSÁVEL
 DO PATRIMÔNIO NO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA
 ILHA DE COTIJUBA-PA-BR
 APÊNDICES

PESQUISA DE CAMPO

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA DE CAMPO

- Aplicação de (10) dez questionários aos comunitários da ilha.

Os questionários foram aplicados no período de novembro/2014 e fevereiro/2015. Teve como objetivo a coleta de dados dos diversos segmentos das comunidades da ilha de Cotijuba para serem utilizados em análise de modelo misto com predominância qualitativa, por meio da pesquisa denominada “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”. A ilha faz parte de um Sub Distrito da Administração Regional de Outeiro-AROUT, região insular do município de Belém. O resultado obtido contribuirá para o levantamento das potencialidades do território pesquisado, visando à implantação de um Projeto Sustentável para as comunidades da ilha de Cotijuba, a partir da valorização e apropriação responsável do patrimônio cultural local.

I – Registre suas informações pessoais:

1. Nome: _____ Procedência: _____
2. Sexo: masculino () feminino (); Quanto tempo reside na ilha: _____
3. Faixa etária: até 21 anos (); 22-40 (); 41-50 (); 51-60() 61 em diante ();
4. Escolaridade: () Fundamental () Médio () Superior () Pós Graduação
5. Profissão: _____ Há quanto tempo mora na ilha: _____
6. Endereço: _____

II. Informações acerca do objeto de estudo- ilha de Cotijuba - respostas múltiplas:

7- Em sua opinião quais são os principais atrativos da ilha?

8 - Relacionar a situação (problema) que o Sr (a) considera mais preocupante para o desenvolvimento social da ilha:

9 - A partir da tabela seguinte, registre a sua opinião sobre o patrimônio da ilha:

1. Patrimônios reconhecidos pela comunidade	
2. Patrimônios perdidos	
3. Novos patrimônios	

10 - Para o Sr (a), o que significa uma coleção ecomuseal?

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir, no anexo desta pesquisa. Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
 PÓS-DOCTORAMENTO EM MUSEOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO
 LINHA DE INVESTIGAÇÃO-SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS
 INVENTÁRIO E GESTÃO DE COLEÇÕES
 INSTRUMENTOS DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO RESPONSÁVEL
 DO PATRIMÔNIO NO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA
 ILHA DE COTIJUBA-PA-BR
 PESQUISA DE CAMPO

APÊNDICE B: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.

- Realização de (05) cinco entrevistas aos comunitários da ilha.

APRESENTAÇÃO (Esta parte é comum aos cinco entrevistados)

Trata-se de uma Entrevista semiestruturada e destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”. As entrevistas foram realizadas no período de novembro/2014 e fevereiro/2015 seguiu um roteiro de perguntas pré-estabelecido, sujeito a alterações, de acordo com o estabelecimento do diálogo. Os selecionados para a entrevista foram apontados pelos próprios moradores, são pessoas detentoras de ilibado conhecimento sobre suas próprias histórias ou suas memórias, e sobre a ilha de Cotijuba.

Este estudo se encontra em processo por Maria Terezinha R. Martins e faz parte do Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal. Participaram desse momento a autora da pesquisa, um profissional da área de turismo do Projeto Ecomuseu da Amazônia, mais a comunidade entrevistada. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pelos entrevistados, será utilizado nas reflexões e argumentação deste estudo e posteriormente será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

ENTREVISTA(S)

- Entrevistado(a): Contato: Tel.;
- Agendamento: Horário: Local da entrevista:
- 1- Identificação: Nome, brasileiro, nascido (a) em ... (Estado, cidade, bairro, estado civil), residente em (endereço), profissão atual, filhos?
 - 2- Sua família é originária da ilha de Cotijuba? Fale sobre isso.
 - 3 - Fale de sua relação com a comunidade do (a) /ilha de Cotijuba.
 - 4 - Como é morar na Comunidade do....., ilha de Cotijuba?
 - 5 - Você faz parte de alguma associação/instituição? Caso positivo, como surgiu a ideia de participar dessa associação e ou instituição? Quando? Por quê?
 - 6 - Caso a resposta do item seis (6) seja positivo. Que relação você observa entre.....e a comunidade local?
 - 7 - Fale sobre os seguintes itens na ilha de Cotijuba: Educação; Cultura; Meio Ambiente; Saúde; Turismo e patrimônio:
 - 8 - Alguma experiência que gostaria de contar.
 - 9 - Finalização da entrevista/Agradecimentos.

APÊNDICE B1: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Sr^a Antônia de Maria Mesquita, líder comunitária da Comunidade do Poção-ilha de Cotijuba.

Tema: Informações gerais sobre sua própria história ou memória. E mais, a memória da ilha de Cotijuba.

Pesquisadora: Hoje, dia 12 de novembro de 2014, estamos coletando dados sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, localizada na área metropolitana de Belém, especificamente os que residem a mais tempo na ilha ou detêm conhecimento sobre a história local. Essa entrevista destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”, em processo por Maria Terezinha R. Martins Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal.

Participaram deste momento a autora, um profissional da área de turismo do Ecomuseu da Amazônia e a Sra. Antônia de Maria Mesquita. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pela entrevistada, será utilizado nas reflexões e na argumentação desta pesquisa e depois será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir no anexo desta pesquisa, sua entrevista, caso haja possibilidade.

Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

APÊNDICE B2: ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

2. Elen Cristina Mesquita da Silva, estudante, moradora da ilha de Cotijuba.

Tema: Informações gerais sobre sua própria história ou memória. E mais, a memória da ilha de Cotijuba.

Pesquisadora: Hoje, dia 14 de dezembro de 2014, estamos coletando dados sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, localizada na área metropolitana de Belém, especificamente os que residem a mais tempo na ilha ou detêm conhecimento sobre a história local. Essa entrevista destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”. em processo por Maria Terezinha R. Martins Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal.

Participaram deste momento a autora, um profissional da área de turismo do Ecomuseu da Amazônia e a Srta. Elen Cristina Mesquita da Silva. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pela entrevistada, será utilizado nas reflexões e na argumentação desta pesquisa e depois será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir no anexo desta pesquisa, sua entrevista, caso haja possibilidade.

Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

APÊNDICE B3: ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

3. Dalvina de Almeida Brum, moradora da ilha de Cotijuba.

Tema: Informações gerais sobre sua própria história ou memória. E mais, a memória da ilha de Cotijuba.

Pesquisadora: Hoje, dia 16 de dezembro de 2014, estamos coletando dados sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, localizada na área metropolitana de Belém, especificamente os que residem a mais tempo na ilha ou detêm conhecimento sobre a história local. Essa entrevista destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”. em processo por Maria Terezinha R. Martins Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal.

Participaram deste momento a autora, um profissional da área de turismo do Ecomuseu da Amazônia e a Sra. Dalvina de Almeida Brum. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pela entrevistada, será utilizado nas reflexões e na argumentação desta pesquisa e depois será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir no anexo desta pesquisa, sua entrevista, caso haja possibilidade.

Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

APÊNDICE B4: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

4: Sr. Otoniel Pereira, morador da ilha, ex Sub-Agente da Administração da ilha de Cotijuba, Sub-Distrito da Administração Regional de Outeiro-AROUT

Tema: Informações gerais sobre sua própria história ou memória. E mais, a memória da ilha de Cotijuba.

Pesquisadora: Hoje, dia 20 de janeiro de 2015, estamos coletando dados sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, localizada na área metropolitana de Belém, especificamente os que residem a mais tempo na ilha ou detêm conhecimento sobre a história local. Essa entrevista destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”. em processo por Maria Terezinha R. Martins Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal.

Participaram deste momento a autora, um profissional da área de turismo do Ecomuseu da Amazônia e o Sr. Otoniel Pereira. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pela entrevistada, será utilizado nas reflexões e na argumentação desta pesquisa e depois será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir no anexo desta pesquisa, sua entrevista, caso haja possibilidade.

Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

APÊNDICE B5: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

5. Sr. Raimundo dos Santos, morador da ilha de Cotijuba.

Tema: Informações gerais sobre sua própria história ou memória. E mais, a memória da ilha de Cotijuba.

Pesquisadora: Hoje, dia 9 de fevereiro de 2015, estamos coletando dados sobre a memória de moradores da ilha de Cotijuba, localizada na área metropolitana de Belém, especificamente os que residem a mais tempo na ilha ou detêm conhecimento sobre a história local. Essa entrevista destina-se a contribuir para a reflexão da pesquisa “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”, em processo por Maria Terezinha R. Martins Programa de Pós-doutoramento em Museologia e Documentação, Linha de investigação-Sistemas de Informação em Museus: Inventário e Gestão de Coleções da Universidade Fernando Pessoa-Porto-Portugal.

Participaram deste momento a autora, um profissional da área de turismo do Ecomuseu da Amazônia e o Sr. Raimundo dos Santos. O conteúdo desta coleta, devidamente cedido e autorizado pela entrevistada, será utilizado nas reflexões e na argumentação desta pesquisa e depois será arquivado como acervo do Ecomuseu da Amazônia, para fins de pesquisa.

OBS: Se possível, gostaria de obter sua autorização para inserir no anexo desta pesquisa, sua entrevista, caso haja possibilidade.

Obrigada! Terezinha Resende (Pós-doutoranda em “Inventário e Gestão de Coleções: Instrumento de Valorização e Apropriação Responsável do Patrimônio no Ecomuseu da Amazônia-Ilha de Cotijuba-Belém-PA/BR”).

ANEXOS

Anexo A - Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia

Realização: Prefeitura Municipal de Belém/Secretaria Municipal de Educação/Ecomuseu da Amazônia

Local: Belém do Pará/BR

Período: 08 a 10.06.2007

Documento produzido e aprovado no Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia: Carta de Belém

Os participantes do Seminário de Implantação do Ecomuseu da Amazônia, realizado em Belém, no período de 08 a 10 de junho de 2007, fundamentados nas experiências pioneiras nacionais e internacionais de museus comunitários e ecomuseus que reforçam e convalidam a militância da Nova Museologia e as Declarações de Santiago do Chile (1972), Québec (1984) e Caracas (1992), em apoio aos movimentos das populações e comunidades locais,

CONSIDERANDO QUE:

- Os direitos à diferença, à singularidade, às especificidades, às pluralidades, à autodeterminação, ao pertencimento e à fraternidade, devem ser reconhecidos e respeitados como patrimônio universal da humanidade e de cada comunidade como garantia da diversidade dos processos museológicos comunitários e da autonomia de ações segundo objetivos e funções diferenciados;
- Os habitantes de uma comunidade, de uma aldeia, vilarejo, bairro ou cidade, construtores, criadores, herdeiros e defensores das culturas, compreendidas como bem comum que integram as comunidades ao seu patrimônio e ao seu território, são legítimos detentores e proprietários desses bens;
- A esses mesmos habitantes compete interpretá-las e valorizá-las, ancorados no sentido de pertencimento e de empoderamento e ao poder público, nas esferas municipal, estadual e federal, compete apoiar e garantir as iniciativas populares de valorização da cultura e do patrimônio;
- Os habitantes das comunidades, na condição de mediadores estratégicos da cultura e do patrimônio, têm direito à formação no campo da museologia, da gestão do patrimônio e das diversas áreas do conhecimento, visando à construção da sustentabilidade local e global;
- As populações e comunidades têm o direito de participação direta nas iniciativas de proteção, conservação e preservação de seu patrimônio integral;
- Os efeitos do turismo predatório resultam em sérios prejuízos às comunidades e ao meio ambiente;

- O uso de metodologias adequadas à realidade de cada comunidade na proteção, conservação e preservação do seu patrimônio cultural e natural, por meio do desenvolvimento de museologias e museografias específicas, deve ser inteiramente respeitado;

PROPÕEM:

- Estimular o desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais para o planejamento de ações integradas que respeitem e contribuam para a conservação do patrimônio natural e cultural;

- Incentivar a participação das comunidades na formulação e implementação de políticas públicas de curto, médio e longo prazos, bem como, nos processos de arranjos produtivos sustentáveis e outros projetos de geração de trabalho e renda;

- Contribuir para a superação do analfabetismo em todas as suas formas e garantir o acesso democrático ao processo de escolaridade;

- Contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas visando a atenção integral às famílias da região amazônica;

- Garantir que os ecomuseus, museus de território, museus comunitários e outras formas museais sejam regidos por princípios democráticos que possibilitem o exercício da cidadania;

- Defender o direito à produção e acesso ao conhecimento e à informação, por meio do trabalho permanente e do desenvolvimento da consciência crítica;

- Garantir a articulação com atores e instituições para o cumprimento das propostas acordadas neste documento.

Belém, 10 de junho de 2007.

Anexo B - IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários-IV EIEMC
Tema: Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local
Realização: Prefeitura Municipal de Belém/ Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe
Moreira/Ecomuseu da Amazônia
Local: Ilha de Caratateua – Belém-PA/BR
Período: 12 a 16.06.2012

Documento produzido e aprovado no IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus
Comunitários: Carta de Caratateua

Considerando que:

- a) ao reunirmos para o IV EIEMC – IV Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários – protagonistas, responsáveis, participantes, estudiosos e simpatizantes de iniciativas brasileiras e estrangeiras consolidadas e/ ou embrionárias para discutir “Patrimônio e Capacitação dos Atores do Desenvolvimento Local”, formalizamos a reflexão sobre a ressignificação que damos a esse patrimônio e a sua apropriação;
- b) as comunidades presentes ou representadas no IV EIEMC, ao liberarem suas reivindicações e suas demandas, exercem seu direito de livre expressão e cidadania;
- c) o encontro entre os praticantes e os pensadores da museologia comunitária suscita a importância de uma responsabilização cada vez mais crítica de nossas ações como comunidade;
- d) a herança da Mesa de Santiago do Chile traçou, ao longo de 40 anos, uma trajetória concreta da evolução do conceito de patrimônio, com marcas deixadas pelas múltiplas iniciativas que se propagam em todos os quadrantes do mundo museal e que por isso a sua gestão tem que ser por e para a comunidade;
- e) o patrimônio é reconhecido política e culturalmente na sua diversidade e que a paisagem é a síntese da interação entre as comunidades e esse patrimônio ;
- e) o patrimônio é vivido e interpretado pelas comunidades como um símbolo de pertencimento e um recurso para afirmar e desenvolver o local onde vivem, e pode ser criativamente usado como gerador de trabalho e rendas, aproveitando e valorizando saberes e fazeres como cultura endógena , seja considerada individual ou cooperativamente, com direito à inovação (a capacidade da comunidade de inventar seus projetos);
- f) o fomento e o apoio às iniciativas museológicas comunitárias podem estimular a participação e a organização das comunidades, desenvolver talentos e lideranças, sondar e aproveitar aptidões e, sobretudo favorecer a criação de microempresas e cooperativas;
- g) o turismo de base comunitária , quando enraizado na cultura viva local, valoriza o patrimônio e promove o desenvolvimento local;
- h) a capacitação dos atores do desenvolvimento local é tratada como estratégia de empoderamento das comunidades para se reconhecer e se valorizar como atores do desenvolvimento local e que não pode haver empoderamento sem a capacitação desses atores;
- j) o conceito de coleção ecomuseal¹ entendido como o conjunto dos patrimônios naturais e culturais, materiais e imateriais das comunidades contempla e amplia a noção de museu

¹ Expressão proposta por René Binette (Museu do Fier Monde, Montréal)

que *a priori* pressupõe coleção de bens e assim elimina o desconforto e a crítica aos ecomuseus/museus comunitários antes erroneamente interpretados como museus sem coleções:

k) o “saber cuidar” é a mola mestra da capacitação dos atores com a qual se tornam capazes de fazer escolhas e tomar decisões, ou seja, se capacitam também para a ação, para serem sujeitos históricos;

l) o enraizamento das comunidades em seus espaços de vida se dá também com a capacitação dos atores, favorecendo conseqüentemente a ação consciente, autônoma e responsável;

m) a ética do cuidado exige em contrapartida a adoção de políticas do cuidado voltadas para a educação e só com ela podemos garantir a sustentabilidade do planeta;

n) a participação popular na gestão ecomuseológica e comunitária contribui para a afirmação de uma museologia cooperativa e libertadora, em que o poder decisório necessita emanar da comunidade, a fim de provocar senso crítico da própria realidade e transformar os atores sociais, garantindo o empoderamento;

m) e que as capacitações das lideranças locais utilizam a museologia como instrumento político e mantenedor de direitos;

Apresentamos a resposta coletiva às quatro questões propostas pelo IV EIEMC no texto provocativo “A CAPACITAÇÃO: práticas e tentativas de teorização”, baseada nos relatos das experiências dos participantes:

➤ Como as comunidades compreendem e usam o seu patrimônio?

As comunidades se apropriam dos patrimônios quando reconhecem o seu valor, pois sabem o que querem para eles mesmos, decidindo o que eles querem dentro da sua própria comunidade. Para isso educam crianças, jovens e adultos, de modo que reconheçam e compreendam esse patrimônio e o utilizem para seu próprio benefício.

➤ De que modo o patrimônio pode ser para a comunidade um gerador de rendas?

A partir do trabalho que é realizado nas comunidades, na identificação do patrimônio e valorização. O patrimônio é visto como gerador de renda quando é originado do processo de construção do conhecimento, percepção e inclusão no contexto social. Deve-se ter uma construção e consolidação da identidade, pois havendo o mapeamento da história local, sendo determinadas quais as raízes e os principais traços culturais, através dessa memória transversal pode-se identificar o fazer para geração de renda. Nem sempre essa ação está relacionada ao desenvolvimento econômico da comunidade e sim ao cuidar da qualidade de vida, com a preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural, valorizando a auto-estima e identidade cultural, que acabam por se perder com a chegada de novas comunidades. Mas quando esse patrimônio gera rendas, simultaneamente ocorre uma maior valorização e visibilidade desse patrimônio. Lidar com o patrimônio da comunidade provoca a construção de uma visão sistêmica de seu território, pois caso não seja realizado desta maneira, ocorre a repetição dos processos contrários aos da museologia comunitária: a geração de renda se torna comprometida e dependente do mercado. Portanto, é possível trabalhar com a necessidade das comunidades na esfera econômica, desde que se capacitem quanto aos valores tanto do local quanto do global.

➤ Como capacitar uma comunidade para o desenvolvimento local, usando o patrimônio como recurso?

É necessário a afinidade com o trabalho, despertando a sensibilidade, a vivência do dia-a-dia, aprendendo a exercitar a escuta do outro, avaliando que contribuições oferecer,

mais ainda que escutar, reconhecer com humildade a riqueza que a troca de saberes pode oferecer e fazer essa comunidade dialogar com o patrimônio de seus conhecimentos. A própria necessidade de qualificação vem no decorrer da capacitação, na busca de uma maior valorização do produto. Essa capacitação pode ocorrer na forma de visitas a campo, em oficinas práticas, onde o saber popular e o saber acadêmico têm oportunidades de interagir e se completar.

➤ Como tornar essa comunidade gestora de seu patrimônio e a manter-se autossustentável?

A comunidade somente vai se tornar gestora de seu patrimônio, se esta estiver identificada e tiver relação com a sua história ou memória, o que passa na questão da capacitação e tem muito a ver com a autoestima e o reconhecimento do seu próprio patrimônio: as pessoas se reconhecem dentro do grupo e são chamadas para expor seus problemas, e, na sequência, discute-se sobre suas esperanças e sobre o caminho a seguir, exercendo a cidadania, de entender-se e perceber-se como um agente de mudança, seja na questão da renda seja na melhoria da qualidade de vida. Essas capacitações devem envolver crianças, jovens e comunidade/lideranças comunitárias, em reuniões abertas realizadas por eles, facilitando a liberdade de comunicação, a tomada de decisões e após o consenso (definição das escolhas), estas são anunciadas e levadas aos órgãos competentes para orientar a gestão. Assim, a comunidade, através da participação organizada e democrática, pode contribuir na gestão do patrimônio, auxiliada pela universidade. Porém, será preciso garantir a autonomia das comunidades, o direito de cobrar dos poderes públicos a participação das comunidades na gestão do patrimônio. A autossustentabilidade é uma consequência do desenvolvimento comunitário.

Para refletir esse acúmulo de respostas na trajetória, discussão e da relação da prática com a teoria e medidas que podem ser tomadas para quantificar estes impactos efetivamente alcançados por nossas experiências, e quais medidas podem conseguir necessariamente condensar de forma ampla social e economicamente em benefício das comunidades, elegemos resumidamente as ações realizadas pelo Ecomuseu da Amazônia, como catalisador de práticas culturais e sustentáveis do Patrimônio Comunitário, como principais eixos da CARTA DE CARATATEUA: as capacitações exitosas em Cultura, Ambiente, Turismo e Cidadania que adotamos para toda a Museologia Comunitária e Ecomuseologia, norteando os horizontes de nossas experiências criadoras, participativas, pedagógicas e libertadoras.

Ilha de Caratateua, 16 de junho de 2012.